

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-graduação em Letras
Mestrado



Dissertação

A CONSTRUÇÃO DA SIGNIFICÂNCIA EM LETRAS DE CANÇÕES

ANA ROSA SAAD RIZZO

Pelotas, 2019

ANA ROSA SAAD RIZZO

A CONSTRUÇÃO DA SIGNIFICÂNCIA EM LETRAS DE CANÇÕES

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Daiane Neumann

Pelotas, 2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

R627c Rizzo, Ana Rosa Saad

A construção da significância em letras de canções / Ana Rosa Saad Rizzo ; Daiane Neumann, orientadora. — Pelotas, 2019.

107 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Sentido. 2. Discurso. 3. Significância. 4. Letras de canções. I. Neumann, Daiane, orient. II. Título.

CDD : 809

Elaborada por Maria Inez Figueiredo Figas Machado CRB: 10/1612

Ana Rosa Saad Rizo

A Construção da Significância em Canções

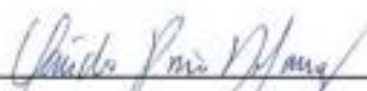
Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de concentração Estudos da Linguagem do programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas.

Pelotas, 30 de agosto de 2019

Banca examinadora:



Profa. Dra. DAIANE NEUMANN
Orientadora/Presidente da banca
Universidade Federal de Pelotas



Prof. Dr. CLÁUDIO PRIMO DELANOY
Membro da Banca

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul



Profa. Dra. JANAÍNA CARDOSO BRUM
Membro da Banca
Universidade Federal de Pelotas

Dedico esta dissertação ao meu padrinho, Idriss Mohamad Mohsen, que recentemente tornou-se um astro a me iluminar do alto, e às estrelas próximas que inspiram o meu despertar: minha sobrinha, Isadora, minha afilhada, Isis, e seu irmão, Enrico, que em breve chegará para agregar luz e amor aos nossos dias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e a todos os meus intercessores celestiais – sobretudo ao meu anjo da guarda –, que me fortaleceram e me inspiraram nessa trajetória.

À minha mãe, Nahra Saad Rizzo, por estar SEMPRE ao meu lado, me cuidando, incentivando e amortecendo as minhas quedas com doses elevadas de amor. Ao meu pai, Ricardo Ferreira Rizzo, por todo o zelo, apoio e carinho que me destinou para que eu concluísse este trabalho. Minha imensa gratidão. Essa conquista também é de vocês.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Daiane Neumann, que me acolheu mesmo com toda a minha imaturidade na iniciação científica e me conduziu com paciência na pesquisa, sempre com correções atentas e detalhistas que possibilitaram meu crescimento acadêmico e dissertativo.

À Prof.^a Dr.^a Janaína Cardoso Brum e ao Prof. Dr. Cláudio Primo Delanoy pelas valiosas sugestões no exame de qualificação desta dissertação.

À Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Freitas Brisolara que, ainda na graduação, apresentou-me os estudos do sentido, linha pela qual me apaixonei e decidi aprofundar-me.

À minha irmã, Rosana Saad, que sempre me mostrou com seu exemplo que os frutos do estudo jamais me serão tomados.

À minha amada sobrinha, Isadora Saad Lopes, que na pequenez de sua infância possui a sabedoria de uma anciã, presenteando-me sempre com um “– Vai passar, ‘Quiquia’...” nos momentos de cansaço e desânimo.

A todos da família Saad que compartilharam comigo esse tempo de angústia, mas também de crescimento. Em especial: Luciana, Indira, Suraia e Fairuz.

Às amigas e intercessoras terrenas que sempre compreenderam minha ausência, meu humor – por vezes espinhoso – e nunca se afastaram da minha vida. Em especial: Alessandra Lima, Alessandra Weber, Bianca Molon, Bruna Molon, Bruna Valle, Dana Milena Nogueira, Débora Santos, Edenir Cesário, Jordana Jordão e Maria Carolina Jardim.

À minha amiga e colega de mestrado, Franciele Collovini, que não poupava conselhos, ajuda e torcida para que eu não desistisse.

Ao André Westphalen e à Liliane Westphalen por me proporcionarem, no princípio do curso, os livros-base para a realização deste trabalho.

À minha psicóloga, Tatiana Medina, pela escuta atenta, análise detalhada, compreensão profunda e conselhos carinhosos nos momentos de insegurança quanto ao meu futuro profissional.

Aos meus orientadores espirituais, Pe. Raphael Colvara Pinto e Pe. Gil Raul Pereira Jr., por me auxiliarem a compreender e a aceitar as dificuldades da vida – que não deixaram de aparecer durante esse processo de escrita – buscando em Deus refúgio e exemplo.

Ao Movimento de Emaús da Diocese de Rio Grande/ RS, comunidade que me acolhe e fortifica. Em especial, ao Grupo de Emaús Santo André que acompanhou a reta final deste árduo trabalho.

*“Bendita seja a crise que te faz crescer, a queda que te faz
olhar para o céu, o problema que te faz buscar a Deus.”
(São Pio de Pietrelcina)*

Resumo

Neste trabalho, propomo-nos a refletir sobre como se constrói a significância no discurso. Para isso, apresentaremos um panorama histórico dos estudos sobre semântica. Tal panorama observa os distintos pontos de vista que diferentes linguistas utilizam para refletir acerca do sentido na língua. Em seguida, discutiremos a noção de signo linguístico e valor linguístico pela ótica de Ferdinand de Saussure e relacionaremos essas noções com as questões de sentido abordadas por Émile Benveniste. Posteriormente, examinaremos como esses conceitos contribuem para o estudo do sentido e, assim, colaboram com uma reflexão distinta em relação aos autores apresentados no primeiro capítulo. Perceber-se-á que para Benveniste cada signo possui um sentido no sistema que pode ser alterado dependendo do discurso em que se insere. Assim, Benveniste sugere que a cada vez que se insere um signo no discurso, ele ganha um novo valor, único e irrepetível. Posteriormente, Henri Meschonnic, que no trabalho trazemos a partir de Dessons (2006) e Neumann (2014), (2016) e (2017), irá propor que em cada discurso se constrói um sistema, e a significância é esse valor dentro do sistema do discurso. Ao fim, examinaremos cinco letras de canções, na quais mostraremos a possibilidade de realizar uma análise que não dissocie forma e sentido, questão muito discutida por Émile Benveniste. Além disso, as análises apresentam a construção da significância, expondo como os sentidos dos discursos se constroem de forma única e singular em cada canção, através de uma análise que considere a sintagmática e a paradigmática de cada sistema de discurso, observando, por exemplo, os ecos prosódicos, as rimas e as repetições.

Palavras-chave: sentido; discurso; significância; letras de canções.

Abstract

In this paper, we propose a discussion about how to build significance in the discourse. For such, a historic panorama on the semantic studies will be presented. The panorama shows the distinct points of view that are used by different linguists to think about the language. Afterward, the concepts of the linguistic sign and the linguistic value will be discussed in a Saussurean perspective. These concepts will be related to those of sense approached by Émile Benveniste. Following, we will examine how these concepts contribute to the study of meaning and thus contribute to a different perception concerning the authors presented in the first chapter. It is noticeable that for Benveniste, each sign has a system that can be changed depending on the discourse it is inserted. Thus, according to Benveniste, each time a sign is inserted into discourse; it acquires a new value, unique and unrepeatable. Later, Henri Meschonnic, which studies are mentioned by Dessons (2006) and Neumann (2014), (2016) and (2017), will suggest that a system is built in every discourse, adding that the significance is this value within the discourse system. In the end, we will analyze five songs by meaning and form together, a matter greatly discussed by Émile Benveniste. Besides that, the analyzes present the production of significance, exposing how the meanings of discourses are uniquely and singularly constructed in each song, through an analysis that considers the syntagmatic and paradigmatic of each discourse system, observing, for example, prosodic echoes, rhymes, and repetitions.

Keywords: Sense; Discourse; Significance; Songs

Sumário

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1 OS ESTUDOS DO SENTIDO.....	13
1.1 Sentido e vontade	14
1.2 Vontade de verdade	16
1.2.1 Sentido: ambiguidade e vaguidade	20
1.3 Sentido e atos de fala.....	22
2 O SENTIDO NA LINGUAGEM: A CONSTRUÇÃO DA NOÇÃO DE SIGNIFICÂNCIA	30
2.1 O sentido em Saussure.....	30
2.1.1 Sistema e sociedade	31
2.1.2 Sistema e valor	33
2.2 As noções de sentido, significação e significância em Benveniste.....	45
2.2.1 Significação	45
2.2.2 Sentido	59
2.2.3 Significância	69
2.2.4 A particularidade de Émile Benveniste	74
2.3 A particularidade da noção de sentido em Saussure e Benveniste	78
3 A CONSTRUÇÃO DA SIGNIFICÂNCIA A PARTIR DA POÉTICA DO DISCURSO DE MESCHONNIC.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
3.1 Análises de letras de canções.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Diariamente, somos expostos a diferentes discursos que exigem que nossa compreensão textual seja capaz de estabelecer conexões que se encontram em um eixo virtual de significados. No entanto, muitas vezes não as alcançamos e, portanto, não compreendemos níveis mais sutis de relações e tampouco realizamos inferências que complementaríamos a riqueza de sentidos desses discursos.

É pensando nisso que este trabalho volta-se à reflexão de como as habilidades de leitura podem ser trabalhadas e aprimoradas, a fim de que se possa ler e observar os discursos que circundam pela sociedade com maior profundidade. Para tanto, o estudo considera a construção de sentidos que emergem de discursos encontrados em textos que exploram a função poética da linguagem¹, mais especificamente em letras de canções.

Com isso, objetivamos compreender o pensamento de Émile Benveniste e posteriormente atualizado por Henri Meschonnic acerca das noções que envolvem o sentido (*o sentido, a significação e a significância*). Tendo compreendido isso, a proposta é analisar como essa significância pode ser observada na prática, favorecendo e ampliando diversas possibilidades de leitura.

Com foco no desenvolvimento desta dissertação, no primeiro capítulo, trataremos as noções de sentido e semântica, desde Michel Bréal, um dos precursores desses estudos, passando por outros semanticistas como Ruth Kempson (1980), em *Teoria Semântica*, e John Austin (1990), em *Quando dizer é fazer: palavras em ação*. A passagem por tais autores tem o intuito de mostrar como a noção de sentido foi tratada ao longo da história dos estudos linguísticos, a fim de que possamos discutir acerca da especificidade da noção de significância de que nos utilizaremos no trabalho.

Para Bréal (1992), por exemplo, a noção de sentido se liga à noção de vontade porque acredita que os indivíduos compreendem o mundo através de suas crenças e anseios e produzem o sentido a partir desse mesmo viés. Para Kempson (1980), uma sentença só possui sentido se for possível verificar a veracidade. Ela

¹ De acordo com Roman Jakobson, a função poética da linguagem se estabelece quando a intenção é dar ênfase ao código ou à mensagem, mas não se restringe apenas à poesia. “Essa função poética, entretanto, não se confina à poesia. Há uma diferença na hierarquia: tal função pode estar subordinada e outras funções ou, ao contrário, aparecer como a função central, organizadora, da mensagem.” (JAKOBSON, 2007, p. 20)

busca a pureza de significados. E para Austin (1990), o estudo do sentido leva à distinção entre enunciados performativos e enunciados constativos.

No segundo capítulo deste estudo, mostramos como se dá a construção da significância no discurso através das leituras de *Problemas de Linguística Geral I e II*, de Émile Benveniste, e, posteriormente, recuperada e atualizada por Gérard Dessons.

No entanto, antes de abordarmos os conceitos de Benveniste, visitaremos o *Curso de Linguística Geral* (2004) – CLG (ano), de Ferdinand de Saussure, pois, ao tratar questões de *língua, sociedade, sistema, signo linguístico, arbitrariedade, valor, relações sintagmáticas e associativas*, observar-se-á que são fornecidas as bases para compreender a noção de significância proposta pelo linguista sírio anteriormente citado.

Em seguida, faremos um resgate dos usos dos termos “significação”, “sentido” e “significância” nas obras de *Problemas de Linguística Geral I e II*, de Émile Benveniste, pois se sabe que, de modo geral, esses conceitos tendem a ser usados genericamente. Com essa reflexão, perceberemos que o autor vai adiante nos estudos realizados por Ferdinand de Saussure, pois sua concepção de linguagem propõe repensar a língua enquanto sistema. Para fazer esse percurso, será utilizado como apoio o trabalho de Gérard Dessons.

Desse modo, perceberemos que, ao estudar os conceitos acima, haverá uma significativa mudança na concepção de língua. Por essa razão, calcamo-nos em Benveniste para buscar uma proposta que mantenha as questões formais da língua unidas às questões de sentido. Conforme destaca o linguista, forma e sentido “devem definir-se um pelo outro e devem articular-se juntos em toda a extensão da língua. As suas relações parecem-nos implicadas na própria estrutura dos níveis e na das funções que a elas correspondem, que aqui designamos *constituente e integrante*” (BENVENISTE, 2005, p.135, grifos do autor).

Nesse contexto, apresentaremos nossa reflexão sobre a importância da compreensão de como se dá a construção da significância para as discussões acerca da língua. Para alcançar esse propósito, analisaremos letras de canções que demonstram como a subjetividade da língua é constituidora do sentido juntamente com as relações entre forma e sentido, bem como de que forma pode-se observar tais questões nas análises de textos. É então que verificaremos que o eixo

paradigmático e sintagmático são constituidores do sistema do discurso e por sua vez, a análise dos mesmos é fundamental para a elaboração da significância.

Após essa breve exposição sobre a organização deste trabalho, e conforme exposto anteriormente, iniciaremos, na sequência, com a observação das diferentes perspectivas sobre sentido e semântica ao longo da história dos estudos da linguagem, desde quando e por quem esses conceitos foram arquitetados.

1 OS ESTUDOS DO SENTIDO

Este capítulo apresenta um panorama dos estudos do sentido, mostrando por quais vertentes ele seguiu e quais foram seus precursores. Esse aprofundamento é importante para que consigamos compreender as discussões que podem ser consideradas sobre sentido e semântica, e quais caminhos os linguistas aqui mencionados seguiram. Ademais, o estabelecimento desse histórico possibilita uma reflexão mais bem fundamentada para compreender as bases da proposta teórica a que nos filiaremos nesta dissertação, já que elucidaremos nosso ponto de vista através da contraposição com as reflexões que permeiam o campo da semântica.

Na primeira seção deste capítulo, nossa reflexão tem seu foco no envolvimento de crenças e vontade na reprodução e na compreensão do sentido. Michel Bréal considera que o desenvolvimento da história do mundo não pode ser dissociado dos sentidos que se evocam dos enunciados, pois eles interferem diretamente no modo como sociedade e cultura evoluem. A maneira como o sentido interpela a sociedade também atinge diretamente o indivíduo histórico-social que, ao externar suas vontades e seus anseios através da linguagem, produz as mudanças que se multiplicam ao longo do tempo. Nessa perspectiva, também trazemos neste capítulo o elemento subjetivo, unidade que é responsável por definir, nas sentenças, as expressões mais individuais que espelham as vontades, as intenções e os sentimentos do sujeito que fala.

Na seção seguinte, será discutida a noção de filtros de verdade, abordados por Ruth Kempson (1980). A autora realiza considerações a respeito da existência de uma verdade e do quão ela pode ser verificada através de fórmulas que abrigam hipóteses de condicionalidade relacionadas à realidade que é dada aprioristicamente. No entanto, Kempson também sugere cautela ao aplicar os filtros, pois, ao deslocar demais as sentenças para analisar a pureza da verdade, corre-se o risco de perder o contexto, elemento crucial para a compreensão do sentido de uma sentença.

Posteriormente, serão consideradas a ambiguidade e a vaguidade na concepção de Kempson (1980), isso porque, após refletirmos sobre os filtros de verdade, acreditamos ser importante apresentar outro tipo de teste que será proposto pela autora, que pode auxiliar a distinguir os casos de ambiguidade e a

vaguidade de algumas sentenças. Essa seção auxiliará na elucidação e no aprofundamento da concepção de sentido de Kempson.

Na última seção, será discutida a teoria de John Austin sobre os atos de fala. O que estará em voga serão as sentenças que, ao serem enunciadas, estão também realizando uma ação. A análise das sentenças, realizada pelo linguista, busca elucidar como estão atreladas aos acontecimentos que ocorrem junto com o proferimento e que, diferentemente de sentenças mais comuns (constativas), não estão sujeitas ao filtro de verdade, pois são o próprio fazer.

Para iniciar a reflexão, passaremos à primeira seção que, como exposto anteriormente, trata da discussão de *sentido* e *vontade*, conforme proposta por Michel Bréal.

1.1 Sentido e vontade

Para introduzir a discussão, apresentamos reflexões acerca do *Ensaio de Semântica*, de Michel Bréal². Quando inicia seus estudos sobre semântica e sentido, Bréal (1992) propõe que a forma de ver a história e o desenvolvimento da linguagem influencia diretamente no modo de conceber o sentido. Dessa forma, por ser histórica, a linguagem progride de acordo com a época em que é analisada. A linguagem é também um dos principais meios de construção da civilização, reside na progressão do intelecto e na somatização de inteligência, tecendo-se, assim, com o aceite, a convenção e a vontade dos cidadãos.

Assim, ao discorrer acerca da vontade, Bréal (1992) postula que essa é a grande motivadora da mudança, do desenvolvimento da linguagem e que não é consciente e nem totalmente velada, mas algo intrínseco e espontâneo do sujeito e da sociedade. De acordo com o autor, essa vontade surge do desejo de ser compreendido e faz com que a linguagem se reinvente e se aperfeiçoe até o indivíduo alcançar esse objetivo.

É importante destacar que essa vontade difere de intenção, visto que o próprio autor aplica um sentido peculiar a essa última, que é mais próxima da persuasão. Ou seja, o linguista busca compreender qual é o objetivo do falante ao

² Fundador da semântica moderna, desenvolveu seus trabalhos na segunda metade do século XIX.

utilizar o discurso de determinada maneira e reformulá-lo até sentir-se compreendido e, muitas vezes, satisfeito com o impacto causado no interlocutor.

Logo, é dessa forma que vontade e inteligência se conectam no intuito de promover as mudanças e civilizar a sociedade. É assim que o sujeito aplica sua vontade ao mundo, através do uso da inteligência. Desse modo, Bréal (1992) postula que a evolução e o progresso da linguagem não são algo natural e mecânico, mas perpassam, sobretudo, a ideia de fazer-se entender, e a essência disso nada mais é do que o sentido que se quer evocar, através do que se diz e de como se diz.

Segundo Guimarães (2005), os estudos do sentido iniciam no interior de levantamentos filosóficos. Paralelo a isso têm-se os estudos feitos pelos gramáticos latinos e hindus, e, por fim, a gramática de Port-Royal, que passou a ser crucial para os estudos da linguagem.

Para o mesmo autor, Bréal, na continuidade dos estudos do sentido, teria destacado que não é possível enxergar as palavras, de forma separada e excludente, visto que elas ganham sentido próprio em determinada sentença de acordo com as palavras que estão à sua volta (GUIMARÃES, 2005).

Então, é nesse momento que Bréal (1992) constitui a semântica como a disciplina das significações, opondo-se ao naturalismo da época, que apenas considerava sons, formas, morfologia e sintaxe. O semanticista mostra que até mesmo esses últimos elementos se constroem através do sentido que evocam de acordo com as sentenças que são criadas. A exemplo disso, resgata, para discordar, a explicação formal que alguns gramáticos mecanicistas dão para as transformações do latim nas línguas românicas.

O que concluímos após a leitura de Bréal (1992) é que os traços gramaticais são constituídos de valor semântico e que, de acordo com a *lei da especialidade*, um traço passa a substituir outros porque há uma necessidade e uma tendência de fazer-se compreender com a maior clareza possível e sem grande esforço. Por isso, acumula-se em uma unidade (traço gramatical) diferentes valores polissêmicos.

Sob esse ponto de vista, Bréal compreende que a linguagem humana intervém na sociedade e, dessa forma, assim como a humanidade, a linguagem também é histórica.

Bréal (1992) levanta a questão do elemento subjetivo e, com isso, discute sobre como o indivíduo faz para marcar suas ações e sentimentos dentro do

discurso, quais unidades semânticas utiliza para isso e quais formas sintáticas acrescentam um sentido próprio no dizer. As unidades às quais Bréal refere-se são os advérbios, os adjetivos e outras formas que o enunciador utiliza para apreciar suas próprias ideias.

Para exemplificar, o autor cita a seguinte sentença “um descarrilamento ocorreu ontem na linha Paris-Havre, interrompendo a circulação durante três horas, mas *felizmente* não causou nenhum acidente com pessoas” (BRÉAL, 1992, p.157). Com esse exemplo, podemos notar que a palavra “felizmente” refere-se tão somente ao sentimento do narrador em relação ao fato de não haver vítimas.

Desse modo, quando o sujeito insere seus sentimentos, ponderações, convicções etc., dentro de seu discurso, acaba por incluir também a vontade e a inteligência que, como salientado por Bréal (1992) anteriormente, inserem-se na historicidade da linguagem e a fazem progredir.

Assim, podemos perceber que, para esse autor, língua e sociedade pertencem a sistemas diferentes, mas um constrói e se espelha através do outro, como se cada sistema alimentasse o outro, formando uma cadeia que faz com que a história progrida de acordo com a motivação desses diferentes sistemas. Essa discussão sobre sentido, conforme poderá ser observado na seção seguinte, difere em muitos pontos daquela proposta por Kempson (1980).

1.2 Vontade de verdade

Conforme observamos na seção anterior, para Bréal (1992), a maneira como nos colocamos interfere diretamente na construção social. Para Ruth Kempson (1980), no entanto, é válido refletir acerca da veracidade das sentenças que enunciamos, pois, se é a partir delas que a sociedade evolui e se modifica, é preciso estar atento para a consideração de se o que é dito possui valor de verdade e qual a importância disso na sociedade. Em *Teoria Semântica*, Kempson parte da teoria de Alfred Tarski, que propõe pensar acerca de quais fatores interferem para que o sentido se faça real e também sobre quais fatores podem torná-lo verdadeiro.

Tarski (1933, *apud* Kempson, 1980) sugere que há um filtro de verdade e apresenta, ainda, uma fórmula para ser aplicada às sentenças, a qual auxiliará na verificação da veracidade ou da possibilidade de as mesmas serem verdadeiras. Os desdobramentos das análises frasais de Tarski são levantadas na obra supracitada.

Kempson (1980) destaca que, para saber o significado/sentido de uma sentença, é preciso saber em que condições e circunstâncias ela se revela. A autora apresenta o exemplo clássico de Alfred Tarski, que expõe a sentença *A neve é branca*. Tanto Kempson quanto Tarski sugerem que é preciso compreender como a sequência foi elaborada, e para isso apresentam a seguinte fórmula:

A neve é branca é verdadeira se, e somente se, a neve é branca e se todas as sentenças da linguagem couberem a essa fórmula. Teremos, então, uma teoria do significado completa, pois a soma das sentenças e dos conjuntos de condições, quando atribuída em cada frase ou oração, gera a seguinte fórmula “S é verdadeira se, e somente se, p”.

De acordo com Kempson (1980, p. 34), “na fórmula de Tarski para uma teoria da verdade, S é o nome da sentença e p é o conjunto de condições sob as quais essa sentença é verdadeira”. A autora destaca ainda que, no período em que Tarski trouxe essa teoria à tona, a primeira reação dos linguistas foi de surpresa, impaciência e incompreensão do seu propósito. No entanto, a autora frisa que esse pensamento é imprescindível para que se chegue a um conjunto semântico do que também não é dito, e que por sua vez não pode ser tomado como verdade.

Conforme destaca Guimarães (2005, p. 25):

a questão da mentira como não dizer a verdade, dizer algo que não corresponde aos fatos, torna-se decisiva para o plano teórico metodológico da semântica. A semântica veritativa tem na existência da mentira um de seus lugares de fundação. Exorcizar a mentira do campo da ciência apresenta-se como o lugar de constituição das condições da semântica formal.

Ou seja, ainda que as fórmulas de aplicabilidade para a condição de verdade pareçam óbvias, é nelas que a logicidade baseia-se para que as interpretações similares de uma sentença não distorçam o sentido que a ela pertence.

Sob esse viés, Guimarães (2005) também destaca que, na busca pela pureza da verdade, é preciso ser cauteloso ao querer considerar os elementos para a compreensão do sentido de uma sentença de modo deslocado, sendo que, em consonância com o dito anteriormente, as palavras ganham valor e sentido de acordo com a relação que estabelecem umas com as outras e com as condições de verdade que se adequam ao conjunto, à sentença.

Para esclarecer essa questão, o autor traz o exemplo de Davidson da obra *Verdade e Significado* (1967), *O homem anda*. Para a interpretação de sentido verdadeiro dessa sentença, é sugerido que seja considerado que *qualquer que seja o ser que seja homem, ele anda*. E esse mecanismo gerador da condição de verdade é expresso pelo artigo quantificador *O*.

É nessa ocasião que Guimarães (2005) expõe as distinções de verdades que podem relativizar a interpretação e o sentido dos elementos da sentença, quando adentra nas questões de verdade analítica e verdade sintética. A verdade sintética é elaborada levando em consideração os fatos do mundo, enquanto que a verdade analítica vê os fatos que estão dentro da sentença. No exemplo de Guimarães (2005), vemos que *A porta da sala do Presidente da República está fechada* só pode ser considerada como real se for levada em consideração a verdadeira existência de um presidente, que ele possui uma sala e que essa se encontra fechada.

No entanto, a verdade analítica se constrói a partir do que pode ser considerado na própria sentença, conforme exemplo do mesmo autor, *O círculo não é um triângulo*. Sabemos da veracidade dessa oração com base no significado atribuído à palavra círculo, que em si significa uma forma geométrica redonda e com a ausência de cantos; esses, por sua vez, características de um triângulo. Dessa forma, apesar das diferentes perspectivas atribuídas às condições de verdade para analisar cada sentença, ambas dizem respeito aos fatos do mundo.

Visto que Kempson (1980) sugere fórmulas para verificar a autenticidade dos fatos, notamos ser relevante trazer sua teoria no que tange às condições de verdade e ao significado das palavras, pois a autora também afirma que, se se levar em conta o significado de cada palavra de maneira independente, é possível que ocorram derivações (não necessariamente mentiras) das condições de verdade implicadas nessas sentenças.

Para elucidar essa questão, Kempson (1980) traz os seguintes exemplos de sentenças:

- (1) O gato perseguiu o cão.
- (2) O menino perseguiu sua irmã.
- (3) José perseguiu a pedra que rolava.
- (4) O gato seguiu o cão.

As expressões de (1) a (3) nos apresentam o mesmo sentido superficial, o de que o sujeito gramatical vai ao encontro do objeto gramatical – que também se move

– de forma rápida, apressada. O que caracteriza diferença de sentido entre a sentença (1) e a sentença (4) são as condições de verdade pertencentes à distinção de significado entre *perseguir* e *seguir*, visto que *seguir* não acarreta a ideia de rapidez, ligeireza.

Com esses exemplos, ficam elucidadas que pequenas derivações de sentido atribuídas às palavras modificam as condições de verdade de uma sentença, sendo um único elemento um modificador responsável pela alteração de sentido. Assim, Kempson (1980) afirma que há uma dependência mútua, pois a interpretação designada à determinada sentença depende das palavras que a compõem, mas a análise de sentido próprio e independente de tais palavras, muitas vezes, realiza o sentido total da sentença. A autora sugere, ainda, que o vínculo existente entre as palavras e as sentenças não caracteriza um círculo vicioso no qual uma sentença leva a um significado que se interpreta pelas palavras, mas, sobretudo, como uma inter-relação. Neste momento, é válido trazer a ideia de Quine em *Russell's Ontological development* (1967, *apud* Kempson, 1980), interpretada pela autora da seguinte maneira: “é o conjunto de palavras de uma linguagem que é finito e listável, e não o conjunto de sentenças”.. De acordo com Quine (p. 39):

A unidade de comunicação é a sentença e não a palavra. Esse princípio de teoria semântica foi durante muito tempo obscurecido pelo primado inegável, sob certo aspecto, das palavras. Sendo as sentenças em número ilimitado e as palavras em número limitado, necessariamente compreendemos a maioria das sentenças por construção a partir de palavras já familiares. Na realidade, não há conflito no caso. Podemos permitir às sentenças um monopólio total de “significado” em certo sentido, sem negar que o significado tem de ser construído. Podemos dizer então que conhecer palavras é saber como construir os significados das sentenças que as contêm. As definições de dicionários são simples cláusulas numa definição recursiva dos significados de sentenças. (grifo do autor)

Assim, como também observa Guimarães (2005), é preciso considerar as relações sintagmáticas entre as unidades da sentença para encontrar e construir o seu significado de maneira composicional e combinatória.

Na intenção de elucidar ainda mais a questão do sentido das sentenças, Guimarães (2005) sugere que as noções de *sentido* e *referência* sejam observadas pelo prisma de Gottlob Frege. O autor brasileiro compreende que é importante perceber a reflexão que gira em torno dos diferentes sentidos de uma mesma palavra ou sentença, ou seja, o fato de um mesmo referente abranger diferentes

sentidos. Com base no pensamento de Frege, entendemos que a relação existente entre o sentido e a referência acontece de forma arbitrária, mas se constitui no interior de uma sentença. Frege cita como exemplo as sentenças “a estrela da manhã” e “a estrela da tarde”, afirmando que a referência é a mesma, porém, o sentido se modifica, pois a sentença foi modificada. Assim, também percebemos que uma mesma forma não implica que o conteúdo seja o mesmo em todas as sentenças, pois ele se molda de acordo com o enunciado.

Dessa forma, deparamo-nos novamente com as condições de verdade de uma sentença, e lidar com a linguagem dessa forma é buscar essa verdade independentemente da maneira como apareça. Assim, conforme já foi visto, é comum que palavras semelhantes ou com o mesmo referente apresentem diferentes significados, por isso será apresentada a seguir a proposta de Ruth Kempson, para desfazer essas ambiguidades e vaguidades que podem tornar a interpretação da sentença confusa e incerta.

1.2.1 Sentido: ambiguidade e vaguidade

Nesta subseção voltamos às noções de pureza de significado de verdade. Isso porque, apesar do conceito de ambiguidade ser bem delineado, de acordo com Kempson (1980), não é tarefa simples discernir entre o que é ou não ambíguo. A problemática reside em decidir o que a ambiguidade quer representar.

A autora sugere, como exemplo, a palavra “bom”. É possível admitir que essa unidade lexical pode ser inserida em diferentes contextos com diferentes interpretações. Em seguida, a linguista questiona-se sobre se o significado do vocábulo “bom” difere de acordo com a diferença na base da avaliação, ou se esse termo corresponde a apenas um item lexical. Se a palavra “bom” for considerada isoladamente, percebemos que há uma tendência a considerá-la um item lexical único, com uma única interpretação. No entanto, se a considerarmos inserida em um contexto, existirá a possibilidade de encontrar ambiguidades em seu significado.

A linguista apresenta ainda como exemplo a sentença “Uma boa aluna”, sobre a qual podemos concluir que se trata de alguém que tem bom comportamento, que estuda com rigorosidade ou que estuda de forma desregrada, mas possui uma grande competência intelectual. No que concerne à sentença “Um bom filme”, o substantivo é adjetivado dessa forma por apresentar um alto grau de entretenimento

ou por ter aproveitamento de conteúdo por um longo período de tempo. É nesse ponto que se encontra a dificuldade de discernir se a palavra possui um significado único e neutro ou se seu valor semântico se altera de acordo com o contexto exposto. Kempson (1980) utiliza esse exemplo para mostrar o quão difícil pode ser discernir a ambiguidade daquilo que não é especificado, ou seja, da vaguidade. Para que se possa compreender melhor este último termo e suas variações, a semanticista apresenta quatro tipos de vaguidade, são eles:

(i) vaguidade referencial, quando o significado do item lexical é em princípio bastante claro, mas pode ser difícil decidir se o item pode ou não ser aplicado a certos objetos; (ii) indeterminação do significado; (iii) falta de especificação no significado de um item, quando o significado é claro, mas especificado apenas de maneira geral; (iv) disjunção na especificação do significado de um item, quando o significado envolve um enunciado e/ou entre as diferentes possibilidades de interpretação. (KEMPSON, 1980, p. 126)

Tão logo, a autora sugere um teste de ambiguidade para distinguir os casos de ambiguidade dos de vaguidade. O teste não pode basear-se nas condições de verdade vistas em seção anterior porque uma sentença pode ser ambígua, porém verdadeira em situações distintas. Por essa razão, é proposto que se resgatem os recursos anafóricos, que dizem respeito a um momento anterior da sentença analisada. Como exemplo, Kempson (1980) traz a expressão “fazer isso também”. Tal expressão é usada quando a ação descrita já foi especificada e está novamente sendo referida. Assim, o período “João bateu em José e Jasão fez isso também” implica que também Jasão bateu em José. De acordo com a autora, “o uso da expressão ‘fazer isso também’ exige identidade de significado dos dois sintagmas verbais em questão” (pág. 131). Isso quer dizer que uma frase de duplo sentido necessita receber duas representações semânticas que individualizem os dois conceitos.

Em continuidade, a linguista discute também a questão da negação. Essa questão vincula-se às condições de verdade, pois para negar-se algo é preciso apresentar alegações que comprovem que a sentença positiva não pode ser atendida. Para isso, a autora mostra o exemplo da sentença “Não era uma mulher”, que caracteriza a implicação de que o item mencionado não é do sexo feminino, ou adulto, ou humano. Assim, as sentenças negativas, de forma ampla, têm apenas

uma representação de significado, que se coloca através da separação das condições de verdade.

Contudo, a autora ressalva que esse teste de ambiguidade e vaguidade pode ser falho em alguns casos, a exemplo disso, expõe a palavra “onça”, considerada ambígua entre o item “onça” que não especifica o sexo e o item “onça” que implica uma onça fêmea. O item “onça” com o sentido de feminilidade é um hipônimo e está incluído no segundo uso mais geral de onça. Assim, a autora propõe o seguinte exemplo dentro do teste de ambiguidade e vaguidade, “Maria comprou uma onça e João também.”. Aplicando: Maria escolheu uma fêmea porque quer cuidar dos filhotes, mas João teve o cuidado de escolher um macho.

Em um primeiro momento, esse exemplo parece trazer um caso de interpretação cruzada. A primeira associação abrange o sentido mais amplo de “onça”, enquanto a segunda se vincula ao sentido mais específico. Desse modo, a autora conclui que a palavra “onça” é ambígua, pois se uma sentença é ambígua entre duas interpretações, sendo que uma é mais geral do que a outra, e incluindo-a, o teste do sintagma verbal trará sempre resultados que demonstram uma interpretação cruzada. E por esse motivo, ausência de ambiguidade, pois a sentença poderá sempre ser compreendida baseada na interpretação mais geral que permite interpretações cruzadas. Isso significa que quando uma sentença é ambígua entre duas dessas interpretações, não passará no teste de ambiguidade, como se fosse por omissão. Por essa razão é que aqui, nesse caso dado como exemplo, o teste de vaguidade e ambiguidade não é satisfatório para mostrar a pureza do significado da sentença.

Em seguida, conforme propõe Breál (1992), discutiremos sobre o fato de que não é somente na sociedade que o dizer do homem interfere, mas também quando se dirige ao outro, já que o indivíduo utiliza uma sentença persuasiva para convencê-lo acerca daquilo que propõe. O enunciador possui controle do que diz e o diz colocando-se no lugar do ouvinte. Pensa, muitas vezes, nas vivências de seu interlocutor e, imaginando como irá interpretá-lo, molda o seu dizer para que seja compreendido e aceito. Além disso, muitas vezes, o dizer implica a realização de uma ação, o dizer é a própria ação que frequentemente tem também a única intenção de provocar determinada resposta do interlocutor.

1.3 Sentido e atos de fala

Guimarães (2005) aponta que o contexto que teria sido deixado de lado nos estudos de Saussure referia-se à maneira como o sentido é visto em relação àquele que fala. Aqui, não consideramos como o sentido se relaciona com o mundo, como abordaram as questões do estudo de lógica de Tarski, mas sobretudo como o sujeito enunciador faz para verbalizar suas intenções ao seu interlocutor. Discutimos acerca de um locutor que tem ciência do que irá comunicar, fazendo uso da linguagem como ferramenta para expressar suas ideias, até que tenha êxito de atingir seu destinatário da forma como melhor lhe convier para chegar ao seu objetivo.

Segundo Paul Grice, em *Meaning* (1957, *apud* Guimarães, 2005), há dois tipos de sentido em um enunciado, um deles é o sentido natural, e o outro, o sentido não natural (sentido_{nn}). O sentido natural é o que se pode dizer daquele mais próximo do sentido literal. Conforme exemplo trazido por Guimarães (2005), ao vermos uma pegada de cachorro, a primeira ideia que surge é a de que por aquele local passou um cachorro. O sentido não natural, por sua vez, é aquele que não vem espontaneamente em nosso cognitivo e depende da relação do ouvinte com aquele que fala, pois vai ao encontro de outras relações que a mente do interlocutor faz com a linguagem. Se alguém diz “nesta casa há um cachorro, tome cuidado”, temos a certeza da existência de um cachorro e, com o adendo do “tome cuidado”, sabemos que esse cachorro pode ser perigoso, pois o simples fato do aviso da existência do cão já denota que há algo que se sobrepõe ao normal e que exige cuidado. Nessa perspectiva, é relevante conhecer o ouvinte. Aquilo que se diz é dito em função de saber determinadas características do interlocutor, e assim organiza-se uma fala para que seja efetiva, como dito anteriormente.

Grice, conforme Guimarães (2005), formula, então, a chamada análise conversacional que, semelhante às lógicas criadas por Tarski, cria um raciocínio feito pelo ouvinte a partir do que é dito pelo interlocutor. Vemos, então, a seguinte sentença: “Eu tenho um cachorro em casa”.

O que está sendo dito pode ser interpretado pelo ouvinte? Para refutar essa questão é preciso levar em conta que o sentido e a ideia do que quer ser transmitido deve ser interpretado da forma mais exata, ou seja, deve-se buscar o que essa sentença significa independentemente do contexto discursivo em que seja utilizada. No entanto, há de levar-se em consideração a situação em que o enunciado está sendo emitido, que é diferente do contexto discursivo, pois ela está interligada com

fatores que norteiam essa conversação. Desses, destacamos o *princípio da cooperação* que, como mostra Grice (1967, p. 86 *apud* Guimarães, 2005, p. 32), é baseado no princípio de que se deve fazer a “contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que se está engajado”.

Esse princípio de cooperação obedece ao que Grice chama de *máximas conversacionais*, que resumiremos da maneira exposta na sequência. Quantidade: “faça sua fala exatamente na medida informacional para ser compreendido”; Qualidade: “diga apenas o que julgar verdadeiro e acreditar importante para ser compreendido”; Relação: “exponha apenas o que for oportuno”; Modo: “não deixe questões subentendidas, utilize-se de clareza, objetividade, ordem e brevidade”.

Dessa forma, o raciocínio do ouvinte alcança de modo reto o objetivo do emissor ao pronunciar determinada sentença, pois o ouvinte sempre procura um motivo no que está sendo dito. Para Guimarães (2005), essa maneira de encarar o sentido permite interpretar que os enunciados possuem um sentido literal, mas, dependendo da situação em que são veiculados, podem ter um sentido específico.

Charles Morris afirma que ter a ciência da utilização de determinados signos faz com que o enunciador saiba utilizá-los e também prever como o receptor irá interpretá-los, e isso o leva a ter determinado controle sobre o seu dizer. O locutor interfere, portanto, na comunidade.

No capítulo “Significado e uso da linguagem” de Teoria Semântica, escrito por Ruth Kempson, temos uma introdução com os conceitos de Bloomfield, para quem a linguagem é um meio comunicativo, no qual deve ser levado em conta o significado nas línguas naturais. Bloomfield suscitou a ideia de que era preciso ter o campo linguístico como uma ciência, pois somente isso faria com que o significado de determinada forma linguística fosse avaliado com elementos importantes e científicos da situação em que estivesse sendo proferido. O autor, então, analisou três pontos constituintes do dizer: estímulo do falante; proferimento (= resposta do falante e estímulo do ouvinte); resposta do ouvinte.

De acordo com Kempson (1980), podemos resumir a lógica da relação desses pontos, mostrando que a peculiaridade de Bloomfield nessa questão permeia a de que o significado de um proferimento consiste no estímulo do falante e, posteriormente, na resposta do ouvinte. Percebe-se, no entanto, que Bloomfield não foi o único a defender essa teoria behaviorista do significado, a autora mostra que

Quine também concorda com uma concepção do significado como estímulo-resposta. Contudo, ainda que diversas teorias com esse viés comportamental tenham sido defendidas por diversos teóricos, todas elas tenderam ao fracasso. Isso porque as noções behavioristas do significado são de natureza anacrônica, ou seja, utilizam-se de meios teóricos em que é possível realizar uma observação, porém os conceitos não são analisáveis, o que faz com que os resultados entrem em um certame demasiado empírico. Assim, segundo Kempson (1980, p. 57-58), esse estudo é válido para sugerir “como a interpretação de uma linguagem não pode ser reduzida a elementos não-linguísticos da situação de comunicação”, mas sim deve levar em conta questões situacionais.

Desse modo, conforme a mesma autora, devido a apresentar-se como uma alternativa das teorias behavioristas do significado, a semântica do ato de fala não deve ser menosprezada, pois não pretende diagnosticar apenas questões que podem ser observáveis, mas, sobretudo, as de natureza abstrata. O centro da semântica do ato de fala perpassa pelo fato de que se utiliza a linguagem para fazer. Ao dizer, faz-se, produz-se, impõe-se, concorda-se, promete-se, etc. (KEMPSON, 1980, p. 57-58).

John Austin, em sua obra *Quando dizer é fazer: palavras e ação* (1990), salienta que, por muito tempo, os filósofos aceitavam a ideia de que a função de uma declaração era a de tão somente descrever o estado ou o modo de alguma coisa, ou contar o acontecimento de um fato, e que tal declaração deveria ser notoriamente observada como verdadeira ou falsa. Em contraposição, Austin mostra que os gramáticos já percebiam que nem sempre as declarações são realizadas da forma e com a finalidade que os filósofos propunham. Os gramáticos traziam à tona a ideia de que declarações também poderiam ser vistas como interrogações e exclamações, assim como poderiam expressar ordens, anseios e consentimentos. É nesse ponto que o autor levanta o seguinte questionamento: “Como decidir qual é a pergunta, qual é a ordem, qual é a declaração. Quais são os limites e definições de cada uma?” (AUSTIN, ano, p. 22).

As primeiras investigações, no que tange a esse questionamento, surgiram através de exames rigorosos nos quais se verificava o quão verdadeira seria a declaração posta em exame. Através dessa elaboração, verificou-se que grande parte das declarações poderiam ser consideradas como o que Austin chamou de *pseudodeclarações*. Percebeu-se também que muitos desses proferimentos não

preenchem os quesitos de “declaração”, pois não possuíam o propósito de historiar ou comunicar uma informação dos fatos.

Austin (1990) observa também que, ao analisar uma declaração/sentença, podem-se reconhecer algumas palavras com grande complexidade, e que quando são inseridas em sentenças descritivas são utilizadas tão somente para indicar (e não relatar) em que circunstância alguma declaração foi realizada. Essa distinção faz com que haja dúvida quanto à veracidade da informação, motivo pelo qual o autor prefere utilizar o termo *constativo* para as declarações em que não há certeza de que sejam declarações verdadeiras ou falsas.

No entanto, em outra seção, Austin (1990, p.23-24) elenca outro tipo de proferimento. São expressões que, nas palavras do autor, “se disfarçam”, isso porque possuem características próprias que se assemelham às sentenças de declarações factuais. Esses proferimentos devem atender aos seguintes critérios: a) nada “descrevam” nem “relatem”, nem constatem, e nem sejam “verdadeiros ou falsos”. b) o proferimento da sentença é, no todo ou em parte, a realização de uma ação, que não seria normalmente descrita consistindo em dizer algo.

Como exemplos de frases que satisfaçam os critérios acima elencados, Austin (1990) traz os seguintes proferimentos: “Aceito esta mulher como minha legítima esposa” (do modo que é proferido no decurso de uma cerimônia de casamento), “Batizo este navio com o nome de Rainha Elizabeth” (quando proferido ao quebrar-se a garrafa contra o casco do navio), “Lego a meu irmão este relógio” (tal como ocorre em um testamento) e “Aposto cem cruzados como vai chover amanhã”.

Com esses exemplos, o autor conclui que, nas devidas circunstâncias, o dizer não está apenas informando, mas realizando uma ação. É por esse motivo que esses proferimentos não podem ser verificados quanto a sua veracidade ou falsidade, pois não estão relatando um acontecimento, afinal de contas, quando se utiliza a palavra “aceito” perante o juiz ou no altar, está-se de fato, casando. A esse tipo de sentença, Austin (1990) propõe chamar de *performativa*.

Guimarães (2005), no capítulo *Sentido e Ação*, afirma que, ao distinguir entre o performativo e o constativo, Austin pretendeu definir em que equação dizer é fazer alguma coisa. Guimarães demonstra com clareza que o ato performativo é aquele em que se realiza uma ação. Através dele é que fazemos o dizer. O constativo, em discordância, faz uma descrição do que é feito, do estado em que as coisas se

encontram. Dessa forma, é relevante a observância de que se o performativo é a própria ação, não se encontra sob o risco de ser julgado em sua verdade, enquanto que o constativo pode passar por esse julgamento de veracidade (GUIMARÃES, 2005).

Não obstante, o paradoxo aqui é que enquanto o constativo passa pelo julgamento de possibilidade de verdade de acordo com as noções de lógica vistas anteriormente, o performativo pode passar por inquéritos que o avaliam quanto às suas realizações, se foi ou não feito e em quais condições.

No entanto, nem sempre é tão simples diferenciar os constativos dos performativos. De acordo com Austin (1990), é preciso recuar para a base dos sentidos e analisar em que medida dizer é fazer algo. A essa ação completa de “dizer algo”, Austin chama de *ato locucionário*, e ao estudo desses atos, de *estudo de locuções*. Para o autor, o ato locucionário abre precedente para os *atos ilocutórios*, que se utiliza quando estamos perguntando ou respondendo a uma pergunta, dando alguma informação ou advertência, realizando algum anúncio, pronunciando alguma sentença, marcando algum compromisso ou fazendo uma identificação ou descrição.

De acordo com Kempson (1980), Austin demonstrou que, ao se falar determinada sentença, automaticamente há o envolvimento de três atos diferentes. O primeiro deles é o chamado ato locutório, com ele temos o fato de dizer uma sentença com determinado significado; o segundo é a escolha da ação que o locutor tem a intenção de realizar, como de louvor ou crítica, por exemplo, chamado ato ilocutório. Por fim, o terceiro ato é aquele provocativo para obter determinada resposta do ouvinte, como, por exemplo, amedrontá-lo, diverti-lo ou levá-lo a realizar qualquer atitude, é o considerado ato perlocutório.

A autora chama a atenção para a importância de distinguir o ato ilocutório do ato perlocutório, pois o último “é o efeito consequente que o falante deseja obter do ouvinte, em consequência do proferimento” (AUSTIN, 1962, p. 101 *apud* KEMPSON, 1980, p. 58). Todavia, é preciso atentar para o fato de que os atos ilocutórios não são simples consequências dos atos locutórios, o ato locutório de uma sentença abre espaço e permite que o ato ilocutório seja realizado de modo particular.

O que é relevante para o nosso estudo é perceber, conforme Guimarães (2005), que Austin realizou uma análise acerca de seus próprios estudos sobre a oposição constativo/performativo no quesito de valor de verdade. Ele centraliza a

problemática de incluir os estudos constativos entre os ilocucionais. Para isso, busca ver a possibilidade de saber se os constativos podem cair nas questões duvidosas dos perlocutivos, e a conclusão foi positiva, pois da mesma maneira que uma ordem não acontece se for emitida por um locutor que não possui condições notórias de profetizá-la, não possui efeito, nem verdade, uma afirmação emitida sob condições adversas. Por exemplo, pode não se ter certeza para afirmar, mas se pode levantar hipóteses de quantas pessoas há em determinado local movimentado, em determinado momento.

Conforme a abordagem realizada neste capítulo em reflexões acerca da semântica, em síntese, Michel Bréal (1992) acredita que há um envolvimento das crenças e das vontades dos sujeitos na reprodução e na compreensão dos sentidos, considera que o desenvolvimento histórico do mundo não acontece de modo dissociado dos sentidos que se extraem dos enunciados. Assim, a linguagem constrói a civilização e essa linguagem se tece de acordo com a aceitabilidade e a convenção da sociedade. Para Bréal, não é possível conceber as palavras de maneira excludente, pois elas ganham sentido apenas quando inseridas em alguma sentença. Exatamente nesse ponto é que esse autor estabelece a semântica como a ciência das significações. Quer dizer, as palavras ganham sentido no interior de uma sentença e motivadas pela vontade do enunciatário, o que por sua vez interfere na construção cultural e social.

No entanto, para Ruth Kempson (1980), é preciso refletir sobre a veracidade do enunciado. Também é necessário verificar o valor de verdade contido nos enunciados e, por isso, a autora propõe os filtros de verdade da teoria de Alfred Tarski, os quais sugerem que, para saber o sentido de uma sentença, é necessário conhecer as condições e circunstâncias em que foi formulada.

Por fim, sob a ótica de John Austin (1990), os enunciados tanto não podem ser considerados construtores da sociedade, conforme propõe Bréal, como também não podem passar pelos filtros de verdade (propostos por Kempson e Tarski). Isso porque o autor entende que são os enunciados que, no momento do proferimento, estão realizando uma ação. Assim, o que está em voga é como o enunciator faz para verbalizar suas intenções ao enunciatário. São os chamados *atos de fala*, que apenas funcionam no momento da verbalização.

Após o que foi discutido neste capítulo, é preciso ter claro que as ideias de Bréal (1992) vão ao encontro da construção da sociedade através da vontade dos

indivíduos. As mudanças na sociedade e na cultura acontecem pela aspiração que o falante possui de ser entendido, refazendo seu discurso até atingir seu objetivo. Assim, é claro que para Bréal o falante tem intenções objetivas. No entanto, a proposta de Kempson (1980) é a de buscar uma transparência na verdade das sentenças, através da semântica veritativa, propondo fórmulas de logicidade que têm por objetivo constatar a verdade nos enunciados. Por fim, Austin (1990) também examina a veracidade das sentenças, contudo, constata que essas escapam, pois o autor testemunha que os acontecimentos se realizam no momento do enunciado. Na tentativa de solucionar esse problema, categoriza os enunciados para que possa investigar com mais exatidão a veracidade das sentenças.

No próximo capítulo, discutiremos sobre o sentido, a partir de outro ponto de vista. Dessa forma, entenderemos como tal questão já estava presente no *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, pois posteriormente veremos que já para o autor – concebido como estruturalista pela maioria dos estudiosos da linguística – não há dissociação entre forma e sentido no sistema. Ainda no segundo capítulo, compreenderemos como se estabelece a discussão acerca da semântica para Benveniste, através da análise dos usos dos termos *significação*, *sentido* e *significância* nas obras *Problemas de Linguística Geral I e II*. Verificaremos que, para esse linguista, a semântica trata da língua em funcionamento, e na relação entre o homem e a sociedade. Em seguida, observaremos o que o diferencia dos demais autores estudados no primeiro capítulo e como isso interfere na compreensão de como se concebe o sentido nos discursos, trazendo, nas últimas seções, reflexões apresentadas por Gérard Dessoins, que auxiliarão na compreensão de que, para Benveniste, a linguagem é um sistema, e que cada enunciação é irrepetível, pois seu sentido é único devido ao fato de estar atrelado ao contexto do discurso criado pela situação de enunciação.

2 O SENTIDO NA LINGUAGEM: A CONSTRUÇÃO DA NOÇÃO DE SIGNIFICÂNCIA

Neste capítulo, revisitaremos algumas outras noções que são base para a compreensão daquelas supracitadas. Assim, retomamos o *CLG* partindo de seu *capítulo III*, no qual Saussure discute acerca do objeto da linguística. O linguista, primeiramente, esclarece que, nessa ciência, antes mesmo de adotarmos um ponto de vista e, conseqüentemente, criarmos um objeto de estudo, precisamos compreender a complexidade do mesmo.

Diferentemente de outras ciências que estudam objetos dados de antemão, na linguística, ocorre exatamente o oposto, pois é o ponto de vista que cria o objeto. Ou seja, conforme esclarece Normand (2009), qualquer descrição é feita de acordo com a delimitação de um ponto de vista, e um deles não se apresenta como superior ao outro. Ao apresentar essa nova proposta, Saussure (2012) vai de encontro aos estudos linguísticos em voga à época, que seguiam essencialmente três linhas de investigação: a tradição gramatical, a gramática comparada e a linguística histórica. Por essa razão, na seção a seguir veremos como, para Saussure, sistema e sociedade implicam um ao outro.

Nas demais seções e subseções deste capítulo, visitaremos as obras *Problemas de Linguística Geral I e II* de Émile Benveniste, a fim de analisar as ocorrências dos termos *significação*, *sentido* e *significância*. Verificaremos em que contextos elas aparecem e qual a contribuição de Benveniste sobre as questões que envolvem a semântica, sendo que a partir dessas discussões, torna-se possível discutir a noção de *significância*, pois ela é base para as análises do terceiro capítulo.

Por fim, na última seção, realizaremos uma reflexão acerca das concepções de sentido presentes em Bréal, Kempson e Austin, contrastando-as com aquelas propostas por Saussure e Benveniste. Buscaremos responder aos seguintes questionamentos: Qual a especificidade de cada uma delas? Qual o impacto das diferentes concepções de sentido para a análise dos discursos?

2.1 O sentido em Saussure

Nas subseções que seguem, discutiremos questões que circundam a noção de sentido e que contribuem para a elucidação dessa noção na obra de Ferdinand de Saussure. Para realizar tal reflexão, utilizaremos a obra intitulada *Saussure*, de Claudine Normand. Primeiramente, observaremos aspectos ligados à discussão sobre a relação entre *Sistema e sociedade*, quando revisitaremos conceitos elencados por Saussure e explicações a respeito do funcionamento da língua, de por qual motivo ela é observada por diferentes ciências e o que a configura como um sistema. Em seguida, na subseção *Sistema e valor*, verificamos como as questões de sentido e significação estão atreladas aos conceitos de sistema, e como os conceitos de valor e a arbitrariedade do signo são caros a essa discussão.

2.1.1 Sistema e sociedade

Saussure propõe a reflexão de que a linguagem possui um lado individual e outro lado social, sendo assim impossível dissociar um do outro. Em função disso, percebe-se que a cada momento a linguagem implica concomitantemente um sistema estabelecido e uma evolução, logo, a cada momento ela é uma instituição atual e um produto do passado.

Dessa forma, o linguista indica que a solução para esse problema que surge, ao considerar que existe uma diversidade de áreas possíveis nas quais se pode estudar a linguagem, seria primeiramente ocupar o terreno da língua, e a partir de então considerá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem.

É nesse momento que Saussure faz a distinção entre língua e linguagem. E, sendo esta última “física, fisiológica e psíquica, (...) pertence, além disso, ao domínio individual e ao domínio social. A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação” (SAUSSURE, 2012, p. 41). Conforme afirma Normand (2009), a língua é um conjunto de formas (léxico e construções gramaticais) potencialmente realizáveis.

Assim, de acordo com Saussure (2012), a língua constitui-se em um sistema que existe em cada cérebro, um sistema complexo, o qual somente é passível de ser compreendido através da reflexão, pois é ignorado no uso cotidiano da “massa falante” (p.117).

Para compreendermos como acontece a manifestação desse sistema, é preciso encontrar, no conjunto da linguagem, a esfera que corresponde à língua, é

preciso colocarmo-nos diante do ato individual que permite reconstruir o circuito da fala. Nas palavras de Saussure (2012, p. 43):

Suponhamos, então, duas pessoas, A e B, que conversam. O ponto de partida do circuito se situa no cérebro de uma delas, por exemplo A, em que os fatos de consciência, a que chamaremos conceitos, se acham associados às representações dos signos linguísticos ou imagens acústicas que servem para exprimi-los. Suponhamos que um dado conceito suscite no cérebro uma imagem acústica correspondente: é um fenômeno inteiramente *psíquico*, seguido, por sua vez, de um processo *fisiológico*: o cérebro transmite aos órgãos da fonação um impulso correlativo da imagem; depois, as ondas sonoras se propagam da boca de A até o ouvido de B: processo puramente *físico*. Em seguida, o circuito se prolonga em B numa ordem inversa: do ouvido ao cérebro, transmissão fisiológica da imagem acústica; no cérebro, associação psíquica dessa imagem com o conceito correspondente. Se B, por sua vez, fala, esse novo ato seguirá de seu cérebro ao de A – exatamente o mesmo curso do primeiro e passará pelas mesmas fases sucessivas.

O que Saussure propõe a partir daqui é que pensemos a língua como um sistema, assim, podemos compreender basicamente que se trata de um mecanismo no qual todos os elementos linguísticos trabalham juntos para a construção da língua. Saussure também chama de *funcionamento*, evidenciando que não é possível assimilar as unidades linguísticas fora desse sistema, pois é somente nesse local que elas se realizam e ganham existência. Querer apreendê-las fora desse contexto resulta na supressão da significação e faz com que as unidades deixem de ser linguísticas. Conforme Normand (2009, p. 50), “dizer *sistema* é definir um *interior*, uma ordem própria da língua”.

A seguir, Saussure propõe que se saia do ato individual – que é embrião da linguagem – e que se aborde o fato social. Com isso, “todos os indivíduos são assim unidos pela linguagem, estabelecer-se-á uma espécie de meio-termo; todos reproduzirão – não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente - os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos” (SAUSSURE, 2012, p. 44).

Como, então, é construída essa cristalização social? De acordo com o linguista, trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala por todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema que existe gramaticalmente nos cérebros de um conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum indivíduo especificamente e apenas na massa falante é que existe de modo completo.

É nesse ponto que Saussure distingue a língua da fala³, o que é social do que é individual. A língua é, então, um produto que o indivíduo registra passivamente, e a fala é um ato individual de vontade e inteligência.

No entanto, para compreendermos o funcionamento da língua, é essencial que analisemos o sistema. Normand (2009) aponta que para Saussure o procedimento adotado pelos linguistas deve ser estudar a língua a partir do sistema, e ela não pode ser reduzida a um instrumento de comunicação, pois ainda que o traço social seja fundamental, esse não determina, em Saussure, um ponto de vista e um método próprio.

Com isso, não há negação de que a língua seja social e que também promova a comunicação, mas essas características não podem definir a sua natureza, pois, de acordo com Saussure, a língua divide essa propriedade com diversas outras instituições. Dessa forma, o que deve interessar aos estudiosos da linguística é que ela é um sistema de signos, uma instituição a que Saussure chama de *semiológica*, porque exprime ideias e pode ser comparada à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares, etc.

Assim, até o momento podemos perceber que, na proposta de Saussure, a linguagem requer um sistema estabelecido e uma evolução. Esse sistema se manifesta através da língua pelo circuito da fala. Dessarte, Saussure (2012) propõe que se saia do ato individual e que se aborde o fato social e com isso todos os indivíduos talvez tenham um vínculo estabelecido pela linguagem e proferem relativamente os mesmos signos. Estabelecendo, então, que os signos estão inseridos na sociedade, passamos para a próxima seção, onde discutiremos como acontece essa inserção e como as questões de sentido são discutidas, considerando o sistema da língua.

2.1.2 Sistema e valor

³ “A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação (...). A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º - as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º - o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações.” (Saussure, 2012, p. 45)

Para compreendermos como o signo se estabelece, ganha vida na sociedade, Saussure fala sobre a *Natureza do signo linguístico*. Nesse capítulo do *CLG*, o linguista afirma que a língua não pode ser vista como uma simples nomenclatura, uma lista em que determinados nomes simplesmente correspondem a coisas. Contudo, ressalta que “essa visão simplista pode aproximar-nos da verdade, mostrando-nos que a unidade linguística é uma coisa dupla, constituída da união de dois termos” (SAUSSURE, 2012, p. 106).

Como observado anteriormente, no circuito da fala, as designações do signo linguístico são psíquicas e estão atreladas em nosso cérebro, através de um vínculo de associação. No entanto, é essencial deixar claro que o signo linguístico não une uma coisa e uma palavra, mas sim um conceito e uma imagem acústica. Como esclarece Saussure, “o caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem. Sem movermos os lábios ou a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema” (SAUSSURE, 2012, p. 106).

Os conceitos acima mencionados são essenciais para compreendermos como é dada a união das duas faces do signo linguístico, que é uma entidade psíquica dupla: o conceito e a imagem acústica. Esses dois termos estão estreitamente relacionados e um implica a existência do outro.

Saussure vai além quando frisa que a união geral entre conceito e imagem acústica é o que chamamos de signo, porém no uso corrente esse termo é utilizado para denominar especificamente a imagem acústica. Para não cair nesse equívoco, substitui os termos de conceito e imagem acústica por *significado* e *significante*, respectivamente.

Para compreendermos melhor o funcionamento desses dois conceitos, Saussure complementa sua explicação através da comparação com uma folha de papel:

A língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é a frente e o som é o verso; na língua, não se pode isolar nem o som do pensamento, nem o pensamento do som; isso só seria possível por uma abstração cujo resultado seria fazer a psicologia pura ou a fonologia pura. (SAUSSURE, 2012, p. 159)

Normand (2009) salienta que, em Saussure, o termo signo não é revelado sozinho, mas dentro da expressão *sistema de signos* e que atentar para isso nos faz compreender a natureza da língua por um significado diferente dos abordados até o

momento: a língua é um sistema. Assim, durante o CLG, são propostos termos que levam a identificar como esse sistema funciona, o que remete à discussão sobre as noções de *arbitrariedade*, *linearidade*, *relações sintagmáticas e associativas*, *valores e diferenças*.

De acordo com Saussure (2012), a *arbitrariedade* é o laço que une o significante ao significado, e se o produto dessa associação é o signo linguístico, pode-se dizer que o signo linguístico é arbitrário. Isso significa que não há nenhum laço pré-estabelecido entre o significante e o significado. Conforme exemplo de Saussure, qualquer outra palavra poderia denominar a ideia de *mar* que não fosse a associação da sequência de sons *m-a-r*.

Em continuidade, o autor faz uma importante observação: ainda que não haja nenhuma relação obrigatória entre significado e significante, a escolha do significante não pode decorrer da vontade do falante, pois esses signos são estabelecidos através de um grupo linguístico. Ou seja, apesar de ser imotivado – não tendo nenhum laço natural que o leve a significar determinado conceito – ele está condicionado a uma convenção linguística.

No entanto, Normand (2009) explicita que a principal leitura realizada aqui não é a de que o signo seja sempre condicionado a uma convenção linguística, esse não é um dos seus princípios, tampouco pode tornar-se um conceito principal. O essencial é que o conceito de arbitrariedade faz repensar todas as ideias comuns de que o signo linguístico seja um reflexo ou imitação do que já há.

O termo *arbitrário* só é importante porque define um sistema linguístico por um “é assim!” que deve calar qualquer consideração filosófica acerca da linguagem, o “porquê” de sua existência e de suas modalidades, e só dar lugar à descrição do funcionamento de tal ou qual língua (o “como isso se dá”). Esse *a priori* abrupto rompe com todas as considerações e discussões tradicionais sobre a natureza da linguagem (reflexo da razão ou imitação da natureza), por uma tomada de posição quanto à questão do pensamento-linguagem que substitui as metáforas de “molde” ou de “reflexo” pelo esquema de uma (misteriosa) elaboração interna. (NORMAND, 2009, p. 64-65, grifos do autor)

Ainda conforme a autora, essa clareza do princípio da arbitrariedade faz com que afastemos a noção de que o signo representa uma ideia. O estudo dessa ligação íntima entre o significante e o significado é o que possibilita opor-se ao juízo de compreender a significação de maneira dissociada da forma, como se essa última tivesse a única função de moldar ou refletir os conceitos.

Além disso, Normand (2009) aponta que, ao partir do arbitrário, afasta-se o sujeito falante de, através de sua vontade, querer impor significados ao que é dito, pois, como visto anteriormente, a língua é social, e não cabe a um único falante designar valores para os signos. Ainda nesse ponto, insistimos que a língua só pode ser social justamente pelo seu princípio arbitrário.

Aqui podemos voltar à noção de língua como sistema, uma vez que a autora propõe que no CLG há uma ligação do caráter sistemático e do caráter social linguístico. Isso é feito não com a intenção de descobrir os motivos que fazem a língua se modificar, mas de compreender como acontece o seu funcionamento cotidiano, pois social e sistema estão intimamente ligados pelo arbitrário. Assim, a arbitrariedade do signo é o que explica a possibilidade de mudanças que remetem à história de uma sociedade. Na citação a seguir vemos como Saussure articula questões temporais e de língua:

A língua não pode ser assimilada a um mero contrato, e é justamente por esse lado que o signo linguístico é de particular interesse [...] Todavia não basta dizer que a língua é o produto de forças sociais para se perceber claramente que ela não é livre; ao se lembrar que se trata sempre da herança de uma época precedente, é preciso acrescentar-se que tais forças sociais agem em função do tempo. Se a língua tem um caráter de fixidez, não é apenas por ser atrelada ao peso da coletividade, é também por se situar no tempo. Esses dois fatos são inseparáveis. A todo momento, a solidariedade com o passado põe em xeque a liberdade de escolher [...]. É porque o signo é arbitrário que esse desconhece outra lei além da tradição e é por se fundar na tradição que ele pode ser arbitrário. (SAUSSURE, 2012, p. 111- 119)

No entanto, podemos considerar que a língua não é arbitrária em sua totalidade, isso porque, como sugere o linguista, "se, com relação à ideia que representa, o significante aparece como escolhido livremente, em compensação, com relação à comunidade linguística que o emprega, não é livre: é imposto" (SAUSSURE, 2012, p. 111).

Com isso, o linguista considera que não há um parecer social da massa falante que determine se um significante pode ser atribuído a algum significado em específico. Assim, conforme já mencionado, um único indivíduo não pode modificar ou nomear um signo, e a massa não pode ditar regras sobre uma única palavra pois ao mesmo tempo em que cria, também está vinculada à língua tal como ela é. Para demonstrar como o signo escapa à nossa vontade, Saussure traz as seguintes considerações:

1) *O caráter arbitrário do signo*. Vimos que o caráter arbitrário do signo nos fazia admitir a possibilidade teórica da mudança; aprofundando a questão, vemos que, de fato, a própria arbitrariedade do signo põe a língua ao abrigo de toda tentativa que vise a modificá-la. A massa, ainda que fosse mais consciente do que é, não poderia discuti-la. Pois, para que uma coisa seja posta em questão, é necessário que se baseie numa norma razoável. (...) 2) *A multidão de signos necessários para constituir qualquer língua*. Um sistema de escrita composto de vinte a quarenta letras pode, a rigor, ser substituído por outro. O mesmo poderia suceder à língua se ela encerrasse um número limitado de elementos; mas os signos linguísticos são inumeráveis. 3) *O caráter demasiado complexo do sistema*. Uma língua constitui um sistema. Se, como veremos adiante, este é o lado pelo qual a língua não é completamente arbitrária e no qual impera uma razão relativa, é também o ponto em que avulta a incompetência da massa para transformá-la. Pois tal sistema é um mecanismo complexo; só se pode compreendê-lo pela reflexão; mesmo aqueles que dele fazem uso cotidiano, ignoram-no profundamente. (...) 4) *A resistência da inércia coletiva a toda renovação linguística*: De todas as instituições sociais, a língua é a que menos oferece chances às iniciativas de mudança da massa. Isso porque está inserida totalmente na vida dos indivíduos e aparece antes de tudo como um fator de conservação. (SAUSSURE, 2012, p. 113,114)

Posteriormente, Saussure expõe a reflexão de que a língua não é somente um produto de forças sociais, ela está intimamente atrelada ao tempo e “constitui sempre a herança de uma época precedente” (2012, p.114). Ou seja, coletividade e tempo são fatos inseparáveis, a todo momento o vínculo com o passado faz com que a liberdade do presente seja posta em xeque, o linguista genebrino, então, apresenta mais uma reflexão, referindo-se ao tempo e a arbitrariedade:

Dizemos *homem* e *cachorro* porque antes de nós se disse *homem* e *cachorro*. Isso não impede que exista no fenômeno total um vínculo entre esses dois fatores antinômicos: a convenção arbitrária, em virtude da qual a escolha se faz livre, e o tempo, graças ao qual a escolha se acha fixada. Justamente porque o signo é arbitrário, não conhece outra lei senão a da tradição, e é por basear-se na tradição que pode ser arbitrário. (SAUSSURE, 2012, p. 114)

No entanto, de acordo com Saussure (2012), esse mesmo tempo que possibilita que a língua se mantenha traz um efeito antagônico ao signo, pois pode alterá-lo rapidamente. É nesse momento que se destaca a mutabilidade e a imutabilidade do signo linguístico. O signo pode alterar-se porque baseia-se no princípio da continuidade, ainda que em alguns momentos haja a persistência da matéria velha. Com isso, o CLG aponta que a língua se transforma sem que os indivíduos possam transformá-la, podendo-se dizer ainda que ela é inatingível, mas não inalterável.

Sobre tal discussão, Normand (2009, p. 141) afirma que “os locutores, inocentes criadores de confusão, são aqueles que reorganizam constantemente o sistema perturbado, apropriando-se de novas diferenças formais para lhe atribuir significações que remetiam às que caíram em desuso”.

Seguindo a lógica de mutabilidade e imutabilidade do signo linguístico, e com a proposição de que a língua se transforma, Saussure sugere a noção de *valor do signo linguístico*, pois a cada transformação, o signo ganha um novo significado.

O linguista expõe que a linguística é uma “ciência dos valores” e que quanto mais complexo for um sistema e com mais rigor for organizado, mais importante é que se estudem esses dois eixos, pois a língua é o sistema no qual mais se encontra precisão de valores, na medida em que há um gigantesco número de termos que dependem uns dos outros de modo extremamente restrito. No entanto, é importante frisar que essa enorme gama de signos de que se tratou para explicar a continuidade da língua impede que se estude concomitantemente a relação da língua no tempo e no sistema.

Por esse motivo é estabelecida a união entre duas linguísticas. Assim, os termos *evolução* e *Linguística Evolutiva* serão utilizados para estudar os fenômenos que fazem a língua passar de um estado a outro, e por oposição, para discutir a ciência dos *estados*, a *Linguística estática*. Saussure apresenta, posteriormente, uma nova nomenclatura:

Para melhor assinalar essa oposição, porém, e esse cruzamento das duas ordens de fenômenos relativos ao mesmo objeto, preferimos falar de Linguística *sincrônica* e de Linguística *diacrônica*. É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo *sincronia* e *diacronia* designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução. (SAUSSURE, 2012, p. 122-123)

O autor salienta que a grande dificuldade nesses estudos concerne ao que mais surpreende quando se estudam os episódios linguísticos, que é o fato de que o indivíduo falante não percebe a sucessão deles no tempo, ou seja, o falante tem a impressão de que está inserido em um estado estático. Como esclarece Normand (2009, p.145), é uma dificuldade particular, talvez central, pensar simultaneamente a estabilidade do uso, sentida pelos locutores, a língua como instituição social, com suas significações partilhadas em comum, e o que se impõe ao linguista como um *princípio absoluto*.

O que está sendo dito aqui é que as formas linguísticas se refazem e que é no cotidiano que a sociedade as modifica, reinterpreta e reorganiza. O objeto linguístico existe apenas na e pela circulação de palavras. As formas se refazem através do estabelecimento das relações antigas, que são esquecidas ou postas em desuso. O sistema linguístico está entregue aos diversos fatores das mudanças fonéticas que têm como raiz os *erros* inconscientes da fala individual, mas é capaz de se reorganizar para que seu funcionamento não se perca. É dessa forma que destruição e construção estão unidas, que o dinâmico não exclui o estático.

Assim, pensando nos remanejamentos e nas diferentes interpretações que emergem por parte dos locutores, é preciso compreender que esse fato acontece através de segmentações de palavras ou de agrupamento de palavras em unidades menores, o que se associa ao segundo princípio linguístico, observado por Saussure: *a linearidade do significante*.

De acordo com Saussure, esse conceito é importante para que consigamos compreender que “o significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem características que toma do tempo: a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha” (SAUSSURE, 2012, p.110).

Ainda que esse princípio pareça muito óbvio, sua explicitação leva-nos a refletir sobre as oposições que ocorrem na língua que quando representadas na escrita são verificadas ainda melhor através da sucessão dos signos gráficos. Além disso, Normand (2009) observa que é graças ao caráter linear do significante que podemos recortar palavras dentro da frase:

a possibilidade de segmentar o discurso, de perceber-lhe as unidades significativas e, então, de jogar com as relações existentes, de criar-lhe novas, é a dinâmica da língua, atividade de alteração e de reorganização que faz sua “vida semiológica”. (NORMAND, 2009, p.147).

No entanto, de acordo com a autora, essas mudanças só são perceptíveis com o tempo, da língua no discurso, na interação social.

Assim, tendo em vista que um sistema é constituído por signos e que esses se modificam ao longo do tempo, mas que o falante não percebe as novas atribuições de sentido e reorganizações semânticas, é importante apresentar a noção de *valor* tal como concebida por Saussure (2012). De acordo com o linguista,

para entendermos o motivo pelo qual a língua pode ser reconhecida como um sistema de valores puros, é preciso considerar duas bases que fazem parte do sistema em seu funcionamento: as ideias e os sons.

Se analisarmos nosso pensamento sem considerar seu caráter linguístico, veremos que ele não passa de uma massa amorfa e indistinta. De acordo com Saussure, filósofos e linguistas sempre concordaram que se não recorrêssemos ao uso dos signos, não seria possível diferenciar duas ideias de modo claro e constante. Isso porque nosso pensamento não é preciso e não há delimitações e nem há ideias dadas a priori.

Frente a essa realidade virtual, Saussure (2012, p.159) afirma que:

O papel característico da língua diante do pensamento não é criar um meio fônico material para a expressão das ideias, mas servir de intermediário entre o pensamento e o som, em condições tais que uma união conduza necessariamente a delimitações recíprocas de unidades.

Dessa forma, podemos remontar a noção de significado e significante, temos a analogia da folha de papel, na qual o pensamento está em uma face e o som em outra, e o valor se dá nesse espaço limítrofe. Como sugere Normand (2009), quando não soubermos a exata distinção de quando utilizar o termo “unidade” ou “entidade”, que utilizemos “valor”, pois ele denota as relações existentes entre ordens diferentes, o que já era antecipado por Saussure (2004, p. 168): “o valor de um termo pode modificar-se sem que se lhe toque quer no sentido, quer nos sons, unicamente pelo fato de um termo vizinho ter sofrido uma modificação”.

Assim, podemos considerar que o valor se estabelece com relação aos outros signos que o rodeiam e, por essa razão, ao se discutir a noção de *valor*, é válido relembrar que, para Saussure (2004, p. 164), “valores correspondem a conceitos(...)”. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são”, assim, consequentemente, os signos possuirão valores distintos sempre que postos um ao lado do outro. Além disso, como observa Saussure, o signo é *imotivado* e se convencionou através do que é estabelecido por um *grupo linguístico*. Se fosse o contrário, a noção de valor seria imposta, e considerando as reflexões de Saussure, sabemos que na realidade o valor é relativo.

A ideia supracitada explica como um acontecimento social – como o estabelecimento de significado e significante – é capaz de criar um sistema

linguístico. Nas palavras de Saussure (2012, p. 160), “a coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo por si só é incapaz de fixar um que seja”.

O autor também observa que a noção de valor, assim pontuada, sugere que é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como a soma de certo som com um determinado conceito. Fazer isso seria separá-lo do sistema do qual faz parte e permanecer na crença de que é possível construir esse sistema, através da união desses valores, sendo que, “cumprir partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra” (SAUSSURE, 2012, p. 160).

Então, o linguista propõe que quando se fala do valor de uma palavra, pensa-se imediatamente na propriedade que tem de representar uma ideia, e nisso está um dos aspectos do valor linguístico. E aqui, então, reportamo-nos ao mesmo questionamento de Saussure. Em que difere o valor da *significação*? Saussure não os diferenciou e, ainda que muitas vezes se utilizem como sinônimos, como ressalta, Normand (2009, p. 159) esclarece que “trata-se, no entanto, de relações diferentes: de uma parte da relação no interior do signo linguístico; da outra parte, de relações com os signos que ‘o rodeiam’”.

Conforme o faz o CLG, mostramos a significação, tal como se costuma representar:



Figura 1: Significação
Fonte: SAUSSURE, 2014, p.161

Ela não é, como apontam as flechas da figura, mais que a contraparte da imagem auditiva. Tudo acontece entre a imagem auditiva e o conceito, nos limites da palavra considerada um domínio fechado existente por si próprio. No entanto, o que coloca a questão em um estado antagônico é que de um lado, o conceito aparece como a contraparte da imagem auditiva no interior do signo, e de outro, esse mesmo signo, ou seja, a relação que une seus dois elementos, é, também, e de igual modo, a contraparte dos outros signos da língua.

Ainda considerando que a língua é um sistema e que todos os termos são solidários, e o valor de um resulta somente da presença simultânea de outros, o linguista vale-se do segundo esquema:



Figura 2: Sistema
Fonte: SAUSSURE, 2014, p.161

Em seguida, Saussure demonstra como essa definição de valor pode ser confundida com a de significação, isto é, com a contraparte da imagem auditiva. Uma palavra pode ser trocada por algo que esteja em sua oposição: uma ideia, por exemplo, ainda pode ser comparada com algo da mesma natureza, como outra palavra, por exemplo. O linguista explicita que seu valor não estará fixado enquanto a preocupação for comprovar que ele pode ser alterado por qualquer conceito semelhante, ou seja, para que tenha determinada significação, é preciso, sobretudo, compará-lo com os valores semelhantes, com as unidades que podem lhe opor. A palavra faz parte de um sistema e está envolvida não só pela significação, como também por um valor, o que é algo muito diferente.

Para refletir acerca do conceito de valor para Saussure, e para melhor compreendê-lo, apoiamo-nos em Normand (2009), para quem o *CLG* vincula o conceito de valor com as questões de *arbitrário, social e sistema*, o que constituiria a essência da semiologia. Para comprovar isso, a autora lança mão da comparação do jogo de xadrez, apresentada por Saussure:

Tomemos um cavalo: será ele por si só um elemento do jogo? Certamente não, pois, em sua materialidade pura, fora de sua casa no tabuleiro e das outras condições do jogo, ele não representa nada para o jogador e só se torna elemento real e concreto uma vez revestido de seu valor e fazendo corpo com ele. Suponhamos que, no decorrer de uma partida, tal peça venha a ser destruída ou perdida: pode-se substituí-la por outra equivalente? Certamente: não somente um outro cavalo como uma outra figura desprovida de qualquer semelhança com esta será declarada idêntica, contanto que se lhe atribua o mesmo valor [...]. Eis porque, definitivamente, a noção de valor recobre a de entidade e de realidade. (SAUSSURE, 2012, p.156)

Partindo desse exemplo, a autora afirma que o cavalo, como peça do jogo, permanece o mesmo, lhe é guardada a sua identidade, qualquer que seja a peça

que o substitua, desde que lhe seja atribuído o mesmo valor. Segundo Normand (2009), nessa comparação, há a vantagem de resumir as propriedades do símbolo linguístico da seguinte forma: *arbitrário*, “que chama tal segmento acústico a partir de tal ideia” (NORMAND, 2009, p.158); *social*, que só se sustenta pelo *consentimento geral*, *elemento de um sistema* que se define por suas relações com os outros elementos, ou seja, fora do jogo, o cavalo é um fragmento de matéria sem sentido, não tem existência semiológica. Da mesma maneira, um signo isolado, fora das relações que o constituem como elemento de uma língua, perde a realidade de signo, isto é, não significa mais nada.

Normand, a fim de complementar a reflexão acerca do valor, apresenta uma discussão presente nos manuscritos de Saussure:

Acabamos de ver que a língua representa um sistema em que todos os termos aparecem como interligados por relações [...] O valor de uma palavra só resultará da coexistência de diferentes termos. O valor é a contrapartida dos termos existentes. (Engler p. 259⁴ *apud* NORMAND, 2009, p. 159)

Com isso, Normand (2009) reafirma que, para Saussure, valor e significação constituem relações diferentes, de um lado existe a relação no interior do signo linguístico, de outro, são as relações com os outros signos que *o rodeiam*. Sendo assim, para a linguista, o valor não é a significação, e ela atribui ao Caderno de Constantin⁵ a função de resumir a diferença entre significado e valor: “Em resumo: a palavra não existe nem sem um significado, nem sem um significante. Mas o significado só é o resumo do valor linguístico que supõe o jogo de termos entre si, em cada sistema da língua.” (Engler, p.264, *apud* NORMAND, 2009, p.161)

Dessa forma, percebendo que, para Ferdinand de Saussure, em um estado de língua, tudo se baseia em relações, cumpre explicitar como elas funcionam. As relações e as diferenças entre as unidades linguísticas se desenvolvem em duas ordens distintas, em que cada uma delas é geradora de certa ordem de valores. A oposição entre essas duas ordens faz com que se entenda melhor a natureza de

⁴Cours de linguistique générale, edição crítica por R. Engler. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1968, 1974.

⁵Manuscrito de Emile Constantin, que participou do terceiro Curso de Linguística Geral ministrado por Ferdinand de Saussure e que não faz parte do livro *Curso de Linguística Geral*, organizado por Charles Bally e Albert Riedlinger.

cada uma, pois correspondem a duas formas de nossa atividade mental, e ambas são essenciais para a vida da língua.

Assim, de acordo com o autor, no discurso, temos os termos que estabelecem relações entre si, em virtude de seus encadeamentos, um após o outro. São relações baseadas no que já foi discutido como o caráter linear da língua, o que impossibilita que dois termos sejam pronunciados simultaneamente. Eles se alinham em sequência na cadeia da fala, essas combinações que se conectam umas às outras são chamadas de *sintagmas*. O sintagma é o que se constitui sempre de dois ou mais termos consecutivos (por exemplo: *re-ler, contra todos; a vida humana; Deus é bom; etc.*). Logo, em um sintagma, uma unidade só adquire seu valor porque se opõe ao que precede ou ao que o segue, ou a ambos.

Em contrapartida, em um lugar fora do discurso, as palavras apresentam algo de comum: associam-se na memória e, dessa maneira, formam grupos dentro dos quais acontecem relações diversas. O que distingue essas relações das sintagmáticas é que não possuem por base a sua extensão, pois sua sede é o cérebro, e serão chamadas de *relações associativas*.

Segundo Saussure (2012), as relações sintagmáticas não se aplicam somente às palavras, mas também aos grupos de palavras, às unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie (palavras compostas, derivadas, membros de frase, frases inteiras). Assim, podemos considerar que a frase é o tipo por excelência de sintagma, no entanto, ela pertence à fala e não à língua. O autor considera, ainda, que cumpre atribuir à língua, e não à fala, todos os tipos de sintagmas construídos sobre formas regulares. Contudo, é importante levar em conta que no domínio do sintagma não há restrição categórica entre o fato de língua, testemunho de uso coletivo, e o fato de fala, que depende totalmente da liberdade individual. Cabe destacar que é tarefa extremamente complexa classificar uma combinação de unidades, pois ambos os fatores foram necessários para constituí-la em proporções impossíveis de determinar.

As relações associativas, por sua vez, são formadas por uma associação mental, não se restringem em aproximar os termos que tenham algo em comum, a mente capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam.

Por fim, podemos concluir que todos os conceitos acima elencados estão relacionados ao funcionamento do sistema, e que nada pode ser definido e

interpretado fora do sistema da língua, pois se assim acontecer perde-se o laço arbitrário que liga significante e significado e, conseqüentemente, não haverá um valor nos termos propostos por Saussure. A seguir, buscaremos refletir como Benveniste percebe as noções de *significação*, *sentido* e *significância* na intenção de compreender esses conceitos, sobretudo o de significância.

2.2 As noções de sentido, significação e significância em Benveniste

Perceber-se-á que a língua é um discurso que trabalha de forma articulada, de modo que forma e sentido operam de maneira concomitante na construção sociocultural. Em outras palavras, a maneira como organizamos nossos enunciados, em termos de articulação entre forma e sentido, constrói pontos de vista sobre a sociedade. Isso remete-nos à discussão sobre discurso, dado que ao mesmo tempo em que a língua é sistema também é discurso, pois é através dele que a língua se manifesta e é no interior do discurso que a língua funciona e ganha sentido. Além disso, esse percurso é importante para observarmos como se dá a construção da noção de significância em Benveniste, já que essa é a noção-chave para o nosso estudo.

2.2.1 Significação

Nesta seção, refletiremos a respeito do uso do termo *significação*, verificaremos em quais momentos Émile Benveniste utiliza-se do termo e, conseqüentemente, o que ele significa para a reflexão desse linguista.

Na primeira subseção, intitulada *O termo “significação” nos estudos etimológicos*, será observado como pode ser conceituado o termo *significação*, a partir da discussão sobre a reconstrução semântica de algumas palavras e expressões ao longo da história. Estão presentes os textos: *Categorias do pensamento e categorias de língua*, *O sistema sublógico das preposições em latim*, *Ativo e médio no verbo* e *Eufemismos antigos e modernos*.

As reflexões presentes nesses textos levam-nos a pensar sobre *O termo significação no funcionamento da linguagem*, título atribuído à nossa segunda subseção, na qual o termo *significação* será discutido a partir de reflexões acerca de conceitos linguísticos que se propõem a explicar questões formais e subjetivas da

linguagem. Nela, estão presentes os textos: *Saussure após meio século*, *Natureza do signo linguístico*, *A filosofia analítica da linguagem* e *Esta linguagem que faz a história*. Dessa forma, chegaremos à subseção *Significação e sentido*, em que o termo *significação* será observado a partir da discussão de como as categorias se relacionam e trabalham no interior do sistema linguístico, com os textos: *Os níveis de análise linguística*, *Problemas semânticos de reconstrução*, *Semiologia da língua* e *A forma e o sentido na linguagem*.

Por fim, será discutida a noção de *significação* a partir das reflexões realizadas, observaremos como todas elas se relacionam em uma teoria da linguagem que propõe que a mesma constitui a sociedade e os discursos. Com isso, chegaremos na abordagem da última subseção intitulada *A “significação” em reflexões acerca da linguagem*, que revelará como as noções apresentadas anteriormente são responsáveis por essa constituição. Estão presentes os textos: *Tendências recentes em linguística geral*, *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, *Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana*, *A classificação das línguas*, *A noção de ritmo*, *Estruturalismo e linguística*.

2.2.1.1 O termo *significação* nos estudos etimológicos

Benveniste dedicou um considerável número de estudos à etimologia das palavras, no entanto, podemos perceber que não realizava apenas uma mera busca pela origem das mesmas, mas sobretudo pensava o uso dessas palavras nos discursos ao mesmo tempo em que refletia sobre a constituição da cultura e a sociedade; quem poderia alterar os mecanismos de significação; e como essas palavras significavam no interior do sistema linguístico da época.

Assim, no capítulo *Categorias de pensamento e categorias de língua*, Benveniste (2005) faz uma reflexão sobre a noção aristotélica do verbo *ser* em grego. O linguista afirma que *ser* é um estado, que envolve tudo, e não tão somente um predicado, mas a condição de todos os predicados. Dessa forma, o grego deu ao verbo *ser* diversas conotações particulares. Com isso, Benveniste observa a situação linguística que nasce e se desdobra na metafísica grega do *ser*. Ou seja, para cada pensador grego, o *ser* ganha uma noção diferente, o que o torna objetivável e, segundo Benveniste (2005, p.77), faz com que a reflexão filosófica o possa “manejar, analisar e situar como qualquer outro conceito”. E é assim que

Benveniste (2005) mostra, em apenas um exemplo, que o modo como os pensadores gregos agiam diante da língua enriquecia as significações de novas formas.

Nesse mesmo sentido, em *O sistema sublógico das preposições em latim*, Benveniste trata do estudo do sistema sublógico feito por Louis Hjelmslev. As preposições apresentam sentidos diferentes em cada idioma e diferem também dependendo do contexto em que são empregadas. Essas preposições são regidas por esse sistema sublógico e esse também governa as funções causais. É por essa perspectiva que Benveniste esboça diversos exemplos dos diferentes empregos situacionais das preposições e das funções causais, e nesse momento faz a análise da preposição *prae*, que deriva do adjetivo *praesens*, quando o linguista sugere que seja restaurada a sua significação: “É preciso, porém começar por restaurar a significação exata de *praesens*, que não é a do uso clássico” (BENVENISTE, 2005, p. 144).

Ainda focando uma análise histórica de vocábulos, em *Ativo e médio no verbo*, Benveniste faz uma reflexão sobre os usos dessas categorias verbais e o período histórico em que elas foram encontradas, expõe que os comparatistas situaram o verbo passivo como uma modalidade do médio, e mesmo após estabelecer-se em outra categoria, mantém certa proximidade. A significação constitui-se aqui quando se soma ao estudo o estado indo-europeu do verbo, que é caracterizado “por uma oposição de duas diáteses somente, ativa e média, segundo a denominação tradicional” (BENVENISTE, 2005, p.184). É nesse ponto que se insere mais uma vez a significação:

É, então, evidente que a significação dessa oposição deve ser, dentro da categorização do verbo, totalmente outra do que se poderia imaginar, partindo de uma língua em que reina somente a oposição entre ativo e passivo. Não se trata de considerar a distinção “ativo-médio” como mais ou menos autêntica que a distinção “ativo-passivo”. Uma e outra são comandadas pelas necessidades de um sistema linguístico, e o primeiro ponto está em reconhecer essas necessidades, inclusive a de um período intermediário em que o médio e o passivo coexistem. (BENVENISTE, 2005, p. 184)

O que o linguista mostra, posteriormente, é que há uma preocupação quanto ao sentido diferenciado que pode ocorrer na distinção entre o ativo e o médio.⁶

⁶ A discussão acerca do sentido será realizada na seção seguinte.

Passando para o capítulo *Eufemismos antigos e modernos*, Benveniste (2005) inicia refletindo sobre o que é considerado eufemismo. Segundo Benveniste, de acordo com o dicionário dos sentidos, o sentido primeiro seria “dizer palavras de bom augúrio”(p.340), e aqui novamente o uso do termo sentido assemelha-se à utilização do termo *significação*, conforme pode ser observado na passagem que segue: “O segundo sentido é o oposto: *shout in triumph*. Isso acaba por instituir o eufemismo do eufemismo. Entretanto, nem a *significação* real nem os empregos históricos se enquadram nesse esquema pseudo-lógico” (BENVENISTE, 2005, p. 340). Essa semelhança de significados repete-se nos demais usos das acepções dos dois termos inseridos neste capítulo.

Assim, notamos que os usos do termo *significação* nesta subseção aparecem quando o linguista faz uso da palavra em relação a expressões ou sentenças. Isso acontece porque, ao realizar estudos etimológicos, estuda elementos que constituem a *significação*, como adjetivo e verbos, por exemplo. Por essa razão, não se vê o termo sendo associado a apenas uma palavra, mas sempre a relacionando ao contexto discursivo, ou seja, às circunstâncias relativas ao espaço e ao tempo em que os enunciados são empregados.

2.2.1.2 O termo *significação* no funcionamento da linguagem

Nesta subseção, serão apresentadas outras ocorrências do termo *significação* na intenção de compreender como, na visão de Benveniste, ele se desenvolve perante o funcionamento da linguagem. Serão levadas em consideração discussões acerca da linguagem, da arbitrariedade, da mutabilidade e imutabilidade do signo, linguagem comum e formal e linguagem e psicanálise.

Assim, no capítulo *Saussure após meio século*, Benveniste (2005) traz duas alusões ao termo *significação*. A primeira delas é quando discorre sobre o estudo da linguagem, levantando a questão do que é substancial na língua. O linguista mostra que podem ser realizadas pesquisas tendo como objeto um fato material, como o aparelho vocal, desconsiderando a *significação*. De acordo com o autor:

É claro que se pode tomar como objeto da análise linguística um fato material, por exemplo, um segmento de enunciado ao qual não se prenderia nenhuma *significação*, considerando-o como simples produção do aparelho vocal, ou mesmo uma vogal isolada. (BENVENISTE, 2005, p. 44)

Outro destaque para a *significação*, dado nesse capítulo, é quando o autor levanta as dualidades do funcionamento da linguagem, abordadas por Saussure (dualidade articulatória e acústica; dualidade do som e do sentido; dualidade do indivíduo e da sociedade; dualidade da língua e da fala; etc.). Benveniste reforça essa teoria ao confrontar outros estudiosos da área que recriminam Saussure por não enxergarem esse caráter paradoxal. Sugere que quanto mais repensarmos essas questões antagônicas, mais perceberemos essa dualidade que faz parte da linguagem. E, assim, quanto mais for aprofundado o conhecimento de sistemas de significação, melhor se compreenderá que os elementos não significam aprioristicamente ou somente por traços substanciais, mas sim em função de traços formais que os diferenciam das outras unidades do mesmo sistema. E então, o linguista sírio esclarece que:

Quanto mais nos adiantarmos, mais sentiremos esse contraste entre a unicidade como categoria da nossa percepção dos objetos e a dualidade cujo modelo a linguagem impõe à nossa reflexão. Quanto mais penetrarmos no mecanismo da significação, melhor veremos que as coisas não significam em razão do seu *serem-isso* substancial, mas em virtude de traços formais que as distinguem das outras coisas da mesma classe e que nos cumpre destacar. (BENVENISTE, 2005, p. 45)

Seguindo esse fio condutor de discussão acerca de dualidades, vemos, no capítulo *Natureza do signo linguístico*, que Benveniste traz a noção de significação, momento em que aborda as noções de arbitrariedade do signo, propostas por Saussure. Nessa ocasião, são trazidas também as ideias de mutabilidade e imutabilidade. Benveniste explana que para Saussure o signo é imutável porque, sendo arbitrário, não é possível que seja imposta uma norma razoável, e concomitantemente é mutável porque, sendo arbitrário é sempre suscetível a mudanças. É nesse momento que se tem, então, mais uma menção à *significação*:

Não é entre o significante e o significado que a relação ao mesmo tempo se modifica e permanece imutável, é entre o signo e o objeto; é, em outras palavras, a *motivação objetiva* da designação, submetida, como tal, à ação de diversos fatores históricos. O que Saussure demonstra permanece verdadeiro, mas a respeito da *significação*, não do signo. (BENVENISTE, 2005, p. 58)

Nessa citação, vemos que há uma relação entre a mutabilidade e a imutabilidade do signo linguístico, que se relaciona com a motivação objetiva da

designação, a qual se subordina aos fatores históricos. A novidade aqui é que o autor traz como constitutivo da língua o que outras teorias do discurso consideraram como exteriores a ela. Assim, nessa passagem, Benveniste menciona a significação para demonstrar como o sentido de uma unidade se estabelece e se modifica de acordo com a passagem do tempo, e que por isso se instaura uma relação de arbitrariedade.

No capítulo *A filosofia analítica da linguagem*, há uma aproximação entre as ideias e as preocupações dos filósofos com as dos linguistas. Conforme Benveniste (2005), o linguista preocupa-se com as concepções da filosofia analítica e os filósofos de Oxford dedicam-se ao estudo da linguagem comum, como é falada, pois isso renova o fundamento da filosofia, deixando-a mais formal e a libertando de abstrações e dos quadros convencionais.

O linguista expõe que esses filósofos buscaram estudos mais aprofundados e extremamente minuciosos da linguagem comum, e nisso espera encontrar o que há de raro e ao mesmo tempo dissimulado, tornando explícito o que até então era apenas um conhecimento confuso, que descreve funções desiguais de toda sorte de expressões linguísticas. Por exemplo, o estudo de duas ou três expressões que à primeira vista são sinônimas, mas será observado que não se pode usá-las de modo indiferente.

É por esse prisma que os linguistas veem importância nesses estudos e algo que também é próprio de seus interesses. Nesse momento, encontramos mais uma acepção do termo *significação*:

Cabe aos filósofos de outras tendências dizer se assim se faz ou não obra filosófica. Entretanto para os linguistas, ao menos para os que não se afastam dos problemas de significação e consideram que o conteúdo das classes de expressão também são de sua competência, esse programa é cheio de interesse. (BENVENISTE, 2005, p. 296)

Sob esse viés, o autor faz menção aos raros linguistas que ao estudarem a língua levavam em conta questões de sentido, pois anteriormente a isso, estudar língua era “sinônimo” de pesquisar as estruturas linguísticas, como evoluíam gramaticalmente e as línguas antigas que deram origem às línguas da atualidade.

Posteriormente, no capítulo *Esta linguagem que faz a história*, direcionamos nosso olhar a um diálogo entre Émile Benveniste e Guy Dumur para *Le Nouvel Observateur*. Para retornar à *significação*, Dumur fez referência ao que já foi

observado sobre os estudos da linguagem das abelhas. Ele questiona se a linguagem dos insetos é da mesma ordem, ao que Benveniste responde que a linguagem das abelhas possui significação. Dentro da ordem lógica das abelhas, as danças representam algo que suas companheiras compreendem, no entanto, não possuem um alcance conceptual.

Em sequência, no mesmo capítulo, Dumur questiona sobre a relação que pode existir entre a psicanálise de Freud e o funcionamento da linguagem, momento em que mais uma vez Benveniste vale-se do uso do termo *significação* para justificar as imagens vistas nos sonhos e explicadas pelo psicanalista:

Há o que se pode chamar de retórica onírica de Freud – não é ele que emprega este termo. Ele descobriu que o sonho fala. Mas só o psicanalista pode compreender esta linguagem. Freud procurou encontrar seus rudimentos. É aí que intervém, segundo penso, uma espécie de retórica articulada pelas imagens, fortemente sugestivas e que, sob as aparências de um encadeamento incoerente, reencontra, graças a Freud, uma espécie de significação por referência a coisas muito dissimuladas. (BENVENISTE, 2006, p. 36)

Com isso, o linguista propõe que os sonhos revelam imagens do pensamento e por sua vez da linguagem. No entanto, esse estudo só pode ser realizado por um psicanalista, pois muitas vezes não há uma ligação com a significação do mundo racional.

Logo em seguida, em outro momento, Dumur discorre que a partir da linguística e do estruturalismo escrevem-se obras de difícil acesso e questiona a validade disso. Benveniste argumenta que nem tudo o que é feito deve ser lido no sentido tradicional, sendo que há novos modos de escrita apropriados para novos modos de leitura, e esses trabalhos aos quais o entrevistador faz referência, até o momento, são de interesse apenas dos profissionais da área. Aqui Benveniste aproveita o momento para refletir sobre a relevância dessas obras e sobre o papel da linguagem em descrever o mundo, se é possível fazer essa descrição por um modo distinto ao da linguagem e se haveria significação nesse novo modo de expressão:

Trata-se de saber se a linguagem está voltada a sempre descrever um mundo idêntico por meios idênticos, variando somente a escolha dos epítetos ou dos verbos. Ou ao contrário se se pode visar outros meios de expressão não descritivos e se há uma outra qualidade de significação que nasceria desta ruptura. É um problema. (BENVENISTE, 2005, p. 37)

Assim, podemos perceber que os usos do termo *significação*, nos textos acima, remetem a ideias que nos auxiliam a compreender o funcionamento da linguagem e de seu estudo. É o caso de *Saussure após meio século*, em que se discorre sobre o que é substancial na língua, sobre pesquisas com o aparelho vocal e elementos de significação. Em *Natureza do signo linguístico*, há uma reflexão sobre arbitrariedade, mutabilidade e imutabilidade do signo linguístico, ocasião em que Benveniste realiza uma distinção de modo contextualizado entre signo e significação.

Em *A filosofia analítica da linguagem*, há uma reflexão sobre o trabalho em conjunto que linguistas e filósofos de Oxford realizam para aprofundar os estudos da linguagem, levantando a questão dos linguistas que “não se afastam dos problemas de significação” (p. 296), ou seja, há uma oposição aos linguistas que separavam forma e sentido. Posteriormente, temos o texto que discorre sobre a linguagem das abelhas em que o autor utiliza a ideia de que a linguagem das abelhas possui significação dentro da ordem lógica das abelhas, em seguida temos o texto em que Benveniste discorre acerca da significação das imagens que vemos nos sonhos e, por fim, o texto discute acerca das obras de difícil acesso, refutando os argumentos de Dumur e explicando que, ao utilizar outros epítetos, pode-se visar a uma melhor qualidade para falar do mundo.

Desse modo, após observar os momentos em que Benveniste utiliza a terminologia *significação* nos textos referidos nesta subseção, é possível considerar que, em grande parte dos registros, o termo aparece com um conceito sinônimo ao de significado, isso não quer dizer que é assim que o autor vê a significação, mas que utiliza essa terminologia para demonstrar como as questões relacionadas ao sentido eram vistas de modo muito superficial, resultando em uma compreensão simplista. Por exemplo, quando o autor utiliza a expressão “sistemas de significação”, não está referindo-se a significados previamente fixados, mas sim a outros meios de descrever e construir o mundo, que não somente àqueles ligados aos signos.

2.2.1.3 Significação e sentido

Nesta subseção, discutiremos como questões de significação articulam-se com questões do sentido, quando essas duas palavras são usadas como sinônimas ou com valor semelhante e como isso interfere nos estudos realizados pelo linguista sírio Émile Benveniste.

O capítulo *Os níveis de análise linguística* apresenta que significar é atribuir um sentido, e isso acontece através da relação existente entre forma e sentido, que pode ser entendida através da determinação de tais níveis.

Nesse capítulo, observamos o uso da *significação* quando Benveniste afirma que não se deve dissociar o sentido da palavra, do restante da frase:

Uma frase constitui um todo, que não se reduz à soma das suas partes; o sentido inerente a esse todo é repartido entre o conjunto dos constituintes. A palavra é um constituinte da frase, efetua-lhe a significação; mas não aparece necessariamente na frase com o sentido que tem como unidade autônoma. (BENVENISTE, 2005, p. 132)

Com isso podemos pensar sobre o quanto a palavra está investida em um sistema que requer o contexto e o funcionamento global de vocábulos, sentenças. Benveniste expõe que a frase “é, porém, uma unidade completa, que traz ao mesmo tempo sentido e referência: sentido porque é enformada de significação, e referência porque se refere a uma determinada situação” (BENVENISTE, 2005, p. 140). Dessa maneira, o autor aproxima o termo *significação* ao aspecto de significado às sentenças.

No capítulo *Problemas semânticos da reconstrução*, percebemos que ele é totalmente voltado aos princípios que regem a significação, é nele que Benveniste propõe-se a tratar dos aspectos semânticos e a compor definições rigorosas para compreendê-los.

Nesse capítulo em especial, percebemos que a utilização da palavra *sentido* está, na maior parte das vezes, atrelada à reconstrução semântica que se estabelece no tempo, como podemos ver, “Essa é a condição de fato, não presumível de antemão, na qual o emprego excepcionalmente transitivo cria um novo sentido de *volar* ; nessa situação, o ‘vôo’ do pássaro significa ao mesmo tempo ‘flying’ e ‘stealing’” (BENVENISTE, 2005, p.321). Já o termo *significação* é mais utilizado para abranger definições mais amplas: “Pelo menos, percebe-se que ‘caminho’, ‘braço de mar’, ‘vau’, ‘ponte’ são como as variantes de uma significação

que permitem reconstruir, e que o problema não concerne ao espaço semântico do termo nesta ou naquela língua(...)" (BENVENISTE, 2005, p.329). Ainda,

é preciso continuar e denunciar um vício de método na argumentação inteira. As relações morfológicas e a distribuição das formas não indicam, entre os termos que denotam a "árvore" e os termos para "fidelidade", uma relação tal que os segundos derivem dos primeiros. Distribuem-se igualmente em cada língua e dependem uns e outros de uma mesma significação, que se deixa reconstituir com a ajuda do conjunto das formas atestadas. (BENVENISTE, 2005, p. 331)

Posteriormente, no capítulo *Semiologia da Língua*, Benveniste aborda os problemas de sinonímia entre sistemas semióticos. O linguista esclarece que não é possível subtrair os mesmos conceitos de sistemas semióticos distintos porque a origem é diferente. Cita como exemplo a fala e a música: são dois códigos que não podem equivaler-se. O único traço comum entre a fala e a música é que são audíveis. Por isso "a não-conversibilidade entre sistemas de bases diferentes é a razão da não-redundância no universo dos sistemas de signos. O homem não dispõe de vários sistemas distintos para a MESMA relação de significação". (BENVENISTE, 2006, p. 54, grifo do autor) Assim, Benveniste mostra que não é possível dizer algo com o mesmo sentido em diferentes sistemas, pois não há como realizar perfeita equivalência.

A menção seguinte à *significação*, que difere um pouco das conotações apresentadas em outros momentos anteriores do texto, acontece quando Benveniste traz a noção de unidade. A unidade é o que deve existir nos sistemas para caracterizar a sua significação. Então, Benveniste apresenta o exemplo das artes figurativas: é a existência de unidades em comum que promove o teor de discussão. De qual natureza seriam essas unidades? – questiona Benveniste. Se pensarmos em cores ou traços, devemos lembrarmo-nos de que esses apenas se configuram e se categorizam distintamente em função do nome que lhes é atribuído, ou seja, da linguagem. As cores ou os traços não remetem a nada especificamente, apenas se constituem a partir da organização que o artista dá a elas no interior de sua obra, e só aí ganham significação. Conforme nos mostra Benveniste,

O artista as escolhe, amalgama-as, dispõe-nas à vontade sobre a tela, e é finalmente na composição apenas que elas se organizam e assumem, tecnicamente falando, uma "significação", pela seleção e pelo arranjo. (BENVENISTE, 2006, p.59)

Assim, podemos perceber que, nesse contexto, para Benveniste, as unidades apenas ganham significação quando se encontram em relação umas com as outras. Somente dessa forma é possível perceber que seus sentidos são diferentes e a partir disso estabelecer um contexto dotado de significância, conceito que será discutido mais adiante.

Na sequência, Benveniste começa a explicitar melhor essa noção de significação utilizada até o momento, ao explicar que “o semiótico designa o modo de significação que é próprio do signo linguístico e que o constitui como unidade”. (BENVENISTE, 2006, p. 64). Mais adiante, Benveniste afirma que os problemas por ele abordados são da função da língua como produtora de mensagens, e tais mensagens não devem ser encaradas como uma sucessão de unidades que devem ser vistas separadamente, não é a soma de signos que produz sentido, mas o sentido se incorpora e se propaga nos signos, que são as palavras. A partir disso, o semântico toma o conjunto dos referentes, diferentemente do semiótico que por princípio é separado e autônomo/livre de toda referência. “A ordem semântica se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso.” (BENVENISTE, 2006, p. 66). É nesse momento que a significação é tomada como a capacidade do espírito de reconhecer e compreender a “identidade entre o anterior e o atual, de uma parte, e a de perceber a significação de uma enunciação nova, de outra” (Benveniste, 2006, p. 66).

No capítulo *A forma e o sentido na linguagem*, Benveniste desvenda ainda mais a questão da significação, e neste estudo trazemos o termo *significação* de modo a elucidar como ele é proposto de uma forma geral no capítulo, visto que o termo é repetido inúmeras vezes com sentidos semelhantes.

Benveniste (2006) explica que os linguistas aceitam a significação de modo empírico, não acredita ser correto resumi-la no conceito global que a define por si, então, de modo geral, o autor afirma que

(...) pode-se tomar como aceito que a linguagem é a atividade significativa por excelência, a imagem mesma do que pode ser significação; todo e qualquer modelo significativo do que possamos construir será aceito na medida em que se parecer em tal ou tal de seus aspectos àquele da linguagem. (BENVENISTE, 2006, p. 223)

Diante disso, nesta seção foi possível compreender melhor a noção de *significação* para Benveniste. Esclarecemos também que em muitos momentos ela

se associa à noção de sentido, no entanto, importa também como a relação de significação se estabelece no interior do sistema, o que ficou evidente, sobretudo, no texto *Semiologia da língua*, no qual Benveniste reporta ao conceito de unidade, que é o que deve existir nos sistemas para que se garanta a significação.

2.2.1.4 A significação em reflexões acerca da linguagem

Nesta subseção, veremos quais capítulos do *PLG I e II* trazem à tona questões sociais da linguagem e como a significação interfere diretamente no mundo social através de seu poder simbólico.

Um dos usos do termo *significação* que Benveniste apresenta em *PLG I* é o de Harris, no que tange ao conhecimento da sociedade e de culturas locais, pois a linguagem é constituidora da cultura, dessa forma, língua e cultura se constroem mutuamente. Então, como salienta Harris:

De maneira geral, não podemos atualmente fiar-nos em nenhuma subdivisão natural ou cientificamente controlável do campo semântico da cultura local, porque não existe no momento nenhuma técnica para esse tipo de análise completa da cultura em elementos discretos: ao contrário, a linguagem é que é uma das nossas principais fontes de conhecimento da cultura (ou do *mundo da significação*) de um povo e das distinções ou divisões que aí se praticam. (HARRIS, 1951, p. 188 *apud* BENVENISTE, 2005, p. 12-13, grifo do autor).

A discussão segue sendo aprofundada nas páginas seguintes da obra, momento em que o autor mostra que não é possível comparar a língua e a sociedade, pois sempre apareceriam discordâncias (BENVENISTE, 2005). A equivalência de uma e de outra é frequentemente abalada principalmente pela difusão, não só da estrutura da língua como da estrutura da sociedade, de tal modo que povos de culturas semelhantes podem ter línguas diferentes, da mesma forma que línguas próximas podem ser utilizadas por culturas e povos distintos uns dos outros. O linguista coloca, assim, os problemas intrínsecos à análise da língua: de um lado a cultura e de outro a significação.

No capítulo *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, em *PLG I*, temos a comprovação disso, pois se vê que a sociedade se constrói junto e simultaneamente com a língua e, em razão disso, não pode haver comparação entre elas, o problema da significação é abordado no contexto da reflexão do poder

simbólico da língua. Em outras palavras, de acordo com Benveniste (2005), é na e pela língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente. A sociedade não se estabelece a não ser mediada pela língua, e da mesma forma ocorre com o sujeito. Não é coincidência que o despertar da consciência na infância aconteça concomitantemente com a aquisição da linguagem que a insere na sociedade.

Assim, de acordo com Benveniste (2005, p. 27), isso ocorre porque “a linguagem representa a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à condição humana, a faculdade de *simbolizar*” (grifo do autor). Dessa forma, conclui-se que a faculdade de *representar* o real por um “signo” significa estabelecer uma relação de “significação” entre algo e algo diferente.

Ainda em *PLG I*, Benveniste aprofunda mais a importância da significação na constituição da sociedade e da cultura, no capítulo *Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana*, quando menciona a dupla significação atribuída ao termo latino *altus*, como alto e profundo, que se deve à ilusão que nos faz tomar as categorias da nossa própria língua como necessárias e universais. Nesse contexto, Benveniste quer mostrar que a significação envolve a cultura, e por isso tem caráter subjetivo.

O mesmo aprofundamento sobre significação ocorre no capítulo *A classificação das línguas* quando o autor se reporta às manifestações da linguagem, ao mesmo tempo em que afirma que não devemos classificá-las tão somente a partir de elementos estruturais, pois se o fizéssemos, “o caminho estaria definitivamente fechado a toda investigação profunda sobre a natureza e as manifestações da linguagem” (BENVENISTE, 2005, p.124). Então, o linguista apresenta uma reflexão atenta sobre o modo pelo qual toda a língua se constrói e afirma que “cada língua tem para resolver um certo número de problemas que se reduzem à questão central da ‘significação’” (BENVENISTE, 2005, p. 125, grifo do autor).

Dessa forma, considerando os usos de significação acima mencionados, podemos perceber que ela está atrelada à construção da cultura e da sociedade. E isso ocorre através do caráter simbólico da língua, que une e constitui homem e sociedade e que estabelece relações entre elementos distintos.

No capítulo *A noção de “ritmo” na sua expressão linguística*, o autor apresenta uma abordagem sobre a importância do ritmo nas atividades e nos comportamentos humanos, tanto individuais quanto coletivos. É realizada uma

análise sobre a origem do ritmo, a que ele faz referência, e acerca de quais derivações de sentido lhe foram atribuídas.

Essa vasta unificação do homem e da natureza sob uma consideração de “tempo”, de intervalos e de repetições semelhantes, teve como condição o próprio emprego da palavra, a generalização, no vocabulário do pensamento ocidental moderno, do termo ritmo que, através do latim, nos vem do grego. (BENVENISTE, 2005, p. 361)

Assim, Benveniste explicita que, de acordo com o grego, o *ritmo* deriva da noção de “fluir”, sendo que esse sentido fora aplicado com relação ao movimento regular das ondas. De acordo com o linguista, esse era o ensinamento de mais de um século, que remetia à gramática comparada, e que ainda se repete. No entanto, observa-se uma dificuldade na ligação semântica entre “ritmo” e “fluir”. O linguista destaca que o ritmo está intimamente relacionado ao movimento regular das ondas, percebemos que o mar possui ondas mas não flui, o que flui é o rio, pois uma corrente d’água não tem “ritmo”.

Nesse contexto, o autor faz mais uma vez o uso da palavra *significação*, isto é, para remontar durante todo o capítulo aos usos das palavras “ritmo”:

É realmente necessário, para restaurar uma história que foi menos simples, e que é também mais instrutiva, começar por fundamentar a significação autêntica da palavra *ῥυθμός* e descrever-lhe o emprego nos seus inícios, que remontam à alta antiguidade. (BENVENISTE, 2005, p. 362)

No que tange à obra *Problemas de Linguística Geral II*, temos no primeiro capítulo uma entrevista que Émile Benveniste concedeu a Pierre Daix, na qual faz mais uma menção à *significação*. Nessa ocasião, Daix realiza uma reflexão fazendo alusão à ruptura da ideia de que o homem não nasce na natureza, mas sim na cultura. Benveniste explica que, em um primeiro momento, havia uma preocupação com as origens da faculdade da linguagem, no entanto, é impossível datar as origens da linguagem, pois se sabe que não há existência humana sem língua, e assim, de acordo com o linguista, o que sempre se vê é a linguagem no seio da sociedade e, conseqüentemente, inserida em uma cultura.

A partir desse diálogo, Daix (*apud* BENVENISTE, 2006, p. 24) faz a seguinte assertiva: “Realidades definidas de algum modo sob dois aspectos, de um lado a linha hereditária, já que a cultura é uma coisa que se herda e transmite

conhecimentos adquiridos, mas também, de outro lado, o contexto imediato, o presente.”.

Nesse contexto, Benveniste propõe que

A língua é um mecanismo inconsciente, enquanto que o comportamento é consciente: crê-se que se comporta de tal ou tal maneira por razões que se escolhe, ou em todo caso que se tem uma escolha. Na verdade, não é isto que é importante, é o mecanismo da significação. (BENVENISTE, 2006, p. 24)

É por esse viés que o autor sustenta a ideia de que estudar a língua é a condição para que ela se torne uma ciência piloto, pela qual podemos compreender a organização mental que é resultado da experiência com o mundo ou da forma como o mundo se adapta a essa experiência.

Assim, é possível perceber diferentes usos e contextos em que a palavra *significação* é utilizada. O termo é associado a questões que revelam como a significação interferiu na evolução da língua – e por sua vez interferiu na sociedade, nos discursos e na cultura das civilizações –, perpassando pelos momentos em que era utilizada para falar dos significados de palavras e sentenças. Também é empregada na explicação da “qualidade de significação” aquela dos signos não descritivos. Vemos, ainda, a significação articulada ao termo “sentido”, muitas vezes com um sentido semelhante. Por fim, refletimos sobre como a significação envolve-se diretamente com o mundo social. Na seção seguinte realizaremos uma discussão semelhante, incidindo sobre o uso do termo *sentido*.

2.2.2 Sentido

Nesta seção, propomo-nos a refletir acerca dos usos do vocábulo *sentido* por Émile Benveniste. No entanto, deixaremos claro que não será feita uma exposição de todas as ocorrências desse vocábulo aqui, em razão de que foi verificada a semelhança de usos nessas diferentes ocorrências. Será apresentado, portanto, um apanhado geral da pesquisa que realizamos, estarão presentes os usos que mais chamaram atenção, seja na temática, seja na utilização, seja na conceituação do termo.

Apresentaremos uma reflexão sobre como o sentido é concebido, qual seu papel no discurso, no funcionamento da língua, no estudo da linguística, na história

da linguagem, etc. Assim, para que se possa manter um paralelismo e também para elucidar melhor os conceitos, esta seção também é subdividida em subseções: *Sentido e análises linguísticas*, em que realizaremos reflexões e apontamentos sobre o uso do termo *sentido*, que geralmente estará atrelado ao uso de forma. Em *Estudo do objeto da linguística*, observaremos o conceito de sentido, ao considerá-lo a partir de sua interferência direta na forma de tomar a linguística como ciência e como o sentido contribui para a construção desse objeto de estudo. Por fim, em *Construção e reconstrução do sentido*, refletiremos sobre o termo a partir de como o sentido constrói-se no discurso.

2.2.2.1 Análise linguística e sentido

Nesta subseção, veremos como Émile Benveniste utiliza o termo *sentido* ao discutir acerca da análise linguística. A reflexão que aqui propomos começará por observar a forma e o sentido como indissociáveis.

Em *Tendências recentes em linguística geral*, o autor salienta que a priori, para que uma análise linguística possa ser considerada científica, é necessário eliminar o “elemento inapreensível, subjetivo, impossível de classificar, que é a significação ou o sentido”. (BENVENISTE, 2005, p. 12). Desse modo, podemos observar que o autor inicia uma crítica ao fato de a linguística eliminar de suas análises o estudo do sentido.

Posteriormente, em *Os níveis de análise linguística*, na obra *PLG I*, Benveniste mostra a importância da determinação de níveis para os procedimentos de análise linguística. Apenas essa noção é capaz de dar conta da natureza articulada da linguagem e do caráter discreto de seus elementos (BENVENISTE, 2005). Ao aprofundar o tema, Benveniste sistematiza quatro níveis: merismático (dos traços distintivos do fonema), fonemático (das entidades segmentáveis mínimas), sígnico (da palavra), integrativo (da frase). Nesse contexto, o sentido seria “a condição linguística que deve satisfazer a delimitação da nova análise de nível superior (...) e condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status* linguístico” (BENVENISTE, 2005, p.130, grifo do autor).

Dessa forma, ao estudar os níveis e as análises propiciadas por essa reflexão, Benveniste antecipa outra discussão, em *Problemas de linguística Geral II*, abordando com maior profundidade a relação entre *forma e sentido*.

De acordo com o teórico, forma e sentido devem conectar-se de modo sistemático em toda a dimensão da língua, e esse sistema intervém diretamente na estrutura dos níveis e na das funções correspondentes, que se designam como “constituente e integrante” (BENVENISTE, 2005, p. 135).

Dessarte, Benveniste salienta que, quando uma unidade é reduzida aos seus constituintes, ela é vista a partir dos elementos *formais*. É importante frisar que a análise de uma unidade não leva diretamente a outras unidades, isso só põe em ênfase uma estrutura formal. Como exemplo, cita a decomposição da palavra SÁBADO. Cada unidade não contém o sentido da *palavra*, por isso, quando se isolam constituintes temos apenas os aspectos formais. Para que se insira sentido nessas “frações” é preciso integrar essas unidades a outros níveis que contenham unidades que sejam enformadas de significação.

Assim, Benveniste formula que

A *forma* de uma unidade linguística define-se como a sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior. O *sentido* de uma unidade linguística define-se como a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior. Forma e sentido aparecem assim como propriedades conjuntas dadas necessárias e simultaneamente, inseparáveis no funcionamento da língua. As suas relações mútuas revelam-se na estrutura dos níveis linguísticos, percorridos pelas operações descendentes e ascendentes da análise e graças à natureza articulada da linguagem. (BENVENISTE, 2005, p. 135-136)

No entanto, o autor destaca que a noção de sentido pode ainda ter outro aspecto e admite que isso acontece devido ao fato de não ter se distinguido que ele ganhou essa “opacidade tão espessa” (p.136), ou seja, essa amplitude de conceitos.

Desse modo, sendo a língua organizada por signos, “o sentido de uma unidade é o fato de que ela tem um sentido, de que é significante. O que equivale a identificá-la pela sua capacidade de exercer uma ‘função proposicional’” (BENVENISTE, 2005, p. 136, grifo do autor). Assim, o linguista esclarece que essa condição mencionada é necessária e suficiente para que se perceba essa unidade como significante. Em uma análise mais profunda, seria necessário elencar as “funções” as quais as unidades são capazes de exercer e todas deveriam ser citadas.

Então Benveniste se questiona “qual é esse sentido? Aqui ‘sentido’ se toma numa acepção completamente diferente.”(p.136) A resposta que o autor traz é que quando se afirma que algum elemento da língua possui um sentido, compreende-se uma característica que esse elemento possui, enquanto significante, para

constituir uma unidade distintiva, opositiva, delimitada por outras unidades, e identificável para os locutores nativos, de quem essa língua é a língua. Esse “sentido” é implícito, inerente ao sistema linguístico e às suas partes. Ao mesmo tempo, porém, a linguagem refere-se ao mundo dos objetos, ao mesmo tempo globalmente, nos seus enunciados completos, sob forma de frases, que se relacionam com situações concretas e específicas, e sob forma de unidades inferiores que se relacionam com “objetos” gerais ou particulares, tomados na experiência ou forjados pela convenção linguística. (BENVENISTE, 2005, p.137)

Em seguida, o linguista comenta que cada palavra do enunciado tem um *referendum*, no qual o conhecimento acontece no uso nativo da língua, e isso nada tem a ver com saber utilizá-la corretamente. Desse modo, Benveniste encerra explicando que sua intenção era delimitar a noção de “sentido” e distingui-la de “designação”, pois ambas são necessárias no nível da frase.

Assim, podemos perceber que nessa subseção dos estudos da terminologia *sentido*, o autor a utilizou para mostrar a importância de não dissociar os estudos semânticos dos estudos formais da língua, sendo a definição de sentido utilizada como aquela que compõe os valores das unidades, frases, sentenças aqui apresentadas.

As próximas acepções de sentido que aqui interessam encontram-se no capítulo *O sistema sublógico das preposições em latim*. Esse capítulo é dedicado a compreender os usos das preposições, suas transformações e, é claro, o sentido em que são empregadas. Por essa razão, consideramos importante refletir sobre ele, pois as transformações das preposições, juntamente com o sentido, mais uma vez remetem-nos à ideia de que forma e sentido precisam ser analisados de modo contextual. Conforme aponta Benveniste:

É preciso insistir sobre este ponto: cada preposição de um determinado idioma esboça, nos seus diversos empregos, uma certa figura na qual se coordenam o seu sentido e as suas funções e que precisamos reconstituir se queremos dar uma definição coerente do conjunto das suas particularidades semânticas e gramaticais. (BENVENISTE, 2005, p. 141)

Esse aspecto regulador da função da palavra e do sentido é o que perpassa todo o capítulo, sempre apontando para as diferenças semânticas que as diferentes grafias apresentam em cada língua derivada do latim. É por essa mesma razão que o linguista utiliza o termo no capítulo *Para a análise das funções casuais: o genitivo latino*. Assim, propõe Benveniste:

O genitivo é o caso que transpõe sozinho entre dois nomes a função que pertence ou ao nominativo ou ao acusativo no enunciado de verbo pessoal. Todos os outros empregos do genitivo são, como tentamos mostrar acima, derivados desse – subclasses de valor semântico particular ou modalidades de natureza estilística. E o “sentido” particular atribuído a cada um desses empregos deriva, ele também, do valor gramatical de “dependência” ou de “determinação” inerente à função sintática primordial do genitivo. (BENVENISTE, 2005, p. 159, grifo do autor)

O que Benveniste quer mostrar é que o sentido particular é algo que não se mantém igual, pois depende do contexto. O sentido ganhará um valor distinto dos demais, pois será levado em conta o contexto da frase e do discurso. Apenas considerando essa totalidade o sentido da palavra poderá ser determinado.

Em *Forma e sentido na linguagem*, o autor faz a crítica de que apenas a *forma* é tratada com importância pelos linguistas da época (2006), sendo o sentido sempre deixado de lado devido à sua essência subjetiva.

Complementa afirmando que:

De fato, as manifestações do *sentido* parecem tão livres, fugidias, imprevisíveis, quanto são concretos, definidos e descritíveis os aspectos da *forma*. Dos dois termos do problema que nos ocupa aqui, não se estranhe que em geral apenas o primeiro pareça de relevo para a linguística. (...) A presente exposição é um esforço para situar e organizar estas noções gêmeas de sentido e de forma, e para analisar suas funções fora de qualquer pressuposto filosófico. (BENVENISTE, 2006, p. 221)

Desse modo, o autor se propõe a explicar que através da língua, o sentido é o mecanismo de comunicação que se utiliza entre locutores, distintivamente, a forma é a matéria da comunicação, com o sentido excluído. Salienta que, infelizmente, colocar esses dois elementos em oposição é algo comum e nesse texto propõe que se reinterprete o funcionamento dessas noções na língua.

Benveniste (2006) afirma que uma das teorias mais importantes de Saussure foi a proposta da língua como um dos ramos da semiologia geral. Ao discutir acerca do signo linguístico, ele iniciou os estudos da descrição das unidades semióticas,

que possuem justamente a característica de forma e sentido, pois o signo, “unidade bilateral por natureza” (p.225), apresenta-se como significante e significado.

O linguista esclarece que o significante não é somente uma sequência dada de sons da natureza vocal. É o modo sonoro que dá o significado, é “o aspecto formal da entidade chamada signo” (p.225). Já para definir o significado, Benveniste traz a noção de sentido:

A questão não é mais definir o sentido, enquanto o que releva da ordem semiótica. No plano do significado, o critério é: isto significa ou não? Significar é ter um sentido, nada mais. E este *sim* ou *não* só pode ser pronunciado por aqueles que manuseiam a língua, aqueles para os quais esta língua é a *língua* e nada mais. (Benveniste, 2006, p. 227)

Posteriormente, Benveniste propõe que a língua possui dois modos de ser no sentido e na forma. Uma delas é a característica necessária que se possa identificar no interior e no uso da língua tudo o que é de domínio semiótico; a segunda é a língua como semântica, que nos traz o uso da língua em emprego e ação.

Dessa maneira, o linguista busca mostrar como as noções de forma e sentido aparecem sob o viés semântico. A primeira verificação é que o sentido (pelo semântico) “se realiza na e por uma forma específica, aquela do sintagma, diferentemente do semiótico que se define por uma relação de paradigma (...), tais são as operações típicas e complementares” (BENVENISTE, 2006, p. 230).

Com base em Benveniste (2006), acreditamos ser oportuno distinguir o sentido da frase e o sentido das palavras que a constroem. De acordo com o autor, o sentido de uma frase é a ideia e o sentido da palavra é o seu emprego, ou seja, a forma como é articulado com outras palavras. A partir disso, o linguista insere um termo até então deixado de lado, o “referente”: é preciso compreender o sentido a partir da referência de determinado contexto. Por fim, “se o ‘sentido’ da frase é a ideia que ela exprime, a ‘referência’ da frase é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou de fato a que ela se reporta e que nós não podemos jamais prever ou fixar.” (BENVENISTE, 2006, p. 231, grifo do autor).

Assim, podemos perceber que sobre sentido há uma amplitude significativa de usos, mas Benveniste reconhece e se esforça para atribuir um conceito a essa terminologia tão rica que auxiliará nossos estudos posteriormente, quando formos tratar do semântico e do semiótico na língua.

Até o momento, é possível considerar que para Benveniste o conceito de sentido está relacionado ao fato de significar. No entanto, isso se estabelece através do valor que o sentido ganha, o que por sua vez está relacionado ao contexto de uma frase. Por essa razão, o autor frisa várias vezes o quanto é inadequado separar forma e sentido, pois é preciso considerar a globalidade dos níveis linguísticos para que aconteça comunicação. Logo, também é importante destacar que a palavra sentido é utilizada para fazer menção ao semiótico e ao semântico e também para se discutir questões relacionadas à referência.

2.2.2.2 Estudo do objeto da linguística pelo sentido

Nesta subseção, analisaremos como o vocábulo *sentido* insere-se na construção do objeto de estudo da linguística, como esse termo é visto e como se relaciona com as demais vertentes da linguística, como aquelas que se ocupam de sons e questões gramaticais.

No capítulo *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, Benveniste aborda o termo *sentido* quando faz menção à evolução do objeto de estudo da linguística. Mostra que, nos primórdios, ela preocupava-se em descrever a genética das línguas, mas alguns linguistas inquietos começaram a se questionar sobre a natureza do fato linguístico, a realidade da língua e como funcionava a relação entre sons e *sentido*.

Posteriormente, no capítulo *Da subjetividade na linguagem*, Benveniste (2005) realiza uma reflexão sobre o papel da linguagem, questiona-se se não a estamos confundindo com o discurso. Assim, “Se propomos o discurso como a linguagem posta em ação – e necessariamente entre parceiros –, fazemos aparecer sob a confusão uma petição de princípio, uma vez que a natureza desse 'instrumento' se explica pela sua situação como instrumento.” (p.284) Então é preciso ressaltar que o papel da linguagem pode, algumas vezes, se realizar através de meios não linguísticos (gestos e mímica). Nessa ocasião, o linguista aponta para a importância de problematizar a condição de ver a linguagem como um instrumento, isso porque o instrumento é algo fabricado pelo homem, não está na natureza, e a linguagem está na natureza do homem. Não há registros do momento em que um homem completo se encontrou com um semelhante e a partir de então tenham decidido fabricar um meio de comunicação. O que temos é “um homem

falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, 2005, p. 285).

É nesse contexto que Benveniste (2005) aborda a questão da subjetividade do locutor como sujeito, mostrando que em todas as línguas há a classe de palavras dos pronomes pessoais, porque é através dessas classes que o sujeito se constitui. Ademais, é preciso que haja um “eu” e um “tu”, para que se possa constituir o estatuto linguístico de “pessoa”. Dessa forma, o autor esclarece como acontece essa articulação:

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha locução um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade – que eu me torne um *tu* na locução daquele que por sua vez se designa por *eu*. Vemos aí um princípio cujas consequências é preciso desenvolver em todas as direções. (BENVENISTE, 2005, p. 286)

Assim, observamos nesta subseção que o autor preocupa-se em explorar o termo “sentido” em diversos campos do estudo da linguística, dentre eles o início dos estudos do sentido, ainda quando a maioria dos linguistas preocupava-se apenas com a genética das línguas, posteriormente para explicar a *zona do arbitrário* – “quando um signo, mas não outro, se aplica a determinado elemento da realidade, mas não a outro” (Benveniste, 2005, p. 56) e, por fim, para expor que diferentes sentidos podem ser atribuídos a um único signo, dependendo do contexto discursivo em que ele se insere.

Dessa forma, após discutir sobre o uso do termo sentido na concepção do estudo da linguística, verificaremos algumas exposições de Benveniste (2006) que dão conta de como o sentido pode ser mutável de uma língua a outra, como ele se reconstrói em mudanças e variações linguísticas e em casos de tradução.⁷

2.2.2.3 Construção e reconstrução do sentido

Nesta subseção nos basearemos em alguns textos em que Benveniste propõe como se realiza a construção e a reconstrução do sentido à medida que as línguas se reformulam e evoluem, e também algumas questões de tradução. Isso

⁷ Deixaremos claro que não abordaremos de modo detalhado como isso acontece, mas traremos parte da discussão para que tomemos ciência dos estudos realizados pelo linguista.

acontece levando em conta todos os signos que constituem o semântico do texto e também questões culturais que se incorporam à língua, ou seja, o trajeto histórico que a língua percorre ao longo do tempo e a cultura na qual se insere resultam em transformações linguísticas e também traduções de enunciados com sentidos diferentes de uma língua para outra.

No capítulo, *A filosofia analítica da linguagem*, o linguista nos apresenta uma análise sobre as sentenças performativas e constativas. É nesse momento em que o autor propõe que as frases nem sempre recaem sobre as fórmulas vistas no primeiro capítulo deste trabalho – aquelas propostas por Ruth Kempson e John Austin. Por fim, nesse mesmo capítulo, vemos a terminologia “sentido” sendo utilizada juntamente à *referência*, na intenção de convencer o leitor da importância de distinguir os atos performativos dos constativos:

Se não nos prendemos a critérios precisos de ordem linguística e formal, e em particular se não cuidamos em distinguir sentido e referência, pomos em perigo o próprio objeto da filosofia analítica, que é a especificidade da linguagem nas circunstâncias em que valem as formas linguísticas que escolhemos estudar. (BENVENISTE, 2005, p. 305)

Posteriormente, em *Problemas semânticos da reconstrução*, o linguista propõe uma definição muito clara do que entende por “sentido” das palavras, sendo essa concepção ainda mais importante para as análises que tangem aos problemas de reconstrução:

(...) o “sentido” de uma forma linguística se define pela totalidade de seus empregos, pela sua distribuição e pelos tipos de ligações resultantes. Na presença de morfemas idênticos providos de sentidos diferentes, devemos perguntar-nos se existe um emprego no qual esses dois sentidos recobram a sua unidade. A resposta jamais se apresenta de antemão. Só pode ser fornecida por um estudo atento do conjunto dos contextos nos quais a forma é susceptível de aparecer. Não se tem o direito de presumi-la, positiva ou negativa, em nome da verossimilhança. (BENVENISTE, 2005, p. 320, grifo do autor)

É através dessa concepção que nas páginas seguintes do capítulo, Benveniste debruça-se sobre análises de reconstrução, sempre se pautando em como o sentido de determinadas unidades linguísticas poderia ser determinado dependendo da relação que se estabelece com outros tipos de construções.

Em sequência, nos capítulos seguintes, *Eufemismos antigos e modernos* e *Dom e troca no vocabulário europeu*, também são realizados os mesmos tipos de

análises efetuadas acima, todas considerando como o sentido se reconstrói em outras línguas e, no caso dos eufemismos, como esses se modificam através da cultura e do tempo, muitas vezes ganhando sentidos que se opõem ao que Benveniste chama de “sentido primeiro” ou “sentido original”.

Para finalizar essa subseção, trazemos o capítulo *Semiologia da Língua*. Benveniste apresenta a função da língua como produtora de mensagens e afirma que elas não podem ser vistas reduzidamente como signos que, ao serem somados, produzem sentido, mas que já há um sentido do todo (algo intencionado) que se realiza nos signos, que são as palavras:

Ora, a mensagem não se reduz a uma sucessão de unidades que devem ser identificadas separadamente; não é uma adição de signos que produz o sentido, é, ao contrário, o sentido (o “intencionado”), concebido globalmente, que se realiza e se divide em “signos” particulares, que são as PALAVRAS. (BENVENISTE, 2006, p. 65)

Logo, com todos os resgates realizados acima sobre o uso do termo *sentido*, podemos perceber que Benveniste demonstra diferentes preocupações no que tange aos estudos do sentido. Somos levados a pensar como questões de análises linguísticas e forma e sentido não podem ser estudadas e dissociadas umas das outras. O autor propõe que os contextos de todas as palavras se façam presentes em qualquer análise, pois o valor de uma unidade semântica pode ser determinado de acordo com o contexto em que se encontra.

Ao trazer a noção de sentido, Benveniste mostra que não é possível dissociá-la das questões de forma, de mecanismos sintáticos, pois as unidades da frase interligam-se de maneira sistemática com a finalidade e a intencionalidade⁸ de produzir determinado sentido, e essa sistematização interfere diretamente na construção de sentido do enunciado exposto.

De acordo com as reflexões realizadas acima, podemos definir que para Benveniste, de forma geral, o sentido está relacionado ao sistema discursivo. Também é possível verificar que os termos são utilizados como sinônimos ou valor semelhante, como vimos na subseção intitulada *Significação e sentido*, na qual observamos que ele articula e unifica os dois conceitos.

⁸ Aqui a intencionalidade não é prévia, diferente da vista na teoria dos atos de fala.

A seguir realizaremos o levantamento das ocorrências do termo *significância*, foco deste trabalho. Verificaremos que ela é construída a partir da noção de significação e sentido vistas até o momento. No entanto, observaremos que a mesma é utilizada especificamente para discutir acerca dos sistemas e, por essa razão, Henri Meschonnic trabalhará com essa noção ao buscar analisar o sistema de discurso.

2.2.3 Significância

Observando o uso do termo *significância*, salientamos que este aparece em apenas dois textos, *Semiologia da língua* e *Aparelho formal da enunciação*. Assim, vemos, em *PLG II*, Benveniste propor que em algum momento é preciso admitir a diferença entre signo e significado, que todo o signo deve ser visto e compreendido em um sistema de signos, e que essa é a condição da significância (BENVENISTE, 2006).

De acordo com o autor, a característica de significar ou a significância, os critérios de ligação à semiologia e a composição de unidades de significância (ou signos) são o que há em comum em todos os sistemas.

Posteriormente, utiliza-se de comparações entre sistemas para se fazer entender no que tange ao que considera ser a significância. Um dos sistemas utilizados são as obras artísticas. O linguista afirma que as relações significantes acontecem no interior dessa composição artística, pois o artista tem apenas uma visão a ser exposta e a apresenta através de critérios conscientes ou não, e é a isso, e somente a isso, que a obra artística faz referência. Temos aqui, então, um caso em que a significância do sistema é dada pelo autor e que independe de relações exteriores que possam ser feitas. Assim, “a significância da arte não remete então jamais a uma convenção identicamente recebida entre parceiros” (BENVENISTE, 2006, p. 60).

O oposto ocorre no sistema da língua, no qual ela mesma é a sua significância, criando todas as alternativas de “toda troca, e também de toda cultura” (BENVENISTE, 2006, p. 60). O que se quer dizer é que o sistema da língua sustenta todas as significações possíveis que podem ser escolhidas, combinadas ou comparadas, diferentemente do sistema da arte em que a significação de uma obra

é implantada somente pelo artista e não faz parte de um conjunto de signos que podem ser compartilhados em outras obras.

Em seguida, Benveniste mostra que a língua é investida de DUPLA SIGNIFICÂNCIA, pois combina dois modos distintos de significância, denominados *semiótico* e *semântico*: “O semiótico designa o modo de significação que é próprio do signo linguístico e que o constitui como unidade” (BENVENISTE, 2006, p. 64). No semântico, “entramos no modo específico de significância que é engendrado pelo discurso.” (BENVENISTE, 2006, p. 65).

Posteriormente, em *O aparelho formal da enunciação*, Benveniste traz mais uma vez a questão da significância, ao propor sua análise, pensando como o sentido faz parte da significância mas não é ela:

O mecanismo desta produção é um outro aspecto maior do mesmo problema. A enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso. Aqui a questão – muito difícil e pouco estudada ainda – é ver como o “sentido” se forma em “palavras”, em que medida se pode distinguir entre as duas noções e em que termos descrever sua interação. É a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância. (BENVENISTE, 2006, p. 83)

E desse modo pode-se perceber que Benveniste traz a noção de significância para estabelecer o que Gérard Dessons esclarecerá da relação entre o semiótico e o semântico da língua, como isso se relaciona com a ideia de linguagem, estando a língua inserida em um sistema de signos.

Com isso percebe-se que o que Saussure chamou de sistema de signos, Benveniste chamará de sistema de valores, destacando, assim, a importância da teoria do valor. Assim, o valor pode possuir uma certa estabilidade dentro de determinado sistema, mas é sempre único e irrepetível no discurso, no sistema de discurso. Isso é a significância.

O caminho que Benveniste percorreu para chegar a esse conceito foi o de ver o “sistema” de Saussure como um sistema de significação e sentido. No entanto, esse sistema funciona de forma diferente no discurso. A esse valor que as palavras ganham no discurso, Benveniste, segundo Meschonnic, na obra *Traité du rythme: des vers et des proses*, nomeou *significância*. “O caráter comum a todos os sistemas e o critério de sua ligação à semiologia é sua propriedade de significar ou

SIGNIFICÂNCIA, e sua composição em unidades de significância, ou SIGNOS.” (BENVENISTE, 2006, p. 52)

Para aprofundar essa discussão, utilizaremos a obra de Gérard Dessons, *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Nela, o autor (2006) apresenta essa proposta de levar em consideração a subjetividade da linguagem para a construção da significância.

Dessons (2006) propõe que para Benveniste a significância é “o caráter comum a todos os sistemas e o critério de pertencimento à semiologia”⁹(p.91). Ele a define como “sua propriedade para significar”¹⁰ através das “unidades de significância ou signos”¹¹. Para o autor, a definição de significância deve ser observada de perto, na medida em que Benveniste a dissocia da noção de signo, condição suficiente, mas não necessária para a existência de um sistema significante. Em *Semiologia da língua* (2006), há um pensamento que, em primeiro lugar, relaciona a noção de significância à faculdade semiológica, isto é, à faculdade de significar por signos discretos e opostos, então, em um segundo passo, estabelecendo uma distinção entre dois tipos de sistemas de significação: “sistemas onde a significância é posta pelo autor na obra”, como os sistemas artísticos, e “sistemas onde a significância é expressa pelos elementos primeiros em estado isolado, independentemente das ligações que eles possam contrair”¹²(BENVENISTE, 2006, p. 60), como o sistema da língua.

O duplo significado da significância, semiológica e não semiológica, é transmitido para o próprio sistema da língua, que então parece ser um significante duplo, isto é, ter dois modos diferentes de significar, o modo semiótico de um lado e o modo semântico de outro.

De acordo com Dessons (2006), é importante enfatizar que, nessa oposição, o modo semântico acontece junto ao processo de enunciação. “O privilégio da língua é de comportar de uma só vez a significância do signo e a significância da enunciação”¹³, o que também significa – com as consequências que isso implica, tanto para a teoria da linguagem em geral como, especificamente, para a teoria

⁹ Le caractère commun à tous les systèmes et le critère de leur appartenance à la sémiologie.

¹⁰ Leur propriété de signifier.

¹¹ Unités de signifiante, ou signes.

¹² « Les systèmes où la signifiante est imprimée par l'auteur à l'oeuvre », comme le systèmes artistiques, et « les systèmes où la signifiante est exprimée par les éléments premiers à l'état, indépendamment des liaisons qu'ils peuvent contracter » (II, 59-60)

¹³ « Le privilège de la langue est de comporter à la fois la signifiante de signes et la signifiante de l'énonciation ».

literária – que a enunciação é vista como um modo de significação. Esse é um dos interesses da linguística de Benveniste.

O autor mostra que nessa dupla concepção da significação linguística (semiótico e semântico), Benveniste concebe-a como uma extensão da teoria de Saussure:

Quando Saussure introduziu a ideia de signo linguístico, ele pensou que havia dito tudo sobre a natureza da língua, ele não parece ter considerado que ela poderia ser outra coisa ao mesmo tempo, que não no contexto da oposição bem conhecida que ele estabelece entre língua e fala.
¹⁴(DESSONS, 2006, p. 93)

A atitude de Benveniste é simultaneamente epigonal e crítica. Trata-se de ir além, “para além do ponto em que Saussure parou na análise da língua como um sistema significante”(DESSONS, 2006, p.93), isto é, para abordar o problema da significação, é preciso ir além do plano semiótico onde se situa o *Curso de Linguística Geral*.

Segundo Dessons (2006), em Benveniste, a diferença entre semiótico e semântico reside claramente na continuidade da distinção saussuriana entre língua e fala (ou discurso), o semiótico é caracterizado como uma propriedade da linguagem, o semântico é o resultado de uma atividade do falante que ativa a língua. Mas, ao definir “dois domínios ou duas modalidades de sentido, Benveniste se permite pensar a relação de significação como processo (o significar) com a vida como processo (o viver) ‘bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver’”(DESSONS, 2006, p.94)¹⁵. De acordo com Benveniste,

A noção de semântica nos introduz no domínio da língua em emprego e em ação; vemos desta vez na língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constrangendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens. (...) Somente o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo, e por consequência a normalização do pensamento e o desenvolvimento da consciência. (BENVENISTE, 2006, p. 229)

¹⁴ Quand Saussure a introduit l'idée du signe linguistique, il pensait avoir tout dit sur la nature de la langue; il ne semble pas avoir envisagé qu'elle pût être autre chose en même temps, sinon dans le cadre de l'opposition bien connue qu'il établit entre langue et parole

¹⁵ Deux domaines ou deux modalités de sens (II, 21), Benveniste se donne la possibilité de penser le rapport de la signification comme procès (le signifier) à la vie comme procès (le vivre) – « bien avant de servir à communiquer, le langage sert à vivre »

De acordo com Dessons (2006), a passagem teórica do semiótico ao semântico integra na concepção do idioma a dimensão do empírico. De fato, enquanto o nível semiótico deve ser reconhecido como tendo ou não significado, o nível semântico é o “significado” resultante da sequência, a apropriação para a circunstância e a adaptação dos diferentes sinais entre eles, “é absolutamente imprevisível”. (p. 94) O semântico, portanto, é a abertura para o mundo, enquanto o semiótico é o significado fechado em si mesmo e o conteúdo de alguma forma em si mesmo. Do ponto de vista semiótico ao semântico da vida, mudamos nossa lógica.

Dessa forma, Dessons (2006) afirma que, enquanto o semiótico é, em princípio, independente de qualquer referência,

o semântico “necessariamente suporta o conjunto de referentes” da fala, “identifica-se com o mundo da enunciação e com o universo do discurso”. Isto é, o signo em si não precisa estar em uma relação com o mundo para significar; basta que seja um signo, elemento de um sistema¹⁶ (DESSONS, 2006, p. 94-95, grifo do autor)

Por outro lado, o autor estipula que

não é uma adição de signos que produz sentido é, pelo contrário, o significado (o “intentado”), concebido globalmente, que se realiza e se divide em signos particulares, que são as *palavras*. Por enquanto lembraremos que o plano semântico da significação linguística não se limita à soma dos significados contidos num discurso¹⁷. (DESSONS, 2006, p. 95)

Podemos resumir essa discussão destacando que, no texto *Semiologia da língua*, Benveniste aponta que o “mundo semiótico” é fechado e faz parte do sistema, enquanto que o semântico é instável e irrepetível dentro de determinado discurso. Como observa Benveniste, a globalidade do discurso que dá sentido às partes, quer dizer que o todo de um enunciado, funcionando dentro de um sistema é que dá sentido a esse discurso, que só tem determinado sentido uma vez, porque jamais o tempo, o espaço, os sujeitos, as relações estabelecidas entre os elementos discursivos (e também as sintagmáticas e associativas) serão as mesmas. E no

¹⁶ (...)le sémantique, lui « prend nécessairement en charge l'ensemble des référents » de la parole, « s'identifie au monde de l'énonciation et à l'univers du discours ». C'est-à-dire que le signe, en soi, n'a pas besoin de se situer dans un rapport au monde pour signifier ; il lui suffit pour cela d'être signe, élément d'un système.

¹⁷ « Ce n'est pas une addition de signes qui produit le sens, c'est au contraire le sens (l'“intenté”), conçu globalement, qui se réalise et se divise en “signes” particuliers, qui sont les *mots*. On retiendra pour l'instant que le plan sémantique de la signification linguistique ne se confond pas avec la somme des signifiés contenus dans un discours.

momento em que se faz referência a um mundo semântico em um determinado discurso, com um determinado sentido, é que se faz referência à significância. Assim, podemos definir que, de um modo geral, a significância tem a função de agregar os aspectos sistêmicos do signo e do significado, mas isso acontece uma única vez, nunca se utiliza o mesmo léxico da mesma forma, no mesmo tempo, com a mesma intenção.

2.2.4 A particularidade de Émile Benveniste

Na intenção de resumir e articular todo o estudo de Benveniste, realizaremos um resumo da visão benvenistiana acerca dos estudos do sentido, sobretudo no que tange aos conceitos de semântico e semiótico.

O autor salienta que “a natureza semiótica parece ser comum a todos os comportamentos que se institucionalizam na vida social, porque são entidades de dupla face, semelhantes ao signo linguístico” (BENVENISTE, 2006, p. 228) e essa propriedade é o que compõe o sistema. Voltando o olhar para essa questão, o linguista questiona-se sobre o âmbito da frase, pois tudo o que comunicamos é através dela, por mais embrionária e incompleta que seja. Benveniste entende que a frase não pode ser concebida como um signo no sentido saussuriano. Ao contrário, Benveniste pensa que signo e frase são “mundos” diferentes e que precisam de definições distintas.

Para explicar tal distinção, o autor recorre a uma nova proposta semelhante àquela que apresenta os conceitos instaurados por Saussure. Tais definições perpassam para o âmbito do sentido e da forma: “Acabamos de definir uma delas: a língua como *semiótica*; é necessário justificar a segunda, que chamamos de língua como *semântica*.” (Benveniste, 2006, p. 229). A ideia de semântico leva-nos à perspectiva de língua em uso e em atividade. Com isso, ela adquire papel de mediação entre

o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constrangendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens. (Benveniste, 2006, p. 229)

Em consequência, Benveniste define que a expressão semântica é a frase, não sendo mais o significado do signo linguístico, mas sim o que se chama de intencionado, ou seja, a intenção que se constrói ao mesmo tempo em que se constrói o enunciado.

Com essa nova proposta, envolvendo o domínio semântico e o domínio semiótico, Benveniste propõe-se a voltar sempre que necessário às reflexões saussurianas para explicitar esse novo enfoque:

Uma primeira constatação é que o “sentido” (na acepção semântica que acabamos de caracterizar) se realiza na e por uma forma específica, aquela do sintagma, diferentemente do semiótico que se define por uma relação de paradigma. De um lado, a substituição, de outro a conexão, tais são as operações típicas e complementares. (BENVENISTE, 2006, p. 230)

O linguista também chama a atenção para o fato de que, se se determinou o signo como unidade semiótica, é preciso determinar também qual é a unidade semântica, sendo ela a palavra, pois é a menor unidade de uma mensagem “e a unidade necessária da codificação do pensamento” (Benveniste, 2006, p.230). Com isso, “o sentido da frase é de fato a *ideia* que ela exprime; este sentido se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras” (BENVENISTE, 2006, p. 230). Logo, se o sentido da frase está na sua ideia vista de forma integral, a forma verbal está “sempre ligada a um certo presente, portanto a um conjunto cada vez único de circunstância, que a língua enuncia numa morfologia específica” (BENVENISTE, 2006, p. 230). Isso é o que se pode conceber como a articulação semântica, em que forma e sentido trabalham mutuamente para a constituição do intencionado.

O que Benveniste traz a partir de então é que tanto o sistema semiótico quanto o semântico se superpõe na língua. Há o sistema semiótico que dispõe os signos de acordo com critérios de significação, tendo cada um deles possíveis substitutos no eixo paradigmático. Desse modo, “a língua-discurso constrói uma semântica própria, uma significação intencionada, produzida pela sintagmatização das palavras em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo” (BENVENISTE, 2006, p. 233-234).

Assim, conforme Meschonnic (2008a) desenvolve a partir de Benveniste, o semântico está relacionado ao valor, cada palavra ganha um valor, um peso em

cada enunciado que constitui o sentido do discurso. Em seguida, discutir-se-á como significância e valor podem ser tomados como conceitos envolvendo uma mesma problemática na obra de Benveniste.

No texto *Semiologia da língua*, Benveniste faz uma retomada de noções como língua, linguagem e sistema de signos para Ferdinand de Saussure. Logo de início, questiona-se sobre qual é o lugar da língua entre o sistema de signos. De acordo com o fundamento saussuriano, é preciso que todo signo seja entendido em um sistema, sendo essa a condição fundamental da significância. Com isso, Benveniste explicita o raciocínio de Saussure abordando que, desse modo, “dever-se-ão constituir inúmeros sistemas de signos, e entre estes sistemas, explicitar uma relação de diferença e de analogia” (BENVENISTE, 2006, p. 45). Posteriormente a isso, Benveniste propõe-se a esclarecer a noção de sistema, apontando que começará abordando os sistemas não linguísticos.

Assim, o autor postula que os signos, pertencendo a sistemas, são utilizados em diversos e diferentes momentos, e cita: “os signos da escrita, ‘os signos de cortesia’, de reconhecimento, de reunião, em todas as suas variedades e hierarquias, os signos como reguladores dos movimentos de veículos” (BENVENISTE, 2006, p. 51). Entende-se que nossa vida está vinculada a uma rede de signos, que, nas palavras do autor, “nos condicionam a ponto de não se poder suprimir apenas um sem colocar em perigo o equilíbrio da sociedade e do indivíduo” (BENVENISTE, 2006, p. 52).

Após, o autor aborda questões da relação entre sistemas semióticos, a primeira é o “princípio da não redundância”, aqui a reflexão gira em torno de que não há conversibilidade entre dois sistemas distintos, não se podendo, por exemplo, dizer o mesmo através da fala e da música, pois são dois sistemas com “bases diferentes” (BENVENISTE, 2006, p. 53). No entanto, o alfabeto Braile, dos deficientes visuais, o Morse ou o alfabeto dos deficientes auditivos são passíveis de conversão, pois participam da mesma base. O segundo princípio completa esse primeiro, e afirma que, ainda que existam dois signos iguais em sistemas diferentes, não há necessária equivalência de sentido, ou seja, não importa o seu valor intrínseco, mas apenas como ele funciona no interior do sistema, com relação aos outros signos. “O valor de um signo se define somente no sistema que o integra. Não há signo trans-sistemático.” (BENVENISTE, 2006, p. 54).

Por fim, para que seja realizada uma relação entre dois sistemas distintos, é preciso que esse vínculo aconteça por um meio semiótico. De acordo com Benveniste, a relação semiótica entre os sistemas acontecerá, então, entre o “sistema interpretante e o sistema interpretado”. O linguista também coloca as condições mínimas que os sistemas devem ter para que seja possível realizar essas relações de comparação entre os sistemas: “(1) um repertório finito de SIGNOS, (2) regras de arranjo que governam suas FIGURAS (3) independentemente da natureza e do número de DISCURSOS que o sistema permite produzir” (BENVENISTE, 2006, p. 57).

A partir de então Benveniste nos faz refletir sobre a diferença entre a significação e o sistema significante. Esse sistema significante coloca em voga as análises sobre as relações acerca de sistema, em relação ao valor dos signos em um sistema, enquanto que a significação aproxima-se da ideia de sentido, sem que se leve em conta as relações semióticas realizadas entre sistemas. Assim, o autor enfatiza que

É evidente que a noção de UNIDADE está no centro da problemática que nos ocupa e nenhuma teoria séria poderá se constituir se ela esquece ou se esquivar da questão da unidade, porque todo sistema significante deve se definir por seu modo de significação. Um tal sistema deve então designar as unidades que coloca em jogo para produzir o “sentido” e especificar a natureza do “sentido” produzido. (BENVENISTE, 2006, p. 57,58)

Para ilustrar o que é dito, Benveniste recorre à distinção entre o sistema da arte (pintura, desenho, escultura) e o sistema da língua. É proposto que essas artes figurativas não remetem a nada aprioristicamente, mas quando o artista as adota para compor a sua obra de arte, termina por assumir uma significação, e essa significação acontece pela organização de obra. As cores e demais materiais utilizados para a composição da obra não podem ser comparados a um signo linguístico, porque a nada remetem.

Desse modo, a significância dessas obras faz sentido apenas em seu interior, não há como realizar comparações ou relações com outro sistema de base distinta, como a língua por exemplo. Em oposição, a significância da língua, “ao contrário, é a significância mesma, fundando a possibilidade de toda troca e de toda comunicação, e também de toda cultura” (BENVENISTE, 2006, p. 60).

Por fim, cabe analisar o que Benveniste considera “dupla significância” da língua, o linguista afirma que a língua possui duas características diferentes, uma delas o modo semiótico e, por outro lado, o modo semântico. Assim, o modo semiótico é aquele que, nas palavras de Benveniste, “designa o modo de significação que é próprio do signo linguístico e que o constitui como unidade” (BENVENISTE, 2006, p.64). Já no semântico entra-se nas questões do discurso, da função da língua como produtora de mensagens. Eis, então, a grande diferença do sistema da língua que possui essa dupla significância, em face dos demais sistemas que possuem apenas um:

A língua é o único sistema em que a significação se articula assim em duas dimensões. Os outros sistemas têm uma significância unidimensional: ou semiótica (gestos de cortesia; *mudrãs*), sem semântica; ou semântica (expressões artísticas), sem semiótica. O privilégio da língua é de comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação. Daí provem seu poder maior, o de criar um segundo nível de enunciação, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância. É nessa faculdade metalinguística que encontramos a origem da relação de interpretância pela qual a língua engloba os outros sistemas. (BENVENISTE, 2006, p. 66)

Assim, vimos de forma geral o ponto de vista para o desenvolvimento do trabalho. Como observado anteriormente, o autor conduz a reflexão mostrando como o sentido se forma em palavras e que “essa semantização da língua leva à análise da significância. Baseado nesse conceito do autor é que, no terceiro capítulo, realizaremos análises de letras de canções, através da perspectiva semântica que a significância propõe.

A próxima seção deste capítulo mostrará as diferenças de concepção de sentido de Michél Bréal, Ruth Kempson e John Austin para o pensamento de Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste. Com esses últimos observar-se-á que a teoria de linguagem de Benveniste advém da reflexão saussuriana e compreender-se-á melhor os pontos em que o autor apoia-se em Saussure para discutir as questões de sentido. Posteriormente, com o respaldo das teorias de Saussure e Benveniste, embasaremos as análises de letras de canções no capítulo posterior.

2.3 A particularidade da noção de sentido em Saussure e Benveniste

Iniciamos nossa discussão com Bréal (1992), a principal proposta do linguista é que a construção da civilização acontece de acordo com a vontade dos cidadãos. As mudanças sociais são motivadas pelo desejo que o falante tem de ser compreendido e, assim, seu discurso se reinventa até atingir o objetivo. Ou seja, para Bréal o sujeito é consciente daquilo que quer criar e realizar.

Assim, Bréal sugere que é dessa forma que vontade e inteligência trabalham em harmonia para promover as mudanças sociais e de civilização. Desse modo, mais uma vez percebe-se o quanto o sujeito mostra-se consciente de suas ações na construção do meio social. Isso não é algo que ocorre de forma natural, é necessária a interferência do homem com racionalidade de sua intervenção. Como exemplo dessa interferência desse “eu” na sociedade, o linguista traz a função do elemento subjetivo, que é a maneira como o sujeito utiliza a linguagem para marcar o que sente e demonstrar sua vontade, inserindo-a na vida social.

Em razão disso é que percebemos que para o autor língua e sociedade são sistemas diferentes, as semelhanças ocorrem porque um nasce pelo outro, reflete o outro e funciona com o outro, porém não fazem parte da mesma ordem ou, como diria Benveniste, não fazem parte do mesmo sistema.

Em contrapartida, Benveniste, em *PLG II*, difere as relações sociológicas das relações semiológicas. De acordo com o autor, a semiologia não vê a língua como parte da sociedade, pois “somente a língua torna possível a sociedade. A língua constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade” (BENVENISTE, 2006, p. 63). Ao encontro desse raciocínio, Benveniste propõe que a relação de interpretância – responsável pela articulação entre o sistema semiológico e semiótico – inverte a ideia de que a língua se encaixa na sociedade.

A língua é, assim, interpretante de todo sistema significante e, como fora dito na seção anterior, investida de dupla significância, por um lado o semiótico e por outro o semântico:

Com o semântico entramos no modo específico de significância que é engendrado pelo DISCURSO. Os problemas que aqui se colocam são função da língua como produtora de mensagens. Ora, a mensagem não se reduz a uma sucessão de unidades que devem ser identificadas separadamente; não é uma adição de signos que produz o sentido é, ao contrário, o sentido (o “intencionado”), concebido globalmente, que se realiza e se divide em “signo” particulares, que são as PALAVRAS. (BENVENISTE, 2006, p. 65, grifo do autor)

Com isso vemos que Benveniste não apresenta a proposta de que haveria uma vontade consciente no discurso, tal como o faz Bréal. Para Benveniste, a intenção se constrói concomitantemente com o discurso, tecendo uma semântica própria “produzida pela sintagmatização das palavras que em cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo” (BENVENISTE, 2006, p. 234), ou seja a intenção não é prévia, mas se constrói à medida em que se constitui o enunciado.

Posteriormente, passamos para os dois outros linguistas apresentados no primeiro capítulo: Ruth Kempson e John Austin. Podemos destacar que Kempson busca encontrar uma pureza de verdade nas sentenças – a semântica veritativa –, e, para isso, recorre às fórmulas das condições de verdade de Alfred Tarski. O objetivo principal dessas fórmulas é acabar com quaisquer possibilidades de desvio da pureza dos fatos, e o modo de realizar isso é recorrendo a fórmulas de logicidade das sentenças. Um desses meios de chegar na realidade intrínseca das sentenças é considerando, por exemplo, a verdade sintética – baseada nos fatos do mundo – e a verdade analítica – fundamentada nos fatos do interior da frase.

De modo semelhante se dá a reflexão dos enunciados pela ótica de John Austin. O referido linguista, no entanto, considerava as sentenças que se concretizavam no momento da enunciação. Em razão disso, a análise da veracidade escapava à concretude dos fatos. Então, o que Austin fez foi categorizar as diferentes tipologias de declarações: constativas (em que não há certeza da veracidade), que se subdividem em locutórias, ilocutórias e perlocutórias; e as declarações performativas, que se realizam no ato da informação. Logo, é perceptível que, tanto para Kempson quanto para Austin, encontrar a pureza dos fatos é determinante para encontrar o sentido verdadeiro da sentença.

Para Benveniste, no entanto, com o conceito do arbitrário, vemos que a linguagem não reflete uma realidade prévia, e com a subjetividade se propõe que cada enunciado seja concebido como único, singular e irrepetível. Com isso podemos considerar que a linguagem constrói o homem e a sociedade, assim, a língua deixa de ser um reflexo e passa a ser constituidora da sociedade, da cultura e do homem. Diferentemente de Kempson, não se pode falar em verdade e condições de verdade, pois o discurso cria a realidade.

Deve-se a essa, dentre outras, a afirmação de que Émile Benveniste e Ferdinand de Saussure possuem teorias de linguagem tão próximas ao ponto de não ser viável dissociá-las, mas sim apresentá-las como uma complementar à outra.

No texto *A forma e o sentido na linguagem*, Benveniste apresenta uma reflexão sobre o que é sentido. Essa noção está ligada à ideia de “conjunto de procedimentos de comunicação” (BENVENISTE, 2006, p.222), assim como também ao conjunto de locutores que enunciam as sentenças. Enquanto que a forma é, do prisma linguístico, a exclusão desse sentido. Posteriormente, aprofunda-se o pensar sobre o papel da linguagem. Vê-se que ela é essencial para o ser humano e para a sociedade, e isso acontece porque é característico da linguagem significar, e por essa razão é que se deve dar grande importância ao papel da significação.

Assim, Benveniste sugere que, quando Saussure propôs o conceito de signo, imaginava que tudo havia sido dito da natureza da língua, no entanto dispõe-se a ultrapassar o linguista:

É necessário, de início, compreender tudo o que implica em relação às noções de que nos ocupamos aqui – a noção de sentido e a noção de forma – a doutrina saussureana ¹⁸de signo. Não se pode deixar de ficar admirado por ver tantos autores manipularem inocentemente este termo “signo” sem discernir o que ele contém de restrições para quem o adota e em que ele o compromete a partir daí. Dizer que a língua é feita de signos é dizer antes de tudo que *o signo é a unidade semiótica*. Esta proposição, sublinhamo-lo não está em Saussure, talvez porque ele a consideraria como uma evidente decorrência, e nós a formulamos aqui no início do exame que estamos fazendo; ela contém uma dupla relação que é necessário explicitar: a noção de signo enquanto unidade e a noção de signo como dependente da ordem semiótica. (BENVENISTE, 2006, p. 224)

Dessa forma, ainda que Benveniste considere que Saussure tenha proposto a noção de signo como “unidade semiótica”, ele salienta que o linguista nunca a explicitou. Posteriormente, coloca em voga que uma das teorias mais importantes de Saussure é que a língua é um dos ramos da semiologia geral. Com isso, facilitou os estudos que aí se iniciariam para a descrição das unidades semióticas: “estas devem ser caracterizadas pelo duplo ponto de vista da forma e do sentido, já que o signo, unidade bilateral por natureza, se apresenta por sua vez como significante e significado” (BENVENISTE, 2006, p. 225).

¹⁸ Sabe-se que no Brasil, em diversos livros e artigos, utiliza-se a forma “saussuriana”, mas aqui utiliza-se “saussureana” pois é tal como foi encontrado em *Problemas de Linguística Geral I e II*.

A seguir, no terceiro capítulo, verificaremos os princípios de análise nas quais embasaremos o trabalho.

3 A CONSTRUÇÃO DA SIGNIFICÂNCIA A PARTIR DA POÉTICA DO DISCURSO DE MESCHONNIC

Neste capítulo, verificaremos como as reflexões de Henri Meschonnic nos auxiliarão a compreender as análises dos aspectos prosódicos e acentuais como também das relações entre os eixos associativos e paradigmáticos que serão propostas na próxima subseção. Essas reflexões serão realizadas através das discussões abordadas por Neumann (2016), em sua tese “*Em busca de uma poética da voz*”.

A autora inicia propondo a reflexão sobre o estudo da noção de ritmo apresentada por Émile Benveniste e teorizada Meschonnic. Benveniste apresenta que a construção da noção do ritmo é consequência de uma construção teórica que ganha sentido “na e pela linguagem”. Após realizar um estudo etimológico sobre a palavra ritmo, o linguista insere em seu estudo a importância da significância para a não dissociação entre forma e sentido:

A análise apresentada pelo linguista se pauta, sobretudo, em uma consideração de forma e sentido, enquanto indissociáveis, enquanto imbricadas na constituição da significância, tanto é que a sua radical oposição à etimologia da época em relação ao termo “ritmo” se dá, sobretudo, na observação que do ponto de vista da forma, não há problemas em concordar com o que apresentam tais estudos, mas que do ponto de vista do sentido, quando se pensa forma e sentido imbricados, tal etimologia se apresenta como equivocada. (NEUMANN, 2016, p.99)

Posteriormente, conforme apresenta Neumann (2016), Meschonnic trata de dedicar-se ainda mais aos estudos de Benveniste, na obra *Critique du rythme*. Em tal obra o autor realiza uma discussão sobre a história do ritmo e propõe que seus alicerces encontram-se na métrica da música. Do mesmo modo, o ritmo inseriu-se também na poesia, no canto e na dança.

Não aprofundaremos a discussão proposta por Meschonnic acerca do ritmo¹⁹, iremos diretamente ao encontro do tema proposto nesse trabalho, ou seja, discutir como a análise do ritmo propõe uma análise de significância, a partir das relações sintagmáticas e associativas que serão analisadas na seção posterior. Assim:

Meschonnic busca pensar a análise do poema como revelador do funcionamento do ritmo no discurso. O discurso assim não pode mais ser visto como o lugar do emprego dos signos, mas como o locus da atividade dos sujeitos na e contra uma história, uma cultura, uma língua. Do discurso,

¹⁹ Sugerimos a leitura das obras *Politique du rythme*, *La rime et la vie*, *Critique du rythme: anthropologie historique du langage*, de Henri Meschonnic para um maior aprofundamento acerca da noção de ritmo.

então, emergem relações sintagmáticas e paradigmáticas que constituem a significância. Somente há sentido, portanto, no e pelos sujeitos, já que o sentido está no discurso, e não na língua. (NEUMANN, 2016, p. 101)

Desse modo, refletindo pelo prisma do sentido, e abarcando tudo o que há no discurso como sendo do domínio do sentido, nota-se que o ritmo constrói a si próprio, conferindo-lhe uma “multiplicidade interna do ritmo”. Ainda conforme postula Meschonic,

se o ritmo e o sentido são consubstanciais um ao outro no discurso, a entonação faz parte do ritmo, a prosódia faz parte do ritmo, elementos que eram excluídos pela métrica. A significância se constrói então também a partir da prosódia e do ritmo acentual do discurso, que possui seus paradigmas próprios, o que faz com que se anule a distinção tradicional que se faz entre som e sentido. É o discurso que produz e constitui a significação, a sintaxe, a “impulsão rítmica”. (MESCHONNIC, 2009, p.185 *apud* NEUMANN, 2016, p. 103).

A partir de tal reflexão, estudaremos como a relação entre sentido e os elementos citados no trecho acima podem ser observados em poemas ou letras de músicas. Para isso, assim como Neumann (2016), buscaremos o auxílio de Gérard Dessons (2011), em sua obra *Le poème* em que o autor atualiza as noções de Meschonic observadas anteriormente. Dessons (*ibid.*) realiza um estudo considerando os aspectos da língua francesa, no entanto, Neumann (*ibid.*) incorporará a teoria à língua portuguesa, o que proporcionará as bases para as análises que aqui realizaremos.

Assim, propomo-nos a demonstrar através de análises de letras de músicas, que compreendem a função poética da linguagem, como se pode observar a construção da significância no discurso acerca da qual teorizamos neste trabalho e que dialoga com a noção de ritmo vista anteriormente. Para isso, buscamos em textos de Daiane Neumann considerações acerca da noção de significância, em especial, a partir discussão referente ao domínio do semântico e do semiótico. É através dessa bibliografia que visitaremos o ponto de vista de Henri Meschonnic, estudioso da linguagem responsável por continuar os estudos de Émile Benveniste e Ferdinand de Saussure.

Conforme Neumann (2014), o semiótico condiciona-nos a observar o sistema de signos da língua, as formas e aquilo que é regular, enquanto que o semântico está correlacionado à enunciação, ao sentido evocado e que jamais é passível de repetição, dessa forma, a língua é um sistema de signos capaz de interpretar a si mesma e aos demais sistemas.

Neumann (2014) traz as reflexões de Henri Meschonnic no que tange à questão do semântico sem semiótico. Para o estudioso da linguagem, quando se propõe “semântico sem semiótico” a intenção não é de excluir esse segundo, mas sim colocá-lo no interior do semântico, isto é, “diluí-lo”, o que nos conduz à significância, que é quando observamos o semântico na atividade do falante. Nessa atividade, somos convidados a enxergar a linguagem de forma única, de modo que seus enunciados são irrepetíveis.

No artigo, *A construção da significância na e pela voz*, Neumann (2017) realiza uma retomada de Meschonnic (2009) que se torna interessante para compreendermos melhor a relação entre linguagem, subjetividade e significância. Por essa razão, é pertinente compreender o que o autor chama de “uma antropologia histórica da voz”, que significa entender a voz como algo que não pode ser desprendido da linguagem e de sua subjetividade. E é no interior dessa voz que essa subjetividade é construída e percebida. Ao encontro disso, vem a noção da significância que nos traz o sentido irrepetível dentro do discurso, a qual, como também frisa Neumann (2017), é também “infinita, pois é sempre passível de construir novos sentidos, a partir de novas leituras. A subjetividade seria aí, pois, toda diferencial, toda sistemática” (p. 663).

Assim, buscamos discutir o que é a significância, mas como ela se constrói é o que Neumann (2017) exterioriza a seguir:

Ao nos enunciarmos, mais do que dizendo, estaríamos fazendo alguma coisa, o que subverte a tradicional separação proposta entre semântica, pragmática e estética. Todos esses níveis aparecem, portanto, englobados no processo de construção da significância, já que a produção de um discurso é concebida como uma ação sobre o mundo, em que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente. (NEUMANN, 2017, p. 664)

Em seguida, a autora realiza observações de como Meschonnic concebia a proposta de Saussure sobre o “modo SEMÂNTICO” e o “modo SEMIÓTICO”. O autor considera o uso dessa expressão para fazer menção à significância que se constrói com os elementos prosódicos e acentuais que constituem os níveis da linguagem. Segundo Neumann (2017, p. 668):

De acordo com Meschonnic (1989/2006), se o sentido está nas palavras, e a significância no ritmo e na prosódia, consequentemente a significância está também na voz. Pela voz, a significância precede o sentido, o porta, na medida em que é o discurso que faz o que em seguida será atribuído às

palavras. A voz precede e porta os termos, o que torna possível a entonação. Compreender precede o sentido.

Assim, é possível compreender a importância dos sons, dos ritmos e da entonação no momento de conceber o sentido daquilo que se fala ou que se lê. A voz pode ser considerada o pano de fundo daquilo que é dito, estruturando o sentido do dizer. Dessa forma, a voz²⁰ é a forma como o sujeito encontra para colocar-se no discurso e o sentido é aquilo que ele realiza.

Nessa perspectiva, realizaremos uma análise que não busque apenas as relações sintagmáticas entre as palavras, ou seja, as relações em que os vínculos entre as palavras são lineares e se constituem através da sintaxe do enunciado. Pretendemos buscar a significância que se constrói a partir de rimas, ecos prosódicos e repetições, isso nos leva a uma análise paradigmática – ou do eixo associativo – na qual relacionaremos palavras e encontraremos um novo sentido, diferente e/ou que complementa os das relações sintagmáticas.

Com isso, o objetivo não é realizar uma grande quantidade de análises para mostrar o sentido dos sistemas apresentados, mas sim como esses textos significam. Ou seja, retomamos aqui a questão do discurso como sistema e de como esses signos ganham valor no interior desse sistema.

No entanto, é importante frisar que para a realização da análise não há de se separar questões formais da língua e do discurso, pois ambos se constituem mutuamente, e essa característica é o que faz com que as unidades presentes no discurso se organizem de uma só vez. Neumann (2017) apresenta que o estudo da voz no interior de um sistema discursivo faz com que percebamos que o sentido pode ser alterado de acordo com o sujeito que se coloca na leitura, e o mesmo ocorre com a significância:

A prosódia figura como inseparável do valor, que é construído pelo poema. Conforme aponta Meschonnic (2009), as palavras, observadas isoladamente, têm apenas seus sentidos, somente o paradigmático e o sintagmático próprios de cada poema fazem o trabalho poético e constroem o valor de cada palavra, em um determinado sistema de valor, produzido por uma obra particular. Outras leituras da mesma obra são possíveis, indefinidamente, na medida em que a significância é infinita, assim como a teoria. O primado da voz contribui para o sentido da não totalidade, da não verdade. (NEUMANN, 2017, p. 669)

²⁰ Este conceito não será tratado no trabalho. Poderá ser verificado nos trabalhos de Neumann (2016 e 2017) elencados nas referências bibliográficas.

Em sua tese, Neumann (2016) propõe dois tipos de acentos em português. O primeiro é o acento sintático que recai sobre a última ou penúltima sílaba.²¹ O segundo tipo de acento proposto é o prosódico, que é “produzido pela repetição de fonemas consonânticos em ataque, ou seja, em abertura de sílabas” (NEUMANN, 2016, p. 119). A consideração apenas dos vocábulos que contêm a repetição de fonemas em início de sílabas também gerará uma significância no interior do texto.

Para elucidar, trazemos o exemplo de uma análise de Neumann (2016) em que pode-se verificar a ocorrência de tal acento, as sílabas que possuem consoantes no ataque, [m] e [t] se repetem, por isso são acentuadas. Já a primeira sílaba “Quan” recebe acentuação devido ao fato de estar em posição de ataque no início do grupo:

Quando a Vó **me** recebeu **nas** férias, ela **me** apresentou aos **amigos**: **Este** é **meu** **neto**. (Manoel de Barros, “Cabeludinho”, Memórias inventadas: a Infância, 2009)

Desse modo, a análise proposta observará os elementos prosódicos e acentuais do texto, não de um modo linear, mas sim de acordo com a proposta de Meschonnic, a partir do eixo sintagmático e paradigmático, pois esses constroem a teia da significância. Com isso, veremos que estudar a significância em um texto nos permite observar que a obra realiza algo, o que nos afasta da noção que separa semântica dos demais aspectos formais da língua.

3.1 ANÁLISES DE LETRAS DE CANÇÕES

A seguir, iniciaremos as análises das letras de músicas nas quais colocaremos em execução a proposta mencionada acima.

Credo
O Teatro Mágico

²¹ Devido aos objetivos do trabalho, esse acento não foi considerado nas análises.

- 1 **Caminhando** pela noite de nossa cidade
- 2 **Acendendo** a esperança e apagando a escuridão
- 3 **Vamos, caminhando** pelas ruas de nossa cidade
- 4 **Viver** derramando a juventude pelos corações
- 5 Tenha fé no **nosso** povo que ele **resiste**
- 6 Tenha fé no **nosso** povo que ele **insiste**
- 7 E **acordar** novo, forte, alegre, cheio de paixão

- 8 **Vamos, caminhando** de mãos **dadas** com a **alma nova**
- 9 **Viver** semeando a liberdade em cada coração
- 10 Tenha fé no **nosso povo** que ele **acorda**
- 11 Tenha fé no **nosso povo** que ele **assusta**

- 12 **Caminhando** e **vivendo** com a **alma aberta**
- 13 Aquecidos pelo sol que vem depois do temporal
- 14 **Vamos, companheiros** pelas ruas de nossa cidade
- 15 Cantar **semeando** um **sonho** que vai ter de ser **real**
- 16 **Caminhemos** pela noite com a esperança
- 17 **Caminhemos** pela noite com a juventude
- 18

É possível perceber que destacamos algumas passagens do texto. Tais destaques buscam colocar em evidência fenômenos de ordem sintática ou prosódica. Marcá-los nos auxilia a realizar a análise e a mostrar como é possível fazê-la levando em conta o eixo das relações associativas, e não apenas o eixo sintagmático, conforme se faz geralmente.

Através do olhar dos acentos prosódicos podemos encontrar recorrência do fonema [d], em início de sílabas, na primeira estrofe. Iniciando com o título “Credo” e localizando repetição no verso 1 em “caminhando” e “cidade”; logo após no verso 2, em “acendendo”, “apagando” e “escuridão”; em seguida, no verso 3, temos novamente “caminhando” e “cidade”, como no verso 1. No verso 4, encontramos “derramando” e “juventude”.

É possível identificar uma relação entre esses fonemas, considerando o vocábulo “Credo” como algo em que se crê, vemos a constituição de sentido que se realiza a partir dos vocábulos posteriormente apresentados com recorrência do fonema [d]. Para a realização dessa leitura, sugerimos construir um eixo associativo no texto apenas com os termos anteriormente citados, ou seja, percebendo como esses termos podem vincular-se uns aos outros, constituindo relações de significância. Elaborando uma relação semântica entre as palavras, temos: caminhando, cidade, acendendo, apagando, escuridão, derramando e juventude. Cada um desses signos acrescenta valor aos que estão a sua volta. Traçando uma

significância de que o caminhar acende o que era escuro, deixando marcas de juventude pelos corações.

Assim, deparando-nos com o vocábulo “corações”, realizaremos a análise dos ecos prosódicos que se criam entre as palavras que possuem sílabas iniciadas pelo fonema [s] ainda nessa primeira estrofe. Ele é encontrado no primeiro verso em “**nossa**” e “**cidade**”, no segundo em “**acendendo**” e “**esperança**”, no terceiro em “**nossa**” e “**cidade**”, no quarto em “**corações**” e no quinto em “**insiste**”.

Primeiramente, é possível estabelecer uma relação de valor entre os vocábulos “nossa/esperança”, sugerindo que a fé proposta na canção é sentida em pluralidade, fé que pode associar-se ao termo “Credo” – título da canção – que em latim significa “creio”. Em seguida, o par “cidade/insiste” confirma a proposta de leitura apresentada anteriormente, sendo a “cidade” a pluralidade observada em “nossa” e “insiste” o movimento que possibilita a “esperança”. As palavras repetidas “nossa/cidade” ganham uma ressignificação, pois estão associadas a novas palavras, como “acendendo/corações”. Por essa razão, podemos observar o pluralismo da cidade acendendo os corações, no entanto, como fora dito anteriormente, para que a construção dessa significância se complete, é necessário somar a análise da repetição do fonema [d] em início de sílaba. Sendo assim, “derramando” e “juventude” completam os valores de “acendendo/corações”, direcionando a construção do sentido para o entendimento de que insistir na esperança é o que enche de luz e juventude os corações que andam a vagar na escuridão da cidade, vocábulo que também se relaciona com “paixão”, encontrada na última linha, sugerindo o fervor que esse acender provoca. É importante salientar também que no eixo sintagmático, as palavras “acendendo” e “apagando” se ligam à “escuridão”, ou seja, iluminar aquilo que estava escuro conduz a uma “paixão”. Assim, é notória a importância de relacionar as análises tanto sintagmática e paradigmáticas pois dessa forma a estrofe constitui um sentido único e singular.

Na segunda estrofe, encontramos repetição do fonema [v] em início de sílaba em “**vamos**” e “**nova**”, no verso 8; “**viver**”, no 9; e “**povo**” nos versos 10 e 11. Mais uma vez, encontramos os acentos prosódicos construindo uma significância interna no texto. É possível estabelecer uma relação do sentido de “vida” entre esses vocábulos, pois através dos ecos prosódicos é razoável considerar um vínculo entre as palavras, nas quais constrói-se a leitura de que uma nova vida será vivida pelo povo, os habitantes da cidade mencionada na estrofe anterior. Vemos também a

repetição do fonema [m] nas seguintes sílabas dos seguintes vocábulos: “**vamos**”, “**caminhando**”, “**mãos**” e “**alma**” no oitavo verso e “**semeando**” no nono. Mais uma vez, na proposta de relacionar os vocábulos, sem necessariamente alcançar uma leitura linear, podemos sugerir a compreensão de que se percorre um caminho que é semeado com a alma. Liga-se a isso reiteração do fonema [d], no oitavo verso, com os elementos “**caminhando**” e “**dadas**”. No nono verso, com os elementos “**semeando**”, “**liberdade**” e “**cada**”. E no décimo verso em “**acorda**”. Assim, percebemos que, apesar das mãos estarem “**dadas**”, é a “**liberdade**” que é semeada em “**cada**” coração.

Assim, chegamos à última estrofe, na qual encontramos recorrência de [d] nos seguintes vocábulos: “**caminhando**” e “**vivendo**” no verso 12, “**aquecidos**” e “**depois**” no 13, “**cidade**” no 14, “**semeando**” no 15 e “**juventude**” no 17. Percebe-se que o verbo viver liga-se ao verbo caminhar dando a ele uma conotação diferente da que possui na primeira estrofe. Ele atribui um significado de vida ao caminhar, o que pode ser verificado com mais exatidão quando “**depois**” a “**juventude**” é “**semeada**”. Na primeira estrofe percebia-se a “**juventude**” ser “**derramada**”, verbo que comumente carrega o sentido de algo que se faz involuntariamente, diferente do semear, que tem um propósito.

Por fim, é válido destacar a grande incidência de gerúndios durante toda a canção que aparecem em rimas internas, o que mais uma vez indica acento sintático: “**caminhando**”, “**acendendo**”, “**apagando**”, “**derramando**” “**caminhando**” (2ª estrofe), “**semeando**” (2ª estrofe), “**caminhando**”, “**vivendo**”, “**semeando**” (3ª estrofe). Especificaram-se as estrofes encontradas porque, apesar de alguns verbos repetirem-se, nas repetições eles ganham novos sentidos, pelo fato de estarem relacionados com diferentes unidades.

Na primeira estrofe, por exemplo, o “**caminhando**” encontra-se como único verbo no primeiro verso, o que se sugere apenas um simples caminhar. Na segunda estrofe, ele é antecedido por “**Vamos**”, que sugere não só um simples caminhar, mas uma pluralidade de um povo que avança com precisão nesse caminho. Por fim, na última estrofe, o verbo liga-se a “**vivendo**”, adquirindo, então, sentido de ânimo e existência. Exatamente essa era a esperança da primeira estrofe, onde se pode encontrar a dicotomia “**acendendo/apagando**”.

Para finalizar, é possível compreender que através da discussão realizada, a letra busca mobilizar cidadãos para uma nova era, em que se acredita que é

possível uma mudança, desde que se tenha a esperança e o sentimento de juventude e resistência vivos para o que ainda é um sonho possa tornar-se realidade.

Assim, é possível observar a possibilidade de exploração de sentidos de um texto ao considerar seu caráter sistemático, a partir da organização sintagmática e paradigmática. Não foi realizada apenas uma leitura linear, buscou-se, sim, outros aspectos que possibilitaram que outros sentidos fossem explorados na canção.

Boneca de Pano

O Teatro Mágico

- 1 Que **força** é essa, linda **flor**?
- 2 Que **se** anuncia **sem** pudor
- 3 Que **faz** o mundo **se** inclinar
- 4 **Só** pra **poder** **te** admirar

- 5 **Teu** riso **realçando** a **cor**
- 6 O ineb**riante** caminhar
- 7 A lua **sobre** o **pobre** **mar**
- 8 **Debruça** para **soluçar**

- 9 Que prece é **essa**?
- 10 Que **sonho** é **esse**?

- 11 Que **forma** **tão** **rara**
- 12 Que **olhar** **sincero**

- 13 Que **força** é **essa**, linda **flor**

Assim como na análise realizada no texto anterior, nessa também destacamos os ecos prosódicos que observados a partir do eixo paradigmático do texto, apresentam uma compreensão que sugere sentidos outros, para além daqueles que se percebe no eixo sintagmático.

Atentemo-nos, então, para os ecos encontrados nas sílabas iniciadas pelo fonema **[f]**: **força** e **flor** (verso 1), **faz** (verso 3), **forma** (verso 11) e mais uma vez **força** e **flor** (verso 13). Rememorando a proposta de apresentar uma leitura que possibilite observar como essas palavras ganham sentido no interior do texto e como é possível construir uma significação com a associação dessas unidades, também propomos observar como os aspectos semânticos de algumas palavras com ecos em **[f]** se relacionam entre si. Poderíamos, por exemplo, perceber que a priori “flor” é um elemento da natureza caracteristicamente visto como frágil. No entanto, ao ligar-

se com “força” e “faz”, seu sentido transforma-se por completo, atribuindo a propriedade de força à flor. Em seguida, a repetição dos termos “força” e “flor” adicionado ao vocábulo “forma” dá ênfase à noção resistência à antiga fragilidade da “flor”.

Na sequência, temos repetição do fonema [s] em: “força”, “essa”, “se”, “anuncia”, “sem”, “se”, “só”, “realçando”, “sobre”, “debruça”, “soluçar”, “prece”, “essa”, “sonho”, “esse”, “sincero”, “força” e “essa”. É notório que as incidências de [s] na primeira estrofe, em sua grande maioria, precisam de referentes com significação preenchida para que sejam compreendidos. Assim, “essa” faz referência à “força”, e “se”, “sem” e “só” compõem o sentido de “anuncia”. Assim, compreendemos que a força se anuncia só. Se observarmos, ainda, a leitura sugerida pela recorrência do fonema [f], na primeira estrofe, é possível ler como a força que há em uma só flor.

Em seguida, podemos perceber a construção semântica que ocorre no conjunto de “realçando”, “sobre”, “debruçar”, “soluçar”, “prece”, “essa”, “sonho”, “esse”, “sincero”. Na proposição de relacionar os termos citados acima, é possível conceber a ênfase que “realçando” dá para a ação do que se “debruça” para “soluçar”. Ou seja, é possível sugerir que algo se debruça a chorar. Depois, tem-se “prece” e “sonho” como referentes de “essa” e “esse”, respectivamente. Essa repetição pode sugerir que há um “sonho”, que é uma “prece”; esse sonho é “sincero” e desejado com “força”.

Posteriormente, temos “caminhar”, “mar”, “soluçar”, “olhar”. A palavra “soluçar” ganha um novo sentido quando inserida nesse novo sistema de discurso, diferentemente de “chorar”, quando observado a partir da construção de seu valor, em relação aos outros vocábulos em que se encontram ecos prosódicos, a partir de sílabas que se iniciam com o fonema [s]. É viável considerá-lo de forma poética como o “soluçar do mar”, fazendo alusão às ondas. Assim, podemos sugerir que, ao longo de um “caminhar”, um “olhar” é lançado para o “soluçar do mar”. Por fim, há reiteração do sentido visto no primeiro verso, enfatizando a força da flor (do feminino).

Também se destaca a repetição de [b], indicando acento prosódico e semântico em início de sílaba: “inebriante”, “sobre”, “pobre” e “debruça”. Esse trecho da música sugere que alguém, pelo seu estado “inebriante”, “debruça-se” sobre

algo, o que lhe caracteriza “pobreza” na acepção de desventurado, pois não há nenhum outro vocábulo que ligue “pobre” às condições socioeconômicas.

Por fim, é preciso contextualizar o título da canção com tudo que foi explorado até o momento. A principal característica é que podemos realizar uma associação entre a fragilidade da “flor”, que culturalmente é vista como o símbolo do feminino, esse culturalmente considerado o sexo frágil e da “boneca de pano”. Pois, assim como a flor, a boneca de pano pode ser facilmente destruída. Também é possível realizar uma associação entre “força” e a fragilidade da “flor”. Essa última, muitas vezes, floresce e resiste mesmo em meio às intempéries, assim como a mulher na qual o sujeito do poema faz referência, pode tornar-se forte mesmo quando é frágil.

Concluimos essa análise verificando que, de modo geral, trata-se de uma composição que busca exaltar as qualidades de um feminino. Tais características parecem estar fora do alcance do sujeito do poema²², devido ao enunciado “Que sonho é esse?”, seria como um amor platônico, por exemplo.

Ao longo da análise foram destacadas diversas palavras que tiveram seu sentido alterado quando analisadas por diferentes prismas. Assim, é necessário considerar o quanto o sistema no qual as palavras estão inseridas é relevante para a compreensão e o sentido atribuído a elas.

Sobra tanta falta

O Teatro Mágico

- 1 Falta **tanta** coisa na **minha** janela como **uma** praia
- 2 Falta tanta coisa na **memória** como o rosto **dela**
- 3 Falta **tanto** tempo no **relógio** quanto uma **semana**
- 4 **Sobra tanta falta de paciência** que **me** desespero
- 5 **Sobram tantas meias verdades** que guardo pra **mim mesmo**
- 6 **Sobram tantos medos** que nem **me** protejo **mais**
- 7 **Sobra tanto espaço dentro** do abraço
- 8 Falta **tanta** coisa pra **dizer** que nunca consigo

- 9 **Sei** lá se o que me **deu** foi dado
- 10 Sei lá se o que me deu já é **meu**
- 11 Sei lá se o que me deu foi dado ou se é **seu**

- 12 Vai **saber** se o que me deu quem **sabe**
- 13 Vai saber quem **souber** me **salve**

²² De acordo com Neumann (2016), o sujeito do poema é “a subjetivação máxima, integral de um discurso, que, por isso, constitui-se em um sistema de discurso.”

- 14 Vai saber o que me deu quem sabe
 15 Vai saber quem souber me salve

A análise realizada a seguir irá propor como os ecos prosódicos constroem o valor das palavras e das sentenças ao longo do texto. Verificaremos como é possível encontrar analogias que permitam a ênfase de significados, criando um sentido único e irrepetível em cada vocábulo da canção.

Iniciaremos atentando para a constituição de significados que surgem com a repetição dos fonemas dentais, em inícios de sílabas. Primeiramente, o foco será nos ecos do fonema **[t]**, na primeira estrofe. Nela encontramos “falta”, “**t**anta(o), “**t**empo”, “ro**t**o”. Podemos construir uma significação através dessas unidades que, posteriormente, complementar-se-ão ainda mais de valor único quando associadas ao fonema também dental **[d]**, quando estiver em início de sílaba. Desse modo, com o advérbio de intensidade “**t**anto” relacionado aos substantivos “falta”, “**t**empo” e “ro**t**o”, é sugerido que se sente falta de alguém devido ao longo período de tempo sem ver seu rosto. Esse sentimento de falta complementa-se ainda mais quando agregamos os termos “**d**ela”, “**d**esespero”, “**g**uardo”, “**v**erdades”, “**m**edo”, “**d**entro”, “**d**izer”. Assim, através do pronome “dela”, sugere-se que o sujeito do qual se sente falta é do gênero feminino. Em sequência, o enunciador demonstra “desespero” por guardar (guardo) “verdades” e “medos” “dentro” de si e não “dizê-los”.

Também é interessante analisar a presença marcante do fonema **[m]**, presente em início de sílaba nas palavras “**m**inha”, “**m**emória”, “**m**im”, “**m**esmo”, “**m**edos”, “**m**e”. É perceptível uma grande ênfase para o “eu” através dos pronomes “minha”, “mim” e “me”. Notamos, portanto, que os vocábulos que circundam esses pronomes fazem referência a esse sujeito, e então temos “mesmo”, “memória” e “medos”, que significam os medos que ele carrega na memória.

Outro fonema que também apresenta destaque no princípio de sílabas é o **[s]**, presente em: “**s**emana”, “**s**obra”, “**p**aciência”, “**e**spaço”, “**a**braço”, “**c**onsigo”, “**s**ei lá” (julgamos importante tomar essa expressão como um todo, pois o “lá” modifica o sentido de saber, que é ter conhecimento, assim, “sei lá” é não saber), “saber”, “souber” e “salve”. Logo, diferente da primeira estrofe, na qual se encontravam pronomes que faziam referência ao “eu” e conotavam um sujeito falando de seus sentimentos. Na análise das ocorrências do fonema **[s]**, quando encontrado em início de sílaba, o que irá indicar o “eu” é o “sei” da expressão “sei lá” e o “consigo”,

pois estão conjugados na primeira pessoa do singular. Assim, através dos substantivos em destaque: “semana”, “espaço”, “abraço”, “paciência” e “sobra”, percebemos a confirmação da leitura sintagmática da canção, que apresenta um sujeito descontente com o momento da vida, e vai ao encontro de sentido da leitura linear. Ao fim, vemos o verbo “saber” conjugado de modos distintos: “saber” e “souber”. Já não é mais um “não saber” como expressado em “sei lá”, mas uma pergunta retórica sobre quem possui conhecimento de algo. Nessa análise em questão percebemos mais uma vez um momento em que os ecos prosódicos articulam-se no eixo associativo constituindo uma significância.

Para concluir, vemos a relação dos fonemas [s] e [t], em início de sílaba com os vocábulos presentes no título da canção. É possível estabelecer aqui uma relação semântica de antonímia. Isso porque o advérbio “tanta” quantifica não somente o “sobra”, mas sugere algo que se tem a mais do que o que se quis ter, bem como também intensifica o substantivo “falta”. Dessa maneira, vemos que algo sobra justamente devido à falta de outra coisa.

Diante do exposto, podemos verificar que há muita falta por conta da ausência do sujeito feminino ao qual o enunciador faz referência na primeira estrofe da canção, através do pronome “dela”. É como se o sujeito do poema sentisse falta de uma falta, pois faltam memórias que ele gostaria de ter e não as tem.

Aquarela

Toquinho

- 1 Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
- 2 E com cinco ou seis retas é fácil **fazer** um castelo
- 3 Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva
- 4 E se **faço** chover, com dois riscos **tenho** um guarda-chuva
- 5 Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do **papel**
- 6 Num instante **imagino** uma linda gaivota a voar no **céu**
- 7 **Vai voando, contornando** a imensa curva norte-sul
- 8 **Vou** com ela **vijando** Havaí, Pequim ou Istambul
- 9 **Pinto** um barco a **vela** branco **navegando**
- 10 É tanto céu e mar num beijo azul
- 11 Entre as nuvens **vem surgindo** um lindo **avião** rosa e grená
- 12 Tudo em **volta colorindo**, com suas luzes a **piscar**
- 13 Basta **imaginar** e ele está **partindo**, sereno e **lindo**
- 14 E se a gente **quiser** ele vai **pousar**

15 Numa folha **qualquer** eu **desenho** um navio de **partida**
 16 Com alguns bons amigos **bebendo** de bem com a **vida**
 17 De uma América a outra **consigo passar** num **segundo**
 18 **Giro** um simples compasso e num círculo eu **faço** o **mundo**

19 Um menino **caminha** e **caminhando chega** no muro
 20 E ali logo em frente a **esperar** pela gente o futuro **está**
 21 E o futuro **é** uma astronave que **tentamos pilotar**
 22 Não tem tempo nem piedade nem tem hora de **chegar**
 23 Sem **pedir** licença **muda** nossa **vida**
 24 Depois **convida** a **rir** ou **chorar**

25 Nessa estrada não nos **cabe conhecer** ou **ver** o que **virá**
 26 O fim dela ninguém **sabe** bem ao certo onde **vai dar**
 27 **Vamos** todos numa **linda passarela**
 28 De uma **quarela** que um dia enfim
 29 Descolorirá

30 Numa folha qualquer eu desenho um sol **amarelo**
 31 Que **descolorirá**
 32 E com cinco ou seis retas é fácil fazer um **castelo**
 33 Que **descolorirá**
 34 Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo
 35 Que **descolorirá**

A análise dessa canção também será feita através dos ecos prosódicos, no entanto também se perceberá como há uma construção semântica através da organização e conjugação dos verbos, ou seja, além de não dissociarmos o som do sentido, estaremos refletindo sobre como pode acontecer a compreensão textual.

Primeiramente, reconheceremos os acentos prosódicos entre as sílabas que iniciam com [v] em cada estrofe e como podemos propor a constituição de uma significação própria através da associação das palavras. Logo, na primeira estrofe encontramos: “lu**va**”, “cho**ver**” e “guarda-chu**va**”. É notório que há uma repetição de elementos que compõem os acessórios de ocasião de um clima frio e chuvoso. No entanto, no verso 9, temos a introdução do novo sentido que o eco prosódico de [v] constituirá na estrofe seguinte, são os termos: “gai**vota**” e “**vo**ar”. Essas duas palavras em conjunto já significam claramente o voo da gaivota, que terá continuação na segunda estrofe com os vocábulos “**vai**”, “**vo**ando”, “**curva**”, “**vou**”, “**v**iajando”, “**v**ela” e “**nave**gando”. Através da perífrase verbal “vai voando” e pelo fato de o verbo “ir” estar conjugado na terceira pessoa do singular, pode-se verificar que “voando” e “curva” ainda fazem referência à “gaivota” da estrofe anterior. Assim,

compreendemos que seu voo ainda está acontecendo. E “vou” (conjugado na primeira pessoa do singular) é o enunciador que vai “viajando”, “navegando” em um barco à “vela”.

Em sequência, na terceira estrofe, temos além do acento sintático, a prosódia de [v]: “nuvens”, “vem”, “avião” e “volta”. Em seguida, o olhar do enunciador “volta-se” novamente para o alto. Onde antes havia uma gaivota, “vem” um “avião” entre as “nuvens”. Em curso, na quarta estrofe, o eco prosódico das sílabas que se iniciam com [v] já faz menção a outro elemento viajante, o “navio”, que através da repetição da fricativa vozeada [v], associa-se ao termo “vida”. Na sequência, quinta estrofe, o objeto que se locomove é uma “astronave” que se articula com “vida” e “convida”, que se somando a todas as outras incidências da repetição [v] sugere que ter vida é estar nesse movimento. Confirma-se isso na sexta estrofe, em que os termos com tal ressonância são todos verbos que sugerem ação: “ver”, “virá”, “vai” e “vamos”.

Partiremos agora para as análises nas quais serão evidenciados elementos verbais que podem contribuir para a constituição de sentido. Dessa forma, foi perceptível a incidência de verbos no infinitivo, no presente do indicativo, no gerúndio e no futuro.

Contatamos que os verbos no infinitivo, ou que estão em uma perífrase verbal estão inseridos em um contexto de algo que o sujeito do poema pode realizar: como no verso 5, “é fácil **fazer** um castelo”, a presença enfática do adjetivo em propor que algo possa ser realizado sem esforço denota que a ação ainda não foi realizada. No verso 7, a conjunção “se” antecedendo a locução “**faço chover**” indica a suposição de algum acontecimento, logo não é algo que esteja ocorrendo e tampouco se realizado, mas sim que possa acontecer. No verso 9, temos “imagino uma linda gaivota a **voar** no céu”, o ato de imaginar sugere algo abstrato que não está acontecendo factualmente, mas que pode ser realizado, poderá ocorrer.

A terceira estrofe é totalmente composta por elementos do imaginário do enunciador, por essa razão, percebemos que todos os versos são construídos através da suposição do aparecimento de um avião que possui “luzes a **piscar**”. Posteriormente, o autor sugere que “basta **imaginar**” e, para corroborar, no último verso da estrofe, temos a conjunção “se” mais uma vez, que caracteriza a possibilidade de algum acontecimento: “se a gente **quiser** ele vai **pousar**”.

Na quarta estrofe, temos a presença da locução “consigo passar”, que, apesar de conter um verbo no infinitivo, faz parte de uma ação do momento presente, a qual analisaremos na sequência. Assim, passamos para a quinta estrofe, na qual se constata que o autor aborda a questão do futuro, ou seja, mais uma vez fatos que não ocorreram, mas que poderão acontecer: “a **esperar** pela gente o futuro está”, “o futuro é uma astronave que tentamos **pilotar**”, “Sem **pedir** licença muda nossa vida depois convida a **rir** ou a **chorar**”.

De modo semelhante ocorre na sexta estrofe, o verbo no infinitivo sempre se articula ou faz referência a outro que está no futuro: “**conhecer** ou **ver** o que virá”, “o fim dela (da estrada [do futuro]) ninguém sabe bem ao certo onde vai **dar**”.

A partir de então nos concentraremos nos verbos e nas locuções que fazem menção ao presente do indicativo, sempre apontando para ações que estão sendo realizadas naquele momento, ou que configuram o que o sujeito do poema²³ está apto a realizar naquele instante de criação. Sob essa perspectiva, temos na primeira estrofe: “...**desenho** um sol amarelo...”, “**é** fácil fazer um castelo”, “...com dois riscos **tenho** um guarda-chuva...”, “num instante **imagino** uma linda gaivota...”. Podemos perceber que esses fragmentos montam o cenário do imaginário do enunciado que é capaz de arquitetar seus sonhos através de desenhos em uma folha de papel.

Na segunda estrofe, temos “**vai**”, que compõe a locução “vai voando”, e “**pinto** um barco a vela...”. Novamente, percebemos aquilo que o sujeito do poema vive no momento, seja através da sua ação, seja através de seu imaginário. Na terceira estrofe, encontramos “vem”, da perífrase “vem surgindo”, que faz parte das fantasias do sujeito do poema com relação à sua vida e seus desenhos. E essa mesma relação segue se estabelecendo ao longo da canção.²⁴

Voltamos, agora, o olhar para os verbos que estão no gerúndio com rimas internas, sugerindo ações que ainda estão sendo realizadas e, por ora, ainda não foram acabadas. Citamos como exemplo “**viajando**” e “**navegando**”, na segunda estrofe; “**surgindo**” e “**colorindo**”, na terceira; “**bebendo**”, na quarta; e “**caminhando**”, na quinta. Por fim, encontramos poucas marcas do tempo futuro na

²³ De acordo com Neumann (2016), o sujeito do poema é “a subjetivação máxima, integral de um discurso, que, por isso, constitui-se em um sistema de discurso.” (p. 76)

²⁴ Esclarecemos que não será feita uma abordagem de todos os verbos do presente do indicativo, pois o motivo é que ficaria repetitivo e a proposta é avançar na análise e demonstrar como a articulação da conjugação verbal contribui para a construção da significância da canção.

canção, são elas: “virá” e “descolorirá”, na última estrofe inédita da canção, pois a estrofe que termina a canção é uma repetição da primeira.

O que queremos mostrar com isso é que o sujeito do poema busca criar uma associação com o tempo, através dos verbos. Sendo assim, inicia pelo infinitivo para construir aquilo que pode ser realizado; posteriormente, pelo tempo presente, constituindo o que seu imaginário é capaz de conceber e, assim, o ilustra. Logo em seguida, encontram-se verbos no gerúndio que remetem ao que ainda está sendo feito, à vida que está acontecendo, que não tem fim e nem previsão de acabar. E, por fim, temos o futuro, sugerindo a noção do tempo que acaba.

Dessa forma, é possível entender que o autor se utilizou do mecanismo da conjugação verbal para marcar a passagem do tempo nas metáforas da canção, que realizam uma analogia com o processo da vida, com os anseios de viajar, com as surpresas que se encontram, com a necessidade de estar sempre em movimento para chegar ao futuro que está sempre prestes a nos fazer rir ou chorar. Com isso, concluímos uma análise que verifica os elementos gramaticais a partir do ecos prosódicos e das rimas, o que salienta a importância da leitura articulada do eixo sintagmático e paradigmático.

Retrato Em Branco e Preto

Chico Buarque

- 1 Já conheço os passos dessa estrada
- 2 Sei que não vai dar em nada
- 3 Seus segredos sei de cor
- 4 Já conheço as pedras do caminho
- 5 E sei também que ali sozinho
- 6 Eu vou ficar, tanto pior
- 7 O que é que eu posso contra o encanto
- 8 Desse amor que eu nego tanto
- 9 Evito tanto
- 10 E que no entanto
- 11 Volta sempre a enfeitiçar
- 12 Com seus mesmos tristes velhos fatos
- 13 Que num álbum de retrato
- 14 Eu teimo em colecionar

- 15 Lá vou eu de novo como um tolo
- 16 Procurar o desconsolo
- 17 Que cansei de conhecer
- 18 Novos dias tristes, noites claras

- 19 Versos, cartas, minha cara
 20 Ainda volto a lhe escrever
 21 Pra **dizer** que isso é pecado
 22 Eu trago o peito tão **marcado**
 23 De lem**branças** do passado
 24 E você **sabe** a razão
 25 Vou cole**cionar** mais um **soneto**
 26 Outro retrato em **branco** e **preto**
 27 A mal**tratar** meu coração

Nessa última canção escolhida para análise, conforme a proposta do trabalho, buscaremos encontrar a significância própria que cada unidade constrói quando associada a outros vocábulos com que estabelece relação através das rimas e dos ecos prosódicos. Mais uma vez, essa investigação realizará uma leitura através do eixo associativo, pois essa é também a principal proposta que busca trazer este trabalho.

Iniciaremos verificando como pode-se compor significados destacando os ecos prosódicos do fonema [s] em início de sílabas. Na primeira estrofe da canção encontramos os vocábulos: “conheço”, “passos”, “sei”, “seus”, “segredos”, “posso”, “sozinho”, “enfeitiçar” e “coleccionar”. Não raro, é possível articular a significação desses termos, encontrando um novo arranjo no eixo paradigmático através das propostas de associação das rimas. A palavra “conheço”, por exemplo, facilmente vincula-se com “passos”, “sei”, “seus”, “segredos”. Não estamos realizando uma leitura linear, no entanto, a análise da utilização de [s], no princípio de sílabas, demonstra a importância de também analisar esse tipo de leitura presente no eixo paradigmático, que não costuma ser observado.

Os demais vocábulos com essa repetição também ganham um sentido distinto daquele encontrado com a leitura linear, porém, para isso, precisam ser associados a outras rimas. Por exemplo: “enfeitiçar” com o fonema [t] está presente no sentido de “tanto” e “encanto”.

As unidades lexicais restantes “posso”, “sozinho”, “coleccionar” também estabelecem uma relação de sentido entre si. Podemos compreender que o sujeito do poema pode coleccionar algo em sua solidão. No entanto, temos uma vaguidade devida à transitividade do verbo “coleccionar”, e por essa razão é válido encontrar referentes na repetição de [t]. Assim, na primeira estrofe, temos: “Estrada”, “volta”, “tristes”, “fatos”, “retrato”, “teimo”. Podemos estabelecer um vínculo de associação

semântica entre **“tristes”**, **“fatos”**, **“teimo”** e **“retrato”**. Esses quatro termos são referência de **“coleccionar”**. O sujeito do poema teima em coleccionar retratos de tristes fatos. Podemos, ainda, estabelecer uma relação de sentido entre **“estrada”** e **“volta”**. Ambos os vocábulo remetem à ideia de caminho e, associando-os aos contextos abordados até o momento, é possível conceber uma estrada, um caminho.

Na segunda estrofe, ainda com a repetição de **[s]** no início das sílabas, encontramos também o acento prosódico, assim temos: **“desconsolo”**, **“cansei”**, **“conhecer”**, **“versos”**, **“lembranças”**, **“passado”**, **“sabe”**, **“coleccionar”**, **“soneto”**, **“coração”**. Aqui, percebemos que o enunciador se sente **“cansado”** (cansei) de seu **“desconsolo”**, desconsolo que já **“conhece”** (conhecer). Seu desconsolo está relacionado às **“lembranças”** do **“passado”**. Então, o sujeito do poema sugere que **“sabe”** e que vai **“coleccionar”** mais um **“soneto”**. E, para que possamos complementar melhor o sentido final, buscamos a repetição de **[t]**, também em início de sílaba, em **“maltratar”** para vincular **“soneto”**, **“maltratar”** e **“coração”**. Assim, é a composição e a agregação de mais um **soneto** à **coleção** que **maltrata** o **coração**.

Buscaremos, agora, as associações das repetições de **[t]** em sílabas da segunda estrofe, pois os da primeira já foram associados aos ecos prosódicos de **[s]** em início de sílabas. Na segunda estrofe temos: **“Tolo”**, **“tristes”**, **“noites”**, **“cartas”**, **“volto”**, **“trago”**, **“peito”**, **“soneto”**, **“retrato”**, **“preto”**, **“maltratar”**. É possível perceber a presença de vocábulo que remetem à noção de derrotismo, como **“tolo”** e **“tristes”**. Quando associamos essas palavras com as demais, estabelece-se o sentido de algo nocivo. **“Noite”** e **“preto”**, por exemplo, remetem à escuridão, que no sentido figurado significa um momento conturbado que o sujeito do poema está vivenciando. E é esse desprazer que o enunciador **“traz”** (trago) no **“peito”**. As demais unidades, **“soneto”**, **“retrato”** e **“maltratar”**, podem ser relacionadas com o eixo associativo em torno de vocábulo que contenham sílabas que se iniciam pelo fonema **[s]**, pois, como foi visto no início do capítulo, essa proposta tem a intenção de complementar as leituras sintagmáticas comumente realizadas. Assim, os vocábulo faltantes são **“coleccionar”** e **“coração”**, porque, além do sujeito do poema **“coleccionar”** **sonetos**, também colecciona **retratos** que **“maltratam”** (maltratar) o **coração**.

Conforme foi possível verificar, as disposições de palavras e verbos interferem diretamente na compreensão, o que é confirmado quando se propõe

construir uma nova forma de interpretar os sentidos, quando na leitura, a disposição dos termos leva a novas possibilidades de construção da significância.

Encerrando as propostas de análises, observamos que é a significância, conceito proposto por Émile Benveniste e atualizado e relido por Meschonnic que admite enxergar diferentes formas de analisar um texto, percebendo como as unidades ganham novos sentidos quando observadas por diferentes perspectivas. Aqui, a ótica adotada foi a de buscar um sentido através de ecos prosódicos, rimas e repetições, o que nos conduziu a uma leitura através do eixo associativo. Salientamos que temos consciência que nem todos esses elementos de análise foram postos em voga durante as investigações. Isso porque nossa intenção era demonstrar como a teoria proposta até então pode ser colocada em execução, e não findar todas as possibilidades de estudo, pois seria contraditório com a teoria que abordamos, já que se a leitura é um ato enunciativo único e singular, então, é possível que outros sentidos sejam explorados em outras leituras.

As análises realizadas confirmam o que vimos nos estudos de Émile Benveniste: é a língua que constrói a realidade e cada signo ganha um valor diferente de acordo com o sistema e com a disposição na qual se insere. Essa concepção das reflexões de Benveniste é uma contribuição para os estudos linguísticos pois amplia significativamente o campo de exploração das investigações sobre o sentido, além disso, as unidades são tomadas com maior cuidado e atenção, pois é através da interação entre elas dentro do discurso que o sentido se constrói.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega, então, o momento de finalizar esta dissertação. É possível perceber que não abordamos tudo o que poderia ser dito sobre a significância, não por ser um conceito de que não se possa dar conta, mas sim porque sua proposta pode ser aplicada de diferentes maneiras, a depender de cada discurso em que é inserida e da ótica pela qual o discurso é analisado. No entanto, acreditamos ter cumprido o papel de iniciar uma reflexão sobre novas formas de olhar para um texto, no caso proposto, as letras de canções.

Para chegar a este último momento, perpassamos por capítulos, seções e subseções em que se realizaram reflexões sobre como a visão dos estudos semânticos interfere diretamente no modo de compreender um discurso.

Por essa razão, no primeiro capítulo, empenhamo-nos em apresentar as noções de sentido dos principais precursores dessa temática e como eles percebiam as questões relacionadas à semântica. Isso possibilitou que a compreensão dos contrastes das teorias anteriores com os alicerces teóricos que adotamos para realizar as reflexões que se interpõem neste trabalho.

Assim, pensamos como, na perspectiva de Michel Bréal, as crenças e as vontades dos indivíduos interferem na reprodução e no entendimento dos sentidos. Observou-se, então, que para o autor não podemos separar a história da evolução do mundo, dos reflexos que isso causa na sociedade e na cultura e que, por essa razão, interferem diretamente na forma como se constituem.

Ainda no primeiro capítulo, foram observadas as noções de filtros de verdade, sugeridos por Ruth Kempson. Esses servem para verificar o quão uma sentença pode ser analisada sob os pontos de vista de fórmulas que prescrevem hipóteses de condicionalidade e, assim, apenas encontra-se sentido naquilo que pode ser comprovado. A referida linguista também discute questões de ambiguidade e vaguidade e propõe outro teste que auxilia a distinguir esses últimos casos nas sentenças.

Além disso, ao final do primeiro capítulo, foram discutidos os fundamentos de John Austin sobre os atos de fala, a partir dos quais o linguista empenha-se para sugerir que determinadas sentenças são também ações. Ou seja, no momento em que algo é dito, algo também é feito.

No capítulo seguinte, tivemos a intenção de suscitar algumas abordagens que se fazem pertinentes para compreendermos melhor as problemáticas de *significação*, *sentido* e *significância*, pois consideramos que são conceitos que, muitas vezes, podem ser utilizados de modo indiscriminado. Para realizar esse aprofundamento, buscamos em Ferdinand de Saussure as raízes que deram origem às reflexões mais acentuadas sobre os estudos do sentido em Émile Benveniste.

Essa foi a maneira pela qual introduzimos uma concepção dos estudos semânticos sob um ponto de vista diferente dos autores abordados no primeiro capítulo. Pela ótica de Ferdinand de Saussure, compreendemos que a língua está inserida em um sistema que está em constante alteração. Dessa forma, a língua é um sistema de signos que estão inseridos na sociedade. Nesse sistema estão imersas as noções de sentido e significação e, se dissociarmos a significação da forma, teremos prejuízo na compreensão semântica da língua e no valor do signo.

Foi essa última reflexão que nos levou às noções que trabalhamos com ênfase em Émile Benveniste: observou-se que a língua opera de modo que forma e sentido articulam-se juntos para a constituição da sociedade e da cultura. Tal questão conduziu-nos a refletir sobre discurso, pois ele é o meio pelo qual a língua se manifesta, e é no interior dele que as unidades ganham sentido. O percurso que o autor fez para discutir essas questões foi o de conceber o que Saussure considerava como “sistema”, como um sistema de significação e sentido. No entanto, Benveniste percebeu que, quando as unidades são inseridas em novos discursos, ganham novos valores, e é a partir dessa reflexão que o linguista chega à discussão do texto “Semiologia da língua”, em que é proposta a noção de significância.

Posteriormente a isso, trazemos a leituras atualizada da obra de Émile Benveniste através da ótica de Henri Meschonnic e Gérard Dessóns. Verificamos como a questão da voz é constituidora do sentido através dos acentos sintáticos e dos ecos prosódicos, e de como a observação desses aspectos analisados através do eixo associativo é capaz de constituir a significância.

Toda essa retomada nos traz uma nova concepção para leitura de textos: a significância é, então, a relação que se constrói entre as unidades inseridas em um discurso, mas que – conforme a proposta do último capítulo – pode ser realizada através de uma leitura paradigmática, pois essa ampliaria ainda mais as relações de sentido que se estabelecem no interior de um sistema.

Portanto, concluimos este trabalho de dissertação acreditando que entregamos uma pequena contribuição para os estudos linguísticos e, sobretudo, do sentido para novas análises de textos, e até mesmo para o ensino de língua, tornando mais reflexiva e criativa a leitura de textos, que muitas vezes acontece de forma superficial, o que ocasiona grande prejuízo na compreensão aprofundada das produções textuais que circundam a vida social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Pontes Editores: Campinas, SP, 2005.
- _____. **Problemas de linguística geral II**. Pontes Editores: Campinas, SP, 2006.
- BRÉAL, Michel. **Ensaio de Semântica**. São Paulo: Editora da PUC, 1992.
- CHICO BUARQUE. Retrato em preto e branco. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/86040/>. Acesso em: 14 jul. 2019.
- DESSONS, G.; MESCHONNIC, H. **Traité du rythme** – des vers et des proses. Nathan: Paris, 2003
- DESSONS, Gérard. **Émile Benveniste, l'invention du discours**. Paris: Press, 2006.
- DAVIDSON, D (1967). **Verdade e significado**. Em Dascal, M. Campinas, Semântica, 1982.
- FIORIN, José Luiz (Org.) **Introdução à linguística II: princípios de análise**. 1. ed. v. 2. São Paulo: Contexto, 2007.
- FREGE, G.(1892) **Sobre o sentido e a Referência**. Lógica e filosofia da linguagem. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1978.
- FREIRE, Evandro. A teoria da enunciação e o princípio da dupla significância na linguística geral de Émile Benveniste. Revista L@el em (Dis-)curso, v.3, 2011.
- GERALDI, João; ILARI, Rodolfo. **Semântica**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.
- KEMPSON, Ruth. **Teoria Semântica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
- MESCHONNIC, Henri. **Critique du rythme: anthropologie historique du langage**. Lagrasse: Verdier, 1982.
- _____. (2008a) **Benveniste: sémantique sans sémiotique**. Em: Dans le bois de la langue. Paris: Editions Laurence Teper.

MORRIS, Charles. **Fundamentos da Teoria dos Signos**. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/~fidalgo/semiotica/morris-charles-fundamentos-teoria-signos.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2019.

NEUMANN, Daiane. **Em busca de uma poética da voz**. 2016. 173f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

_____. (2014). Semântico sem semiótico. *Revista (Con)Textos linguísticos*, v.8(10), 52-65. <http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/6905/5799>

_____. (2017). A construção da significância na e pela voz. *Revista Desenredo*, v.13(3). <https://doi.org/10.5335/rdes.v13i3.7380>

_____. (2018). A linguagem e a vida: reflexões acerca de língua e literatura. *Revista Desenredo*, v.14(3), 435-443. <https://doi.org/10.5335/rdes.v14i3.8577>

NORMAND, C. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

O TEATRO MÁGICO. Boneca de Pano. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/o-teatro-magico/994791/>. Acesso em: 28 fev. 2019.

_____. Credo. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/o-teatro-magico/credo/>. Acesso em: 28 mar. 2019.

_____. Sobra Tanta Falta. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/o-teatro-magico/1975106/>. Acesso em: 02 jul. 2019.

QUINE. Willard V. **Russell's antological development** em Schoenman, R (org.) *Bertrand Russell, Philosopher of the Century*, 304-14. Allen and Unwin

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2013.

TOQUINHO. Aquarela. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/toquinho/49095/>. Acesso em: 10 jul. 2019.